NUEVAMERICA

Nº 89

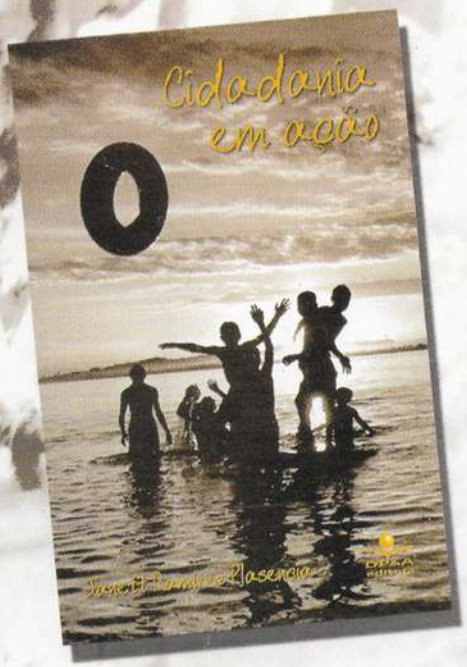
LA REVISTA DE LA PÁTRIA GRANDE

Movimentos sociais e globalização

Movimientos sociales y globalización

25 1976 2001 REVISTA NUEVAMERICA

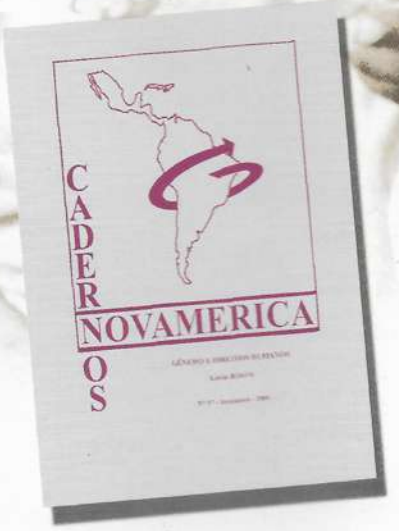
Edições Novamerica: educação para a cidadania



Cidadania em ação
Ramírez Plasencia, Janett
DP&A Editora - Rio de Janeiro, RJ 2001
Preço: R$ 12,00
Trata-se de uma obra que objetiva apresentar o Movimento da Ação da Cidadania, Contra a Fome, a Miséria e pela Vida como um dos meios que possibilite educar para a cidadania.
O intuito foi o de contribuir para que se afirme, de maneira concreta, a democracia a par com a solidariedade e, sobretudo, não deixar apagar da memória nacional os primeiros passos de transformação social que ocorreram com a Ação da Cidadania e a possibilidade que está dada para a edificação de novas ações cidadãs no seio da sociedade brasileira.



Educar em Direitos Humanos: Construir a Democracia
Candau, V.M., Sacavino, S.B., (Organizadoras)
DP&A Editora - Rio de Janeiro, RJ 2000
Preço: R$ 16,00
Este livro inclui uma reflexão dos trabalhos realizados desde 1991 pelos diferentes membros e equipes da Novamerica no sentido de desenvolver uma cultura dos Direitos Humanos como um dos eixos fundamentais para a construção democrática.



Cadernos Novamerica Nº 7 : Gênero e Direitos Humanos
Ribeiro, Lucia
Novamerica - Rio de Janeiro, RJ 2000
Preço: R$ 4,00
Constata que uma das primeiras formas de opressão que houve no mundo foi à subordinação da mulher ao homem.
A partir desse fato, faz um apanhado histórico, indicando como essa opressão foi sendo percebida e melhor, como ela vai gradativamente mudando seu percurso, sobretudo no inicio do século XX, quando as mulheres começam a lutar pelos seus direitos e a enfrentar, de maneira direta, a arrogância machista. Lembra que no Brasil esse enfrentamento só acontecerá a partir dos anos 70, do referido século.
O interesse maior é o de elucidar o que venha ser o conceito gênero e qual sua relação com os Direitos Humanos.

NOVAMERICA
Rua 19 de Fevereiro, 160,
Botafogo, Rio de Janeiro,
Brasil CEP: 22280 -030
Tel./Fax: (021) 542-6244/295-8033
E-mail: novamerica@ax.apc.org
www.ibase.org.br/~novamerica



25 anos a serviço da América Latina

Comemorando, neste ano, 25 anos de existência, nossa revista chega ao século XXI repleta de novidades. Depois da rica e positiva avaliação recentemente realizada por muitos de vocês, seus assinantes, e por especialistas em comunicação, a **Revista Novamerica** dá mais um salto qualitativo. Com esta edição, estamos lançando um novo projeto editorial e gráfico na perspectiva de consolidar um espaço de reflexão e debate em favor de uma América Latina democrática, justa e feliz. Agora são quatro sessões, garantindo uma abordagem ampla e criativa dos temas tratados.

Entrevista: um convite à análise e reflexão das múltiplas dimensões que envolvem o estudo do tema. Uma conversa atualizada e consistente com especialistas no assunto de projeção internacional.

Construindo Caminhos: a divulgação de experiências, fatos e acontecimentos relacionados ao tema, garantindo a constatação dos limites e avanços experimentados pela sociedade latino-americana, no sentido da superação de suas principais dificuldades.

Em Debate: são diferentes pontos de vista ou, até mesmo, opiniões divergentes, provocando a discussão, fazendo avançar o debate, em torno de questões relevantes que envolvem o tema em destaque.

Idéias em Rede: trata-se aqui de aprofundar ainda mais a reflexão, conhecer os resultados de estudos, pesquisas, e os conseqüentes saltos teóricos propostos por diferentes autores interessados no tema em pauta.

Tudo isso e muito mais em textos e imagens que, com certeza, vão mobilizar o leitor, provocar o debate e fazer avançar, neste ano de 2001, a reflexão-ação sobre **Movimentos Sociais, Voluntariado, Interculturalidade/Identidade e Ética.**

Assim, nesta edição aprofundaremos a discussão sobre o papel dos **Movimentos Sociais** hoje na sociedade latino-americana em confronto com os partidos políticos e outras formas de participação e representação sociais. As seguintes questões atravessam todas as matérias: os Movimentos Sociais estão chamados a substituir os partidos políticos? Representam estes movimentos formas radicais de democratização da sociedade latino-americana?

Gostaríamos nessa nova etapa de contar especialmente com a colaboração de tod@s vocês, leitores e leitoras. Mandem sugestões, críticas, reflexões, propostas... junt@s continuaremos construindo uma Novamerica/Nuevamerica.

25 años al servicio de América Latina

Conmemorando este año 25 años de existencia, nuestra revista llega al siglo XXI repleta de novedades. Después de la rica y positiva evaluación recientemente realizada por muchos de sus suscriptores y por especialistas en comunicación, la **Revista Nuevamerica** da otro salto cualitativo. Con esta edición, estamos lanzando un nuevo proyecto editorial y gráfico con la perspectiva de consolidar un espacio de reflexión y debate a favor de una América Latina democrática, justa y feliz. Ahora son cuatro sesiones, garantizando un enfoque amplio y creativo de los temas tratados.

Entrevista: una invitación para el análisis y la reflexión de las múltiples dimensiones que abarcan el estudio del tema. Un diálogo actualizado y consistente con especialistas en el tema de proyección internacional.

Construyendo Caminos: divulga experiencias, hechos y acontecimientos relacionados con el tema, constatando los límites y avances experimentados por la sociedad latinoamericana, con el objetivo de superar sus principales dificultades.

En Debate: son diferentes puntos de vista e inclusive opiniones divergentes, provocando la discusión, haciendo avanzar el debate en relación con cuestiones relevantes que abarcan el tema en destaque.

Ideas en Red: se trata aquí de profundizar todavía más la reflexión, conocer los resultados de estudios, investigaciones y los avances teóricos propuestos por diferentes autores interesados en el tema en cuestión.

Todo esto y mucho más en textos e imágenes que instigantemente van a mobilizar al lector, provocar el debate y hacer avanzar en este año 2001, la reflexión-acción sobre los **Movimientos Sociales, Voluntariado, Interculturalidad/Identidad y Etica.**

De esta manera, en esta edición profundizaremos en la discusión sobre el papel actual de los **Movimientos Sociales** en la sociedad latinoamericana en contraposición con los partidos políticos y otras formas de participación y representación social. Las cuestiones siguientes atraviesan todas las materias: ¿los Movimientos Sociales están llamados a sustituir los partidos políticos? ¿Representan estos movimientos formas radicales de democratización de la sociedad latinoamericana?

Nos gustaría en esta nueva etapa contar especialmente con la colaboración de tod@s ustedes, lectores y lectoras. Envíen sugerencias, críticas, reflexiones, propuestas... junt@s continuaremos construyendo una Nuevamerica/Novamerica.

Sumário

EM DESTAQUE/EN DESTAQUE

Conversando con Perez Aguirre 3
Abraham Magdenzo K.

Luis Péres Aguirre, s.j.
Siempre del lado de las víctimas 3
Mónica Maronna

ENTREVISTA

Movimentos sociais/Movimientos sociales 4
Maria da Glória Gohn

CONSTRUINDO CAMINHOS

"Una propuesta de trabajo con una sólida fundamentación": movimiento de educadores uruguayos por la paz 14
Maestro Víctor Brindisi

Fórum Social Mundial 18
Clóvis Marques

Foro Social Mundial 22
Clóvis Marques

Recuperar la esperanza lavando banderas 26
Ismael Vega Diaz

Tinkunakama
La organización de las mujeres en el Valle Alto de Cochabamba, Bolivia 29
Esther Balboa Bustamante

EM DEBATE

Movimientos sociales y el futuro político 34
Elena Picasso

Partido político: uma espécie em extinção? 39
Chico Alencar

IDÉIAS EM REDE

Movimentos sociais: locus de uma educação para a cidadania e para a democracia 44
Janett Ramírez

Acción social, movimientos sociales, lucha popular 48
Helio Gallardo

Movimentos sociais na esfera global 54
Sonia de Camargo

MOSAICO 58

Em Destaque

Conversando con Perez Aguirre

Abraham Magdenzo K.

Recordar a Luis Perez Aguirre es seguir conversando con él. Así como lo hicimos tantas veces. Abiertos los senderos estrechos de la democracia en nuestros países y aún en los terribles días de las dictaduras, nos preguntabamos una y otra vez: y la educación, dónde está, qué dice, qué piensa,qué hace. Luis Perez Aguirre estaba pensando,sintiendo y actuando para dar respuestas a estas y otras preguntas.

¿De dónde sacas la genialidad, Luis, de articular la teoría con la práctica, el pensamiento con la acción, el sentimiento con la racionalidad?

Seguir conversando con Perico es continuar dialogando con sus textos, con sus dichos, con sus miradas, con sus inspiraciones. Sus escritos se hacen relevantes hoy con mayor fuerza, penetran en nuestras consciencias y en nuestras contingencias. Es una visión de pasado y de presente con mirada inquisidora de futuro.

Conversemos con Luis

Con estupor, asomándote a lo que fueron nuestras dictaduras. "¿Cómo podríamos pretender cosechar frutos de humanidad allí donde casi nada sembramos? Hacen bien los verdugos en poner obscenamente delante nuestro las violaciones que han cometido. ¿Será esa vitrina insoportable la que cambie nuestras inteligencias ya que la Declaración poco pudo hacer?"

Luis, cuanta razón tienes. Eso que dijiste ya en 1986, hace casi 15 años, se hace vigente hoy, aquí después de haber recorrido caminos de transición democrática. Déjame contarte que recién hace unas semanas, aquí en Chile los militares nos dijeron que los desaparecidos fueron lanzados al mar. Nos pusieron tal como tú lo anotas "delante nuestro las violaciones que han cometido". Esta "vitrina del terror", tal como lo señalas nos



Após o trágico e repentino falecimento de Luis Pérez Aguirre, homem de fé e incansável agente na luta pelos direitos humanos, NOVAMERICA, através das palavras da uruguaia Mónica Maronna, não quis deixar de lhe prestar uma breve homenagem, recordando suas ações que se tornam exemplo de coerência e humanidade.

Luis Pérez Aguirre, s.j. Siempre del lado de las víctimas

Mónica Maronna[1]

exige inteligencia.Si te entiendo bien, corrígeme si no es así, no es sólo la inteligencia de la normatividad, de las declaraciones, de las proclamas, de los pactos y las convenciones. No es una inteligencia reactiva, sino que proactiva. Es una educación para el "nunca más".

Quiero preguntarte: ¿cómo se educa proactivamente para el nunca más en una sociedad que desea la impunidad, el silencio, las figuras jurídicas y no la verdad y la justicia?

Puedo leer y escuchar una de tus tantas respuestas que das con fuerza y convicción. Una educación para el "nunca más" es una "que hace aflorar lo más humano del ser humano, su capacidad de amor y de triunfar sobre la muerte multiplicando los signos de Vida, superando las dominaciones y las actitudes egoístas, estableciendo una nueva solidaridad entre todos como fruto de una nueva justicia, una inaudita generosidad amorosa entre los hombres y mujeres de hoy"

Es una buena motivación para encontrar una respuesta, pero me perdonarás, Luis, esa es parte de la contestación, pero no es toda la respuesta. Hay elementos políticos implicados. Se que estas pensando que debiera leer el trabajo que preparaste con Mosca: "Derechos Humanos pautas para una educación liberadora". Te prometo que lo haré. Se me ocurre invitar a otros educadores en derechos humanos, muchos de los cuales fuimos tus discípulos, y – aprovechando los medios tecnológicos a nuestra disposición – abrir, en tu memoria, una conversación en torno a tus textos. Esta, a mi parecer, puede ser la mejor manera de tenerte siempre presente. ●

Al caer la tarde del pasado 25 de enero murió el sacerdote jesuita Luis Pérez Aguirre atropellado por un ómnibus mientras hacía su acostumbrado paseo en bicicleta. Como todos los años en la misma época, 'Perico' había hecho una brevísima pausa en su nutrida agenda para disfrutar del descanso en un sencillo balneario costero, de los tantos que jalonan la costa uruguaya. Pero bastó un absurdo segundo, apenas un inexplicable segundo, para que alguien tan lleno de vida y con tanto por hacer se nos escurriera para siempre.

Al recordarlo, es decir al volver a traerlo al corazón, aparece invariablemente el amigo confiable, el ser humano sobrio, exigente consigo mismo, más bien tímido y esquivo a la hora de los halagos. Un hombre henchido de fe y absolutamente entregado a los designios de su vocación. Sólo así se explica la fuerza con que volcaba toda su capacidad intelectual, cultura general, dominio de idiomas y su prodigiosa pluma para estar *siempre del lado de las víctimas.*

Perico solía repetir que la causa de los derechos humanos es una *opción entrañable* y un *estilo de vida*. Lo central es *"abordar el punto de vista de aquellos que son desposeídos. (...) Es el rostro de los excluidos, de los marginados, de los mendigos, de las prostitutas, de los niños de la calle, de los homosexuales, de la sombra de los torturadores, de los desaparecidos y de todos los olvidados de la comunidad de los derechos humanos"*, escribió en 1991. A ellos dedicó su vida desde diferentes lugares. Ayudó a las prostitutas a dejar de ser explotadas; fundó en 1981 en plena dictadura militar el Servicio Paz y Justicia – Uruguay (SERPAJ); promovió la Educación para la Paz y los Derechos Humanos; escribió una veintena de libros, publicó muchísimos artículos en diversas revistas y medios de prensa y asumió responsabilidades en organismos internacionales, por citar algunos aspectos de su intensa labor. Como lógico corolario de su opción, estuvo detenido y torturado durante la pasada dictadura militar.

Amaba la Iglesia y por eso se permitió levantar la voz desde adentro porque la quería más sensible respecto a la igualdad, la justicia y el reconocimiento de los derechos de todos y de todas. También aquí supo pagar el precio de sus opciones, no siempre comprendidas, con serenidad de espíritu y elegancia, sin asumir nunca el papel de víctima.

Próximo a cumplir los 60 años, Perico vivía desde hace más de dos décadas en el Hogar *La Huella* junto a un grupo de laicos que dedican su vida a hacer crecer a niñas y niños.

En estas bellísimas personas, en los chicos que crecen y en los grandes que acompañan desde una admirable y exigente vocación, se siente la mano de Dios. Y aunque la ausencia de 'Peri' -como gustan llamarle en su casa - es y será muy dura de aceptar, ese camino trazado hace 25 años sigue intacto, con más fuerza que nunca porque está construído sobre bases muy sólidas. *"La Huella,* dice un documento reciente escrito por Perico, *es un lugar sagrado de transformación social, política y eclesial. Donde los niños y niñas más necesitados y lastimados en sus corazones son siempre los primeros".*

Pasado el estruendo provocado por la irremediable pérdida de un 'imprescindible', en el tiempo del balance y del proyecto, Perico sigue convocando a seguir adelante: *"Pa´que es la vida si no es pa' darla"* se puede leer y experimentar en *La Huella*. ●

NE: Luis Pérez Aguirre fue destaque de la contracapa de la Revista Novamerica-Nuevamerica Nº 78: Direitos Humanos: para quem?/Derechos Humanos: ¿para quien?

1 *Docente. Trabajó en SERPAJ-Uruguay en el área de Educación para la Paz y los Derechos Humanos y en su Centro de Documentación*

ENTREVISTA

MARIA DA GLORIA GOHN



Socióloga, professora

Formada pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Mestrado e Doutorado na Universidade de São Paulo

Curso de Especialização na UNESCO em Planejamento da Educação

Pós Doutorado em Sociologia na New School em Nova York

Sempre teve como áreas de concentração a Sociologia e a Ciência Política. Trabalha na Faculdade de Educação da Universidade de Campinas - Unicamp. Coordena o Núcleo de Estudos sobre Movimentos Sociais e demandas da área de Educação que circundam o tema da Cidadania e é pesquisadora do CNPQ.

Socióloga, profesora

Graduada en la Facultad de Sociología y Política de São Paulo

Maestría y Doctorado en la Universidad de São Paulo

Curso de especialización de UNESCO en Planificación de la Educación

Posdoctorado en Sociología en la New School en Nueva York

Su labor siempre estuvo concentrada en sociología y ciencia política. Trabaja en la Facultad de Educación de la Universidad de Campinas - Unicamp. Coordina el Núcleo de Estudios sobre movimientos sociales y cuestiones de educación en torno al tema de la ciudadanía y es investigadora del CNPQ.

NA - *Numa época de globalização, que sentido têm os movimentos sociais?*

Maria da Glória – Independentemente da globalização, os movimentos sociais sempre foram frentes importantes e fundamentais na história da humanidade. Nas últimas décadas, entretanto, adquiriram um papel estratégico na luta contra a exclusão, na luta por uma sociedade mais justa, sem desigualdades, e por uma sociedade com ética.

Independentemente da globalização, os movimentos sociais sempre foram frentes importantes e fundamentais na história da humanidade.

Neste sentido, os movimentos sociais são fatores importantes pela inclusão dos que estão excluídos. São muito importantes na criação/constituição de identidades, assim como no resgate da identidade daqueles que a perderam no processo de espoliação, exploração, a que estão submetidos. Os movimentos também são importantes como processos civilizatórios, já que, nesta sociedade globalizada voltada para o lucro, para o mercado, onde o que menos importa é o ser humano, eles recompõem e repõem o eixo de um processo de desenvolvimento e de direcionamento de políticas públicas que deve ser necessariamente o ser humano, e não o mercado.

NA – *Qual é o papel dos movimentos sociais hoje? Que movimentos considera de maior relevância social e política?*

Maria da Glória – O que alguns analistas têm dito é bastante contraditório. Para alguns, que vêm a história a curto prazo, os movimentos sociais já teriam cumprido o seu papel e agora não seri-

MOVIMENTOS SOCIAIS
MOVIMIENTOS SOCIALES



Foto João Ripper

NA – *En tiempos de globalización, ¿qué sentido tienen los movimientos sociales?*

Maria da Glória – Aun antes de la globalización, los movimientos sociales fueron siempre frentes importantes y fundamentales en la historia de la humanidad. En las últimas décadas, sin embargo, asumieron un papel estratégico en la lucha contra la exclusión, en la lucha por una sociedad más justa, sin desigualdades y por una sociedad con ética.

En este sentido, los movimientos sociales (MS) son factores importantes para la inclusión de los que se encuentran excluidos. Los MS son muy importantes en la creación/constitución de identidades, así como en el rescate de la identidad de los que la han perdido en el proceso de explotación a la que están sometidos. Los movimientos son también importantes como procesos civilizadores, pues en esta sociedad globalizada, orientada al lucro, al mercado, en la que lo menos importante es el ser humano, los MS recomponen y restituyen a un proceso de desarrollo y de orientación de políticas públicas el eje que debe necesariamente ser el ser humano, y no el mercado.

Aun antes de la globalización, los movimientos sociales fueron siempre frentes importantes y fundamentales en la historia de la humanidad

NA – *¿Qué papel juegan hoy los movimientos sociales? ¿Qué movimientos consideras tienen más importancia social y política?*

Maria da Glória –Los analistas se contradicen. Para unos, que enfocan la historia a corto plazo, los movimientos sociales habrían ya cumplido con el papel que les tocaba y

am mais necessários. Foram importantes na fase da luta contra a ditadura, mas hoje estaríamos em outra etapa do processo de desenvolvimento. Esta é uma visão equivocada e muito pontual.

Eu me incluo entre os que vêm os movimentos sociais como sempre necessários, como os únicos caminhos para a construção de uma nova sociedade com justiça, com ética, etc, e sempre importantes, não só porque denunciam, porque protestam, porque resistem às injustiças, mas também porque

Eu me incluo entre os que vêm os movimentos sociais como sempre necessários, como os únicos caminhos para a construção de uma nova sociedade com justiça, com ética.

têm um poder de fazer diagnósticos a partir dos demandatários, e uma capacidade de fiscalização, de controle social, que dificilmente outros organismos da sociedade conseguem ter.

Atualmente os movimentos são também importantes. Não são agendas do passado, porque resistem às políticas criadas de cima para baixo, homogenizadoras, que destróem os indivíduos e seu papel na história e colocam um modelo único e exclusivo a ser trilhado. Eles clamam e reclamam, não só por carência e necessidades, mas também por ele-



Foto João Ripper

mentos na ordem da ética, da moral, por culturas que são negadas, destruídas, esquecidas, pela preservação desses bens culturais, de patrimônio. A gama de movimentos que nós temos é enorme. Eles estão sempre recriando agendas a partir do olhar dos próprios demandatários. É a própria sociedade olhando para si própria e fazendo uma leitura de suas necessidades.

Se formos ver os movimentos que hoje têm relevância do ponto de vista do urbano, veremos aqueles relacionados com questões clássicas ligadas aos temas sociais. Há outros movimentos sociais importantes que merecem destaque, como os movimentos ecológicos, de direitos humanos, da questão de gênero, não referidos somente à questão da mulher, mas também de categorias sociais que eram absolutamente ignoradas e negadas, como os gays. Outros movimentos são os dos indígenas pela demarcação de terras, cada vez mais dentro, principalmente na questão da expansão, das novas frentes agrícolas nessa época de globalização, e são extremamente importantes, bem como os movimentos dos negros, que entre nós, no passado, tinham um aspecto mais de resgate da sua cultura e hoje estão aliando a questão da cultura, à do resgate em termos de raça e de luta contra a discriminação. Movimentos de categorias específicas que a própria conjuntura cria e que no primeiro momento são meros protestos, mas depois acabam ganhando um perfil de movimento social, como é o caso dos caminhoneiros, dos perueiros. São completamente novos, dos anos 90, e acabam tendo repercussão porque conseguem até parar a economia do país em alguns momentos.

Outros movimentos sociais que hoje estão sendo muito importantes são os movimentos contra a globalização. Esses são movimentos novos que estão despertando curiosidade, pois estão questionando algo que até então nenhum outro movimento tinha feito: a questão do lucro, do modelo de desenvolvimento, dos efeitos destrutivos da globalização, das prioridades que o capitalismo dá a determinadas áreas em detrimento de outras. São coisas absolutamente novas e que estão começando a ter reflexos no Brasil.

NA - *Existe uma diferença significativa entre o movimento social dos anos 70, 80 e os da década de 90?*

Maria da Glória – Sim, existem diferenças significativas, porque a conjuntura é outra e tem um papel muito importante para formatar as agendas e as reivindicações dos movimentos sociais. Nos anos 80, na América Latina e, mais especificamente no Brasil, os movimen-

ahora ya no serían necesarios. Fueron importantes en la fase de la lucha contra la dictadura, pero hoy nos encontraríamos en otra etapa del proceso de desarrollo. Se trata de una visión equivocada y muy restringida.

Otros consideramos que los movimientos sociales son siempre necesarios como únicos caminos hacia la construcción de una nueva sociedad en la que haya justicia, ética, etc., y siempre importantes, no sólo porque denuncian, protestan, se resisten a las injusticias, sino también porque el poder que tienen de plantear diagnósticos desde los actores que se los solicitan, y su capacidad de fiscalizar, de ejercer el control social, otros organismos de la sociedad difícilmente lo logran.

En la actualidad, los movimientos son también importantes. No se convirtieron en temas del pasado, porque se resisten a las políticas diseñadas desde arriba, homogeneizadoras, que destruyen a los individuos y a su papel en la historia y plantean un modelo único y exclusivo que se ha de adoptar. Los MS claman y reclaman, no sólo por cuestiones de necesidades, sino también por otras del orden de la ética y la moral, por culturas a las que se niega, destruye, olvida, por la conservación de dichos bienes culturales, de patrimonio. Es muy amplio el abanico de movimientos que tenemos. Reelaboran contínuamente las agendas desde la mirada de los actores sociales a los que están vinculados y la propia sociedad que se mira a sí misma y hace una lectura de sus necesidades.

Una mirada atenta se da cuenta de que los movimientos que hoy por hoy son importantes desde el punto de vista de lo urbano son los que tienen que ver con cuestiones clásicas vinculadas a los temas sociales. Hay otros movimientos sociales importantes que merecen destacarse, como los que trabajan con movimientos ecológicos, derechos humanos, cuestiones de género, no referidas únicamente al tema de la mujer, sino también al de categorías sociales a las que se ignoraba y negaba absolutamente, como es el caso de los homosexuales. Tienen, asimismo, suma importancia, otros movimientos, como los de los indígenas por la demarcación de tierras, cada vez más insertadas, principalmente en la cuestión de la expansión, en los nuevos frentes agrícolas en esta época de globalización, los de los negros, que en todos nuestros países, tenían, en un pasado, un perfil más bien de rescate de su cultura, y hoy en día al tema del rescate en términos de raza y lucha contra la discriminación aúnan el de la cultura. Movimientos de sectores específicos que genera la misma coyuntura y que, en un primer momento, son meras protestas para luego adquirir un perfil de movimiento social, como es el caso de los camioneros, de los conductores de furgones que se utilizan como pequeños colectivos. Se trata de movimientos totalmente nuevos, de la década de los 90, y acaban por tener eco porque llegan a parar la economía del país en algunos momentos.

Otros consideramos que los movimientos sociales son siempre necesarios como únicos caminos hacia la construcción de una nueva sociedad en la que haya justicia, ética.

Otros movimientos sociales que hoy tienen mucha importancia son los que se oponen a la globalización. Se trata de movimientos nuevos, que despiertan la curiosidad, porque están poniendo en tela de juicio algo que hasta la fecha no se había enfocado de esa manera: la cuestión del lucro, del modelo de desarrollo, de los efectos destructivos de la globalización, de las prioridades que le confiere el capitalismo a ciertos ámbitos en detrimento de otros. Son todas cosas absolutamente nuevas y que empiezan a reflejarse en Brasil.

NA – *¿Son significativas las diferencias entre el movimiento social de las décadas de los 70 y 80 y el de la década de los 90?*

Maria da Glória - Sí, son significativas las diferencias, porque la coyuntura es distinta y juega un papel muy importante en el diseño de las agendas y las reivindicaciones de los movimientos sociales. En la década de los 80, en América Latina, y más específicamente en Brasil, los movimientos sociales participaban en la lucha por la democratización, en enfrentamientos con regímenes militares. Había algunos comunes denominadores que hacían el nexo entre los distintos frentes de luchas, y predominaban los movimientos populares que reclamaban, justamente, condiciones de acceso en el ámbito del cotidiano, en cosas tales como vivienda, agua o infraestructura urbana, pero también escuela, salud, transportes, guarderías. Dichos movimientos fueron sumamente importantes. Crearon toda una agenda de reivindicaciones, gran parte de la cual a continuación se encauzó al proceso por la Asamblea Constituyente del año 88.

tos sociais estavam em luta pela democratização, em confronto com regimes militares. Havia alguns denominadores comuns que articulavam diferentes frentes de lutas e havia uma preponderância de movimentos populares reivindicando, justamente, condições de acesso no dia-a-dia, tanto do ponto de vista da moradia, água ou infra estrutura urbana como escola, saúde, transportes, creches. Esses movimentos foram extremamente importantes. Criaram toda uma agenda de demandas, grande parte das quais depois foi canalizada para o processo da constituinte do ano 88.

Esses movimentos tinham como apoio assessorias de ONGs, que às vezes estavam por trás desses movimentos. Eles se mobilizavam, saíam às ruas, protestavam, se reuniam, faziam greves, caminhadas, passeatas, tinham grande visibilidade.

Nos anos 90, a conjuntura muda completamente, não só na sociedade civil, mas na conjuntura do Estado. Na sociedade civil a crise, o desemprego, o aumento da miséria, o efeito da globalização econômica, o efeito das novas políticas neoliberais, leva a certa desmobilização e perda de visibilidade de vários movimentos sociais. Por outro lado, a conjuntura passa a exigir desses movimentos um outro tipo de atuação, não tanto reivindicação, mas de uma atuação mais propositiva, no sentido de participar de algumas frentes de trabalho, participar de alguns programas, porque, justamente, o Estado, que é o outro grande eixo dessas mudanças, passa a ser mais um gestor controlador e menos executor de trabalhos, de frentes na área das políticas sociais. E esse Estado gestor vai fazer parcerias com entidades da sociedade civil e essas entidades vão criar espaços para a participação social institucionalizada, organizada.

O desemprego, o aumento da miséria, o efeito da globalização econômica, o efeito das novas políticas neoliberais, leva a certa desmobilização e perda de visibilidade de vários movimentos sociais.

Vários movimentos sociais, que antes estavam apenas demandando, reivindicando, neste segundo momento, estão em várias dessas frentes participando efetivamente, em termos de algumas políticas focalizadas, algumas políticas pontuais, na construção de determinadas frentes que buscam dar respostas aos problemas sociais. Isso muda a conjuntura da articulação de forças.

Por outro lado, também houve um salto qualitativo muito grande em vários movimentos sociais, que deixaram de trabalhar isoladamente frentes específicas: a luta por moradia correndo num trilho, as lutas pelo transporte, em outro, etc. e criaram os fóruns (fórum da reforma urbana, fórum de participação popular ou fórum da questão agrária).

No rural, sem dúvida, quem vai ser o grande ator é o movimento dos sem terra e, no caso do movimento dos sem terra, é imprescindível um destaque para o MST. Se nós fizermos uma olhada rápida, de relance, o que vai aparecer como movimento social significativo nos anos 90, e não só no Brasil, em toda a América Latina, não é tanto o movimento urbano, mas os movimentos rurais. Nestes, a questão do sem terra ou, no caso do México, de Chiapas merecem destaque, entre outros. O movimento rural ganha relevância, ganha um estatuto que antes nunca teve.

NA – *Para alguns autores os movimentos sociais hoje são a principal forma de representação política. Como a senhora vê essa afirmação?*

Maria da Glória – Movimentos, partidos, sindicatos são como rios que correm em leitos separados, cada um tem o seu curso. Em alguns momentos, poderão se juntar, um realimentar o outro, principalmente, alguns movimentos da conjuntura, alguns momentos em que as lutas se engancham. Hoje, um outro aspecto também de diferenciação dos movimentos nos anos 90 com relação aos anos 80, é que eles atuam basicamente em redes. Enquanto redes, eles têm os nós de articulações e nesses nós, nós podemos ter tanto determinadas instituições, que realizam essa mediação dos nós de uma rede, como determinados eventos e fatos da conjuntura, que criam e reforçam esses laços da rede, que poderão ser laços de solidariedade, laços de apoio ou laços de projetos comuns. No entanto, acho que os movimentos sociais não substituem, como forma de representação, os partidos e sindicatos.

Agora, sem dúvida alguma, nesse início de novo milênio, os movimentos sociais que respondem e atendem muito mais ao cidadão, do que tal como estão estruturados partidos e sindicatos, porque eles têm uma flexibilidade maior, você entra e sai de um movimento social com uma facilidade maior do que num partido. No movimento social as pautas estão mais presentes no cotidiano, no dia-a-dia

A esos movimientos los apoyaban con sus asesores las ONGs, que a veces estaban por detrás de ellos. Se movilizaban, salían a las calles, protestaban, se reunían, hacían huelgas, marchas y manifestaciones, tenían mucha visibilidad.

En la década de los 90, la coyuntura cambia completamente, no sólo en la sociedad civil, sino también en el ámbito del Estado. En la sociedad civil, la crisis, el desempleo, el incremento de la miseria, los efectos de la globalización económica, de las nuevas políticas neoliberales, conllevan una cierta desmovilización y pérdida de visibilidad de varios movimientos sociales. Por otra parte, la coyuntura pasa a exigirles a esos movimientos otro tipo de accionar, ya no tanta reivindicación, sino realizaciones, o sea, participar en algunos frentes de trabajo, en algunos programas, porque, justamente, el Estado, que es el otro gran eje de esos cambios, se convierte más bien en un gestor, controlador, y menos ejecutor de trabajos, de frentes en el campo de las políticas sociales. Y ese Estado gestor implementará asociaciones (*partnerships*) con organizaciones de la sociedad civil, que crearán espacios para la participación social institucionalizada, organizada. En este segundo momento, varios movimientos sociales, que antes no hacían más que reivindicar, se encuentran en varios de estos frentes, participando efectivamente en algunas políticas orientadas a temas concretos, algunas políticas puntuales, en la construcción de unos frentes que tratan de responder a los problemas sociales. Ello hace que cambie la coyuntura en la que se da el nexo entre las fuerzas.

Por otra parte, varios movimientos sociales dieron también un inmenso salto cualitativo, dejaron de trabajar aislados en frentes específicos: la lucha por la vivienda en sus rieles, las luchas por transporte en los suyos, etc., y crearon los foros (foro de la reforma urbana, foro de participación popular o foro de la cuestión agraria).

En el sector rural, indudablemente, el gran actor es el movimiento de los campesinos sin tierra y, en este caso, es imprescindible destacar al MST (Movimiento de los Sin Tierra). Basta una rápida mirada para que se ponga de manifiesto el surgimiento, como movimiento social significativo en la década de los 90, no sólo en Brasil sino en toda latinoamérica, no tanto ya del movimiento urbano, sino de los movimientos rurales. En este ámbito merece destacarse la cuestión de los sin tierra o, en el caso de México, de Chiapas, entre otros. El movimiento rural adquiere importancia superior a la que jamás había tenido.



Foto João Ripper

El desempleo, el incremento de la miseria, los efectos de la globalización económica, de las nuevas políticas neoliberales, conlle van una cierta desmovilización y pérdida de visibilidad de varios movimientos sociales.

NA – *Para algunos autores, los movimientos sociales son hoy la principal forma de representación política. ¿Qué piensa usted de dicha afirmación?*

Maria da Glória – Movimientos, partidos y sindicatos son como ríos que corren en cauces separados, cada uno en el suyo. En algunos momentos, podrán juntarse, uno realimenta al otro, principalmente algunos movimientos de la

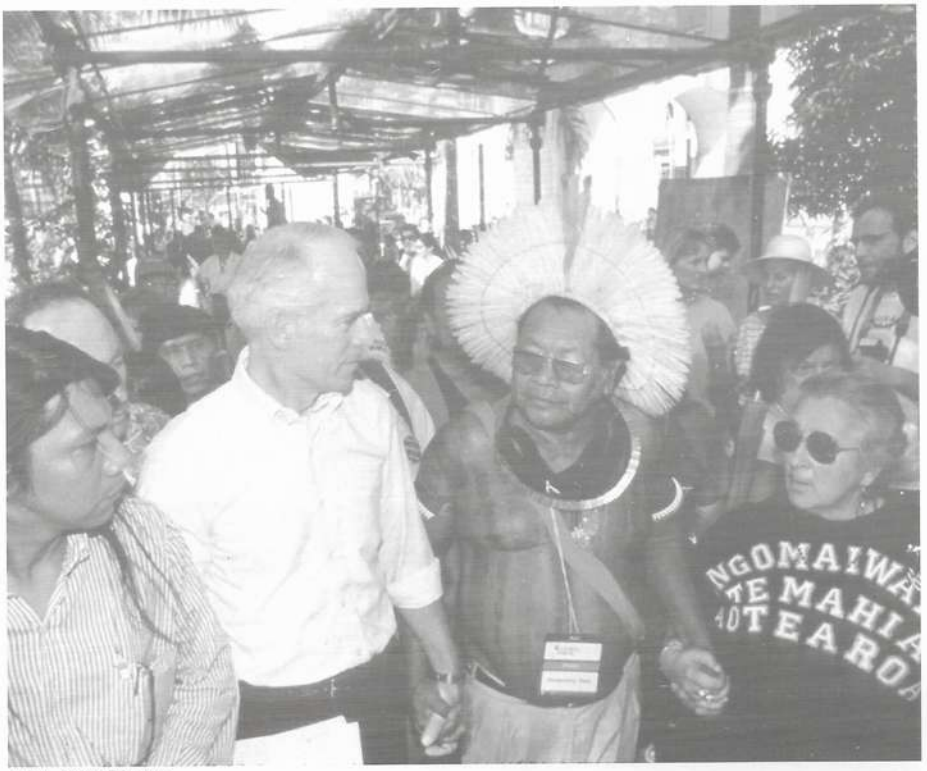


Foto João Ripper

dos problemas e necessidades dos cidadãos, eles têm uma flexibilidade maior e essa flexibilidade de incorporar o novo, o problema que surgiu hoje.

NA - *Como têm contribuído os movimentos sociais na construção da cidadania e da cultura política no Brasil ?*

Maria da Glória – A cultura política não pode ser vista como algo fixo, herdado, apenas do passado, algo mutável. A cultura política é algo que vem do passado, mas cria-se, recria-se, continuamente. Esse é um aspecto importante para termos como ponto de partida.

Também há outro ponto importante para entendermos essa questão da cultura política. Os movimentos sociais, ao terem esse exercício de construção de identidade, reivindicações de direitos, estão não só criando sujeitos sociais do ponto de vista de resgate da sua identidade e dignidade, mas também criando *empowerment*, o empoderamento de indivíduos e grupos na sociedade. Isso faz com que as pessoas resgatem a crença em si mesmas, na sua potencialidade, resgatem sua auto-estima e, a partir dai, possam acreditar que juntando-se com outros, que têm os mesmos problemas e as mesmas dificuldades, é possível construir interesses coletivos e colocá-los como uma necessidade social e almejar que lutando é possível reverter a realidade e ir contra a cultura política existente. Os movimentos sociais criam essa possibilidade de você acreditar no novo, acreditar na mudança e acreditar no potencial da transformação.

Outro aspecto também importante é a questão da ética, no que diz respeito à questão do resgate do sentido do público.

Os movimentos sociais encorajam a mudança, a possibilidade de um outro país, outros caminhos e, com isso, os movimentos sociais criam e recriam novos valores. É algo que tem que ser trabalhado a partir de novas práticas. São valores novos na sociedade e a medida que esses valores vão se arraigando e vão se consolidando, surgem os pertencimentos a determinados grupos que têm uma identidade, em termos de raça, etnia, que constróem uma rede social em torno de direitos fundamentais para sobrevivência dos indivíduos enquanto seres humanos. As pessoas passam a acreditar em coisas novas, passam a ter um ideal. É assim que se reconstróem as utopias. Não se trata de esperar que alguém vai fazer um modelo novo, que não tenha os chamados vícios do passado, dos modelos que foram recriados e que não deram certo. A reconstrução das utopias é feita a partir dessas práticas novas do dia-a-dia, que resgatam a dignidade, a auto-estima e que recolocam a confiança das pessoas, do ser humano em que é possível uma outra sociedade, com igualdade, que é possível também dar um outro direcionamento aos destinos do país.

NA - *Que relação existe entre movimentos sociais e partidos políticos? Os movimentos sociais substituem os partidos políticos?*

Maria da Glória – Parte dessa pergunta já respondi, quando falei sobre a questão de que são leitos, quando usei a metáfora de leitos, rios correndo em paralelos. Entretanto, existem mais alguns pontos importantes, tais como a questão da liderança.

Um dos pontos muito presentes no imaginário de alguns grupos, de algumas articulações, é conceber os movimentos sociais como trampolim para algumas lideranças atingirem cargos na esfera política, quer seja na coisa administrativa, como nos partidos políticos. Isso foi se transformando quase

coyuntura, en algunos momentos en los que las luchas se enganchan unas con otras. Hoy en día, otro aspecto también distinto entre los movimientos en la década de los 90 y los de la de los 80 es que los primeros actúan básicamente en redes. Como redes, tienen los nudos que son los nexos, y en esos nudos pueden encontrarse tanto ciertas instituciones, que realizan la mediación de los nudos de una red, como ciertos eventos y hechos de la coyuntura, que generan y fortalecen los lazos de la red, que podrán ser lazos en base a solidaridad, apoyo o proyectos comunes. Sin embargo, creo que los movimientos sociales no reemplazan, como forma de representación, a los partidos y sindicatos.

Ahora bien, no hay ninguna duda, al comienzo del nuevo milenio, de que los movimientos sociales responden y atienden mucho más al ciudadano que los partidos y sindicatos tales como están estructurados, porque tienen más flexibilidad, es más fácil entrar y salir de un movimiento social que de un partido. En el movimiento social, los temas están más presentes en los problemas y necesidades cotidianos de los ciudadanos, y son más flexibles, pues pueden incorporar lo nuevo, el problema que surgió hoy.

NA - *¿Cómo han contribuido los movimientos sociales a la construcción de la ciudadanía y la cultura política en Brasil?*

Maria da Glória – No se puede enfocar a la cultura política como algo fijo, heredado, que no viene más que del pasado, algo inmutable. La cultura política es algo que sí viene del pasado, pero que se está creando continuamente. Este es un aspecto importante y hay que tenerlo como punto de partida.

Hay, además, otro aspecto que es importante para entenderse esa cuestión de la cultura política. En su ejercicio de construcción de identidad, reclamos de derechos, los movimientos sociales no sólo crean sujetos sociales desde el punto de vista del rescate de su identidad y dignidad, sino que también generan empoderamiento (*empowerment*) de individuos y grupos en la sociedad. Ello hace que la gente rescate la confianza en si, en su potencialidad, rescate su autoestima y, en base a ello, pueda creer que, juntándose a otros, que tienen los mismos problemas y las mismas dificultades, es posible construir intereses colectivos y plantearlos como una necesidad social y tener la ilusión de que luchando es posible revertir la realidad e ir contra la cultura política existente. Los movimientos sociales crean la posibilidad de creer en lo nuevo, en el cambio y el potencial de la transformación.

Otro aspecto igualmente importante es el de la ética en lo que atañe al tema del rescate del sentido público.

Los movimientos sociales estimulan al cambio, la posibilidad de un país distinto, otros caminos y, así, crean nuevos valores. Es algo que hay que trabajar en base a nuevas prácticas. Se trata de valores nuevos en la sociedad y en la medida en que dichos valores se vayan arraigando y consolidando, surgen las pertenencias a ciertos grupos que tienen una identidad, en términos de raza, etnia, que construyen una red social en torno a derechos fundamentales para la supervivencia de los individuos como seres humanos. La gente empieza a creer en cosas nuevas, a tener un ideal. Así es como se reconstruyen las utopías. No se trata de esperar que alguien diseñe un modelo nuevo, libre de los denominados vicios del pasado, los modelos que se crearon y fracasaron. La reconstrucción de las utopías se hace en base a las prácticas nuevas del cotidiano que rescatan la dignidad, la autoestima y vuelven a plantear la confianza de la gente, del ser humano, en que es posible una sociedad diferente, con igualdad, que también es posible cambiar los rumbos de los destinos del país.

NA - *¿Cuáles son las relaciones entre movimientos sociales y partidos políticos? ¿Los movimientos sociales reemplazan a los partidos políticos?*

Maria da Glória - Parte de esta pregunta, ya se la contesté al decirle que se trata de cauces, cuando presenté la metáfora de los cauces, de ríos que corren paralelos. Sin embargo, hay otros puntos importantes, tales como la cuestión del liderazgo. Uno de los temas muy presentes en el imaginario de algunos grupos, de algunas articulaciones, es el concebir a los movimientos sociales como trampolín para que algunos líderes lleguen a puestos en la esfera política, ya sea en la cosa administrativa o en los partidos políticos. Esto se convirtió prácticamente en una tradición.

En el populismo era un modelo, teníamos a las asociaciones de vecinos, que no eran más que escuelas, correas de transmisión justamente para lanzarse como candidatos, etc. De alguna manera, también hoy lo vemos en el abanico de los líderes progresistas en Brasil. Hoy en día, la mayoría de los líderes de los movimientos dinámicos de las décadas de los 70 y 80 se desempeñan como diputados, concejales, administradores,

que numa tradição.

No populismo era um modelo, nós tínhamos as sociedades, amigos de bairros, que eram meras escolas, correias de transmissão para, justamente, lançarem candidatos, etc. De uma certa forma nós observamos também, se olharmos hoje, o cenário das lideranças progressistas no Brasil. Hoje, grande parte dessas lideranças dos movimentos dinâmicos dos anos 70 e 80, são deputados, vereadores, administradores, prefeitos, governadores. Trata-se de algo extremamente importante e positivo, porque constitui a outra forma de se fazer a leitura dos saldos dos movimentos sociais. Eles construíram não só agendas, não só diagnóstico, mas também foram escolas de formação política para esses cidadãos.

Os movimentos sociais criam essa possibilidade de você acreditar no novo, acreditar na mudança e acreditar no potencial da transformação.

Agora, é importante observar as dificuldades para o exercício desse espaço que os próprios movimentos criam. A liderança ao passar para esse outro lado, tem que entender que passa a ser uma figura pública que deve manter os mesmos valores, a mesma ética, mas ela está numa posição diferenciada e, portanto, não pode ter o mesmo comportamento que tinha antes como membro de movimentos sociais no trato de algumas questões, que ali tinham uma visão localizada, pontual.

Ela tem que responder não só àquele grupo que está demandando, como ter um olhar para os reflexos daquelas questões para o conjunto da sociedade. Um outro aspecto é que ela pode olhar aquele grupo, aquele movimento como uma clientela cativa, que o elegeu e com o qual vai ter agora uma relação. No entanto, um dos pontos fundamentais para os movimentos é a questão da autonomia, isto é, eles terem a sua autonomia, continuarem a fazer as suas práticas, as suas ações, as suas reivindicações, independentemente se no poder estão seus representantes.

Autonomia é ter projeto, é pensar os interesses dos grupos envolvidos com autodeterminação, é ter planejamentos estratégicos, é ter metas, programas, é ter pessoal capacitado para representar os interesses do movimento. É ser flexível, saber incorporar o exercício da participação e em termos de uma participação moderna e não apenas de uma participação focal, localizada, o meu interesse, o meu grupo. O grande desafio para aquele líder que ascendeu ao poder público, é o princípio de universalidade, isto é, ter uma visão ampla. Dar universalidade a essas demandas particulares. Agir assim, é estar exercendo uma cidadania ativa. Achar que elegendo um agora a coisa está resolvida, ele vai cuidar de, é voltar à cultura política do passado, que é a cidadania passiva. ●

PUBLICAÇÕES DA PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA GOHN

• Reivindicações Populares Urbanas. Editora Cortez, 1982.
Um estudo sobre a história da sociedade e amigos de bairros em SP.
Un estudio sobre la historia de las asociaciones de vecinos en SP.

• A Força da Periferia. Editora Vozes, 1985.
Fruto da pesquisa para seu doutorado. Estudo sobre movimentos de lutas para creches na cidade de SP.
Fruto de la investigación que para su doctorado llevó a cabo - estudio sobre movimientos de luchas en torno a guarderias en la ciudad de SP.

• Movimentos Sociais e Lutas pela Moradia. Editora Loyola, 1991.
Estudo desenvolvido quando trabalhava na faculdade de arquitetura e urbanismo da USP. Trata-se de mapeamento das lutas na área de moradia, pela habitação na cidade de SP, no período dos anos 80.
Estudio que realizó cuando trabajaba en la facultad de arquitectura y urbanismo de la USP - mapeo de las luchas por la vivienda en la ciudad de SP en la década de los 80.

• Movimentos Sociais e Educação. Editora Cortez, 1992, 4ª edição.

• Movimentos e Lutas Sociais na História do Brasil. Editora Loyola, 1995.

• Teorias sobre os Movimentos Sociais. Editora Loyola, 1997, 1ª edição e 2000, 2ª edição.
Apresenta paradigmas clássicos e contemporâneos.

• Sem Terra, ONGs e Cidadania. Editora Cortez, 1997, 1ª edição e 2000, 2ª edição.

• Mídia, Terceiro Setor e MST. Editora Vozes, 2000.
Nesta mais recente obra, realiza-se uma leitura sobre a questão social no Brasil na virada deste milênio. O livro divide-se em três partes: a primeira analisa a mídia, suas principais teorias e seu papel nas lutas sociais. A segunda estuda o cenário configurado pelo campo das ações e práticas sociais, desenvolvidas nas redes de associativismo coletivo e solidário existentes no Terceiro Setor, o qual congrega ONGs e movimentos sociais. A terceira e última parte aborda o mundo rural focalizando os sem-terra, com

alcaldes, gobernadores. Se trata de algo sumamente importante y positivo, porque es la otra manera de hacerse la lectura de lo que quedó de los movimientos sociales. Éstos no sólo construyeron agendas, diagnóstico, sino que fueron igualmente escuelas de formación política para dichos ciudadanos.

Ahora bien, es importante observar las dificultades para el ejercicio del espacio que plantean los mismos movimientos. Tras pasar a ese otro lado, el líder tiene que entender que se convierte en una figura pública que debe sostener los mismos valores, la misma ética, pero en una posición distinta y, por lo tanto, no puede tener la mismo conducta de antes, cuando participaba en movimientos sociales, al tratar algunas cuestiones, que en los MS se enfocaban en forma localizada, restringida.

El líder tiene que responder no sólo al grupo de actores a los que representa, sino que debe, asimismo, tomar en cuenta la manera como dichas cuestiones repercuten en el conjunto de la sociedad. Otro aspecto es que el líder puede enfocar a dicho grupo, movimiento, como clientes cautivos que lo eligieron y con los que ahora tendrá una relación. Sin embargo, uno de los temas fundamentales para los movimientos es el de la autonomía, es decir, es esencial que la tengan, que sigan con sus prácticas, sus acciones, sus reivindicaciones, independientemente de que sus representantes estén en el poder.

Autonomía significa tener su proyecto, reflexionar con autodeterminación sobre los intereses de los grupos involucrados, disponer de planificación estratégica, metas, programas, personal capacitado para representar a los intereses del movimiento. Significa, además, ser flexible, saber incorporar el ejercicio de la participación - y como participación moderna, y no sólo restringida, localizada, en base a mi interés, mi grupo. El gran reto para ese líder que ascendió al poder público es el principio de universalidad, o sea, el tener una visión amplia. Darles universalidad a esos reclamos particulares. Actuar de esa manera significa ejercer una ciudadanía activa. Pensar que basta con elegir a uno para que la cosa esté solucionada, que él se ocupará, significa volver a la cultura política del pasado, la de la ciudadanía pasiva. ●

Los movimientos sociales crean la posibilidad de creer en lo nuevo, en el cambio y el potencial de la transformación.

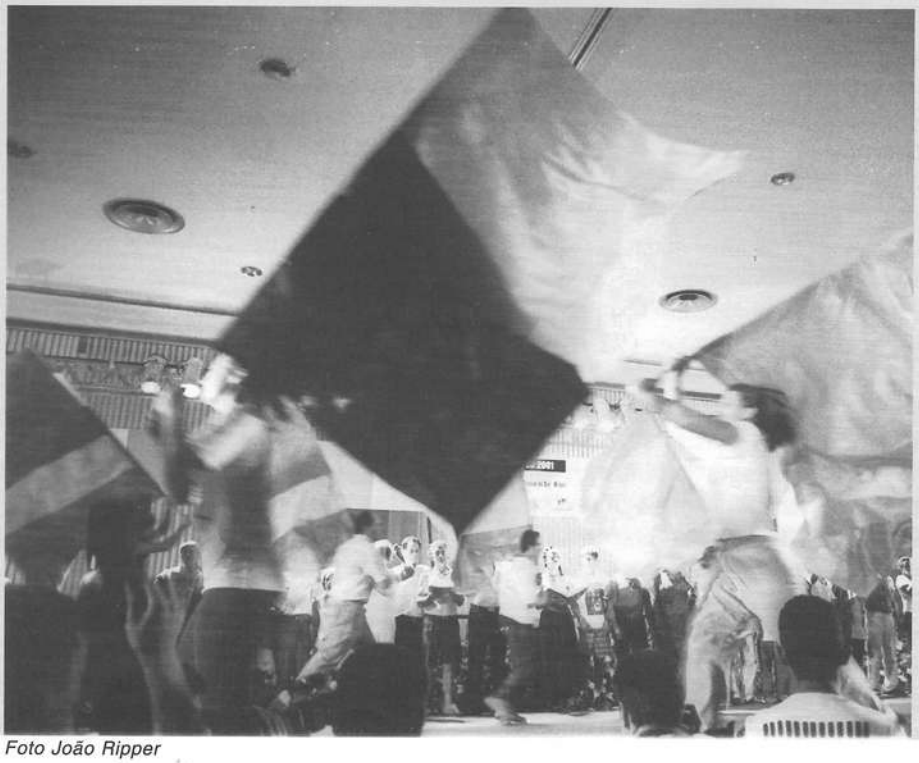


Foto João Ripper

"Una propuesta de trabajo con una sólida fundamentación":

movimiento de educadores uruguayos por la paz

Maestro Víctor Brindisi
Uruguai



construindo

construyendo

Semeando caminhos de paz. Formando consciência critica. Educando para construir um mundo melhor. Não perca esta experiência que está sendo construída a partir do Uruguai e que se expande por outros paises de América Latina!

SU FUNDACION

El Movimiento de Educadores Uruguayos por la Paz, se crea a partir del Seminario de Educación para la Paz, realizado en las salas de la Intendencia Municipal de Montevideo, los días 8 y 9 de agosto de 1997, convocado por la Federación Uruguaya del Magisterio (FUM/TEP) y el Movimiento por la Vida y por la Paz de Uruguay (MOVIPAZ).

Reconoce valiosos antecedentes que se desarrollan en el ámbito de dichas instituciones a partir de 1986.

Intenta integrar a todos los educadores, en la más amplia acepción del término, desde la guardería a la universidad, en todos los sectores, ya sea de gestión estatal como privada, dirigida a toda la comunidad, vinculándose a las organizaciones sociales que mantienen proyectos educativos en cualquier ámbito, formal e informal.

SU OBJETIVO: "EDUCAR PARA LA PAZ ES EDIFICAR LA PAZ"

Partiendo de esta premisa, el Movimiento señala como principal objetivo impulsar el desarrollo de la Educación para la Paz, haciendo suya la afirmación de la UNESCO de que la paz por la que luchamos "es incompatible con la desnutrición, con la miseria o con la negación del derecho de los pueblos a disponer de sí mismos. Sólo puede ser duradera una paz justa que se funde en el respeto de los derechos humanos. Por otra parte, una paz justa exige la instauración de un orden internacional equitativo, que pueda preservar a las futuras generaciones del azote de la guerra".

Esta postura obliga a pensar en una actuación lúcida y permanente a favor del pleno respeto de los



Foto João Ripper

caminhos
caminos

derechos humanos, en un mundo cambiante, que nos permitimos considerar brevemente.

EL MUNDO DE HOY

Hace falta visualizar la realidad actual, aunque sea en forma breve, para comprender los tremendos cambios que se producen en el planeta.

Ignacio Ramonet (1) afirma que estamos viviendo los efectos simultáneos de tres revoluciones. La más importante, la que en gran medida desencadena las otras dos, es la revolución tecnológica. Hoy la máquina no sustituye sólo el músculo, sino que también sustituye el cerebro.

La digitalización posibilita que una imagen, un sonido y un texto puedan expresarse a través de un dispositivo, a la velocidad de la luz.

Esta revolución de la tecnología en la comunicación y en la información han precipitado, según Ramonet, la segunda revolución, la revolución económica.

Simultáneamente, junto a las dos anteriores se ha producido una revolución sociológica. Ella establece que entren en crisis conceptos hasta ahora fundamentales que pasan a ser sustituidos por otros. Se está produciendo un fenomenal cambio de paradigmas. Los conceptos de poder y cohesión social son sustituidos por los de comunicación y mercado.

El mercado, dice Ramonet, "no es sólo una técnica para comerciar. El mercado es una idea, un paradigma que organiza hoy a la sociedad desde todos sus aspectos, también desde el aspecto ideológico y filosófico. Es una especie de atmósfera que penetra todos los intersticios de la sociedad y no deja ninguna actividad humana fuera."

El autor finaliza afirmando "que las tres revoluciones y el cambio de los paradigmas está favoreciendo la eclosión de un sistema nuevo", de una especie de esfera a la que llama sistema PPII, por las iniciales de las cuatro características fundamentales de las actividades que se dan en él: permanentes, planetarias, inmediatas e inmateriales. Y concluye diciendo que el nuevo sistema PPII funciona literalmente como una nueva divinidad, pues sus cuatro características son las que se le atribuyen a Dios. Dios es permanente, es planetario, es inmediato y es inmaterial.

En este mundo de hoy, que también cambiará rápidamente, donde se puede apretar un botón y matar sin ver a miles de seres humanos, o apretar una tecla de la computadora y condenar al hambre y la miseria a miles de hombres, mujeres y niños, es que debemos reafirmar más

fuertemente que nunca los valores esenciales del hombre.

UNA FUNDAMENTACIÓN ÉTICA INELUDIBLE

Dice Luis Pérez Aguirre (2), a quien nos remitiremos para esta fundamentación, "los tiempos agitados que corren nos obligan a navegar abrazados al mástil de la nave. Y ese mástil se me ocurre que bien lo puede representar quien un día dijo que lo contrario al amor no es, como muchas veces o casi siempre se piensa, el odio, sino el miedo de amar; y el miedo de amar es el miedo de ser libre": Paulo Freire.

Hoy es muy saludable repasar algunas afirmaciones de su testamento educativo. En primer lugar, que no cabe educación "neutral". Que todo acto educativo está guiado por nuestra manera de ver y sentir el mundo y la sociedad. Que nuestra sociedad está compuesta por dos grupos de gente: de un lado los que toman las decisiones, los que poseen la cultura, el dinero y el poder; del otro, la mayoría, los que aceptan esas decisiones y dependen, en diverso grado, del dinero, la cultura y el poder de los otros.

Dijo que teníamos que caminar hacia una sociedad muy distinta: "en la que todos participen de las decisiones; con diversos puntos de vista, respetados por todos; inacabada: que no se considere a sí misma como definitiva o perfecta. No sometida al dominio del mercado y del pensamiento único; en la que las personas puedan establecer relaciones humanas profundas y auténticas."

Pérez Aguirre agrega, luego de su evocación a Freire, que "será siempre un camino errado acercarse al acto educativo desde una teoría o desde una doctrina. Para que la acción educativa sea eficaz, para que no se desoriente o se pierda por el camino (largo y arriesgado), deberá partir, no de una teoría, sino de una experiencia, de una situación ajena, sentida como propia. El primer movimiento pasa entonces por la sensibilidad del "corazón", pesa en las entrañas, será una opción y una vocación entrañable."

Señala, tambien, que la razón hoy no explica y abarca todo. Que existe algo más profundo, antiguo, elemental y primitivo que la razón: la sensibilidad. Dice que el sentimiento (Pathos) y la "sensibilidad" no se oponen al Logos (comprensión racional) sino que son una forma de conocimiento mucho más abarcante y profundo que la razón, porque la incluyen y la desbordan. Termina con la afirmación de que la trampa en que cayó nuestra cultura es la de haber cedido la primacía al Logos, postergando el Eros (amor) mutilando la afectividad y gestando formas represivas de vida. Afirma el principio de la sensibilidad. Destaca el valor de la piel en los afectos.

Es necesario pensar en una educación lúcida y permanente a favor del pleno respeto de los derechos humanos

Aún suponiendo la mejor intención, la mejor buena voluntad y los mejores talentos intelectuales, hay lugares desde los que simplemente no se ve, no se siente la realidad que nos abre a los actos educativos verdaderos, al amor y a la solidaridad.

Porque nadie puede pretender mirar o sentir los problemas humanos, el dolor y el sufrimiento de los otros, desde una posición "neutra", absoluta, inmutable cuya óptica garantizaría total imparcialidad y objetividad.

El aporte a la teoría del conocimiento de la afirmación de Ludwig Fuerbach, en boca de Engels, convertida en un refrán popular, de que "no se piensa lo mismo desde una choza que desde un palacio" es fundamental. Lo que está afirmando Engels es que, aunque la verdad sea absoluta, no lo es nuestro acceso a ella. Y Pérez Aguirre agrega que nosotros deberíamos completar el "efecto" de la afirmación diciendo que "no se siente (se ve o experimenta) la realidad lo mismo desde una choza que desde un palacio".

La cosa es así de simple y es así de grave caer en la cuenta de ello y sacar las consecuencias. ¿Dónde están mis pies, dónde estoy yo parado en mi quehacer educativo? Porque la cuestión es saber si estoy ubicado en el "lugar" correcto para la tarea.

LA PROPUESTA DIDÁCTICA

¿Cómo desarrollar una propuesta didáctica acorde con tan firmes, sólidos y justos principios?

Algunos conceptos e ideas a tener en cuenta

1-Para educar en derechos será obligatorio "adoptar" el lugar social de los educandos y su comunidad.

2- Tener la sensibilidad capaz de sentir lo que viven los niños y jóvenes, sus expectativas, sus desalientos.

3 - En un marco de realismo, promover experiencias que incorporen a los educandos en el espíritu y acción de respeto, solidaridad, tolerancia.

4 -Tener claro que la acción de la clase y de la propia escuela pueden y deben inscribirse en un marco más amplio, las familias, los vecinos, la comunidad toda. Otras instituciones y los medios de comunicación deben ser estimulados para también estar al servicio de estos ideales.

5 - Un buen proyecto de trabajo debe contemplar la posibilidad de partiendo de lo más cotidiano, local, íntimo, de lo individual, poder llegar a remontarnos a lo más amplio, conceptual, complejo.

6 - Debe alentar esperanzas, sobre bases y opiniones serias, de que es posible alumbrar un mundo mejor, para todos los seres de la tierra, sustentable para nuestros descendientes.

LAS TAREAS DEL MOVIMIENTO

Sobre esa postura, las actividades del Movimiento, intentan cubrir diversas áreas, que podemos intentar agrupar.

Vinculadas a la asistencia a docentes

a.1 - Talleres en el Interior para educadores y estudiantes de formación docente en especial sobre Cultura de Paz, Derechos del Niño, Violencia Infantil, Didáctica de Formación en Valores.

El Movimiento contó con la colaboración de la Dra. Mariana Blengio, Coordinadora de la Cátedra Permanente de Educación en Derechos Humanos de la Universidad de la República en la temática de los Derechos del Niño y de distintos médicos del Movimiento de Médicos por la Vida y por la Paz para el tema del Maltrato Infantil.

antorchas, los niños encendieron la LLAMA DE LA PAZ, en la PLAZA UNESCO, del Parque Rodó.

Vinculadas al relacionamiento con otras organizaciones

Cumpliendo uno de los contenidos fundamentales del trabajo hemos intentado ir relacionándonos con otras instituciones para cumplir nuestra tarea en forma colectiva, para estimular otras participaciones en la actividad de la CULTURA DE PAZ.

El Movimiento participó en la Conferencia Mundial de Educadores para la Paz,



Foto Rina López

a.2 - Publicaciones, en el Boletín Mensual que ADEMU distribuye a sus afiliados y en la Revista Quehacer Educativo, publicación para docentes de la FUM/TEP.

Vinculadas a las actividades escolares

Es de destacar la importante actividad realizada en el mes de octubre de 2000, tomando elementos del Manifiesto 2000. Se promovieron actividades vinculadas a tres aspectos, la solidaridad, la tolerancia y la no violencia, que culminaron con una Marcha de la Paz, el pasado sábado 28 de octubre donde, transportando

realizada en París en julio de 2000, con 16 delegados, que luego concurrieron a un Seminario, sobre Cultura de Paz, organizado por el Seminario Gallego de Educación para la Paz con la Universidad de Santiago de Compostela.

En París se asumió el compromiso, junto con las tres representaciones de Argentina, Colombia y México presentes, de promover en Montevideo un encuentro regional de América Latina de Educadores por la Paz, para el año 2002.

También merece ser destacada la postura del Movimiento en contra de un Convenio, denominado de CARA AL MAR, firmado entre La Armada Nacional y el CODICEN, (Consejo directivo central de educación en Uruguay) para promover un fuerte proselitismo a favor de la Armada entre los alumnos de 6to. año de las Escuelas Públicas. El Movimiento ha denunciado el mismo públicamente y realiza gestiones por su anulación.

Finalmente, en lugar de recargar de detalles esta relación de actividades, nos parece adecuado expresar los contenidos del texto de la Declaración que adoptó el Movimiento al término de su primer año de trabajo:

El Movimiento de Educadores Uruguayos por la Paz se integra a partir de una concepción firme y amplia a favor de la Paz, del respeto a los Derechos Humanos y las libertades fundamentales, de la defensa de la Soberanía de los Pueblos y las Naciones, de la Solidaridad y Tolerancia entre los hombres y los pueblos, de la Defensa del Medio Ambiente.

Reconoce a la Educación, en su acepción más extensa, como el instrumento más importante para lograr crear en la mente humana y en la sociedad los ideales de justicia, paz, cooperación, tolerancia y respeto.

Consecuente con esto, la actividad de los Educadores para la Paz, se desarrollará en todos los ámbitos posibles.

Señala como uno de sus principales fines trabajar para que todos los niños, a nivel local, nacional, regional y mundial tengan las mejores condiciones de vida, desterrando el hambre, la enfermedad, la ignorancia, las malas condiciones de vida.

Expresa su oposición al desarrollo de la carrera armamentista, reclamando que los inmensos gastos destinados a la fabricación de armamentos nucleares y de toda otra índole, así como los tremendos gastos militares de los países, se destinen a mejorar la vida de sus pueblos y toda la humanidad. La investigación científica y tecnológica deben estar al servicio de la salud, la educación, la agricultura y demás fines pacíficos. ●

1 Ignacio Ramonet- Periodista especializado, director de Le Monde Diplomatic.

2 Luis Pérez Aguirre. Sacerdote, Coordinador de SERPAJ- Uruguay.

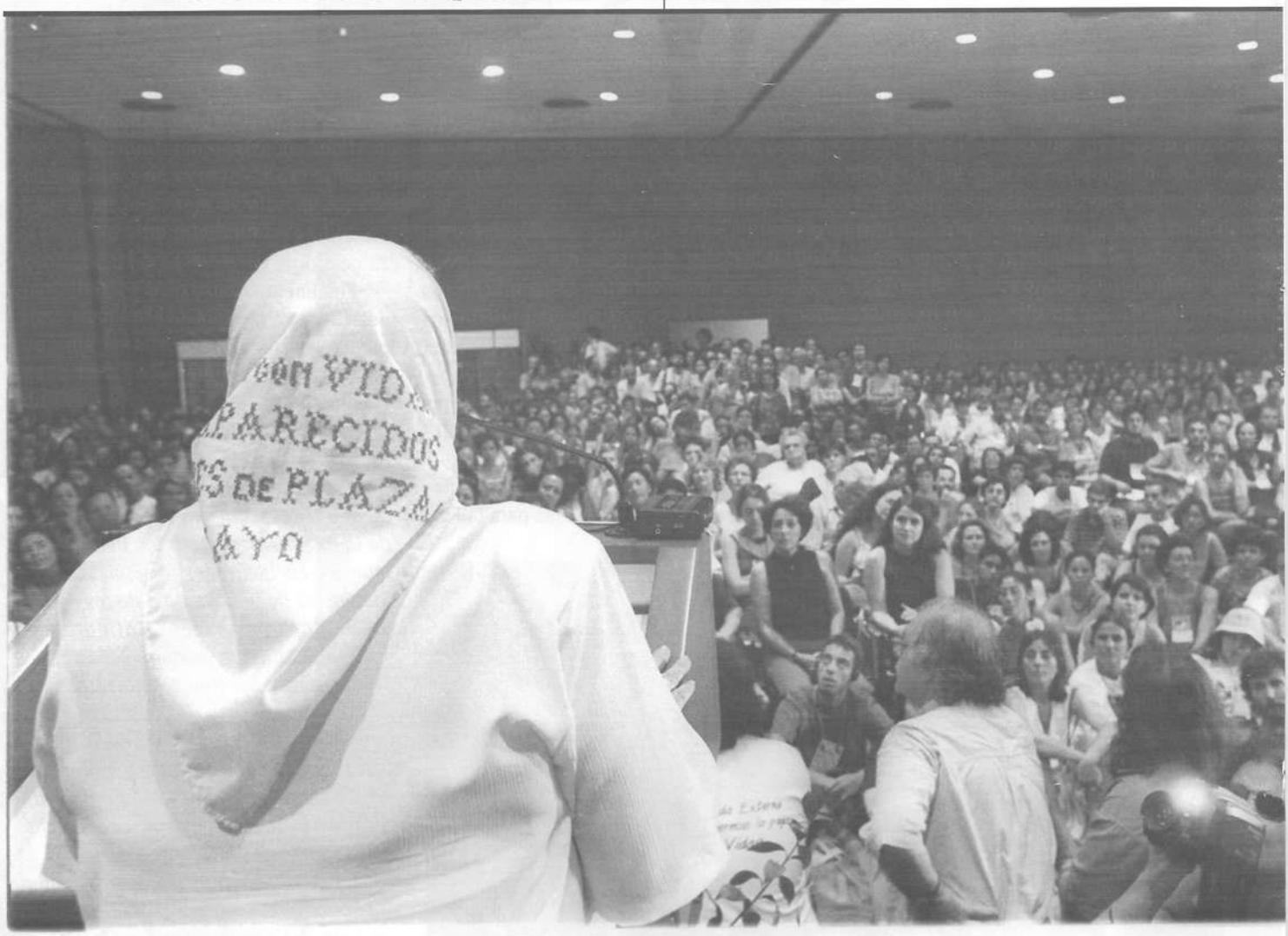


Foto João Ripper

Fórum Social Mundial

Clóvis Marques
Jornalista - Rio de Janeiro/Brasil

Otro mundo es posible. Este fue el lema del Forum Social Mundial, realizado en Porto Alegre, que se convirtió en lugar de resistencia y esperanza, asumiendo la responsabilidad de construir planes de acción y lucha contra las injusticias generadas por la implementación de políticas neoliberales. A seguir, lo/a invitamos a conocer un poco más acerca de este importante evento.

O Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro começou, para alguns, como um "anti-Davos" promovido por adversários da globalização e de seus baluartes anualmente reunidos nesta cidade suíça; corrigiu durante seu desenrolar esta imagem, ensaiando uma tentativa de diálogo com os financistas, dirigentes, instituições e transnacionais que ditam os rumos do mundo - não para negar a mundialização, mas para corrigir seus rumos no sentido da prevalência dos interesses humanos sobre os do capital; e ficará, já agora, como o momento em que se consolidou o nascimento de um verdadeiro interlocutor para o neoliberalismo imperial das últimas décadas. À parte a infinidade de iniciativas e frentes de luta que a reunião terá servido para coordenar, como um pólo permanente de arregimentação e irradiação, a principal conquista de Porto Alegre está representada neste surgimento de uma outra voz, num mundo em que o "pensamento único" não é uma paranóia de esquerdistas ou destruidores de conquistas do progresso, mas uma realidade constatada no dia-a-dia de populações inteiras.

AS ORIGENS DO FÓRUM SOCIAL

Um lembrete de como surgiu a iniciativa é importante. A dinâmica do capitalismo internacional adquiriu a partir da década de 1980 uma feição de crescente organização decisória em foros transnacionais sob controle das principais potências e dos interesses do grande capital: Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BM), Organização Mundial do Comércio (OMC), Grupo dos 7 (G-7), Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). A adoção de suas políticas, sob pressão, pelos governos nacionais, muitas vezes em detrimento das populações (e não apenas nos países pobres), passou a ser contestada mais ativamente por organizações não-governamentais, movimentos de cidadania e grupos de pressão. Os protestos realizados em Seattle (1999), que impediram o encaminhamento de novas metas neoliberais em uma "Rodada do Milênio", prosseguiram paralelamente a uma série de outras reuniões realizadas por esses organismos em Praga, Melbourne ou Nice ao longo de 2000. A publicação mensal francesa Le Monde Diplomatique, dirigida por Bernard Cassen e Ignacio Ramonet, passou então, muito logicamente, do exercício do pensamento crítico para a ação concreta, lançando a idéia do Fórum. O objetivo era capitalizar o descontentamento manifestado naqueles protestos, transformando-o em mobilização organizada. Porto Alegre, capital de um estado brasileiro onde a política do "orçamento participativo" adotada pelos governos do Partido dos Trabalhadores servia de exemplo da possibilidade de interferência democrática nos processos globais, foi não menos logicamente escolhida como sede do encontro.

Este exemplo concreto de passagem à práxis e de confiança na força do embate de idéias e ações organizadas para reverter uma situação antidemo-

Foto João Ripper



crática de fato é outra lição do Fórum, numa época em que a democratização da informação e suas decorrências na ação concreta dos homens tomam o lugar das fontes materiais de energia como motor principal do crescimento. O conceito de pensamento único foi enunciado por Ignácio Ramonet em artigo de 1995 no qual, referindo-se à ortodoxia do sistema e à ideologia (e às práticas) que produz, definia "este moderno dogmatismo" como "a tradução, em termos ideológicos de pretensão universal, dos interesses de um conjunto de forças econômicas, especialmente as do capital internacional" (1). O artigo merece ser relido pela brilhante síntese que oferece das forças em ação (as já citadas, mais academias, universidades, fundações, meios de comunicação, não raro de propriedade de grandes grupos industriais e financeiros) e dos dogmas que repetem e inculcam: prevalência do econômico sobre o político e o social, idolatria do mercado supostamente capaz de se autocorrigir, a competição e a livre-troca como solução para todos os problemas de criação de riqueza e desenvolvimento, a moeda como valor supremo a ser preservado, o trabalho como massa de manobra em conjunções econômico-financeiras.

Também das páginas do Le Monde Diplomatique surgiu um dos principais focos de resistência, em 1998, à tentativa dos países industrializados de negociar secretamente, na OCDE, um Acordo Multilateral de Investimentos (AMI) que constituiria uma espécie de carta de direitos das multinacionais, indo de encontro a interesses e legislações nacionais de defesa dos direitos trabalhistas, sociais, ambientais ou culturais. O projeto fracassou, por oposição de múltiplas organizações e defecção do governo da França; Bernard Cassen, que na mesma publicação denunciou a aberração que seria o AMI, foi um dos que tomaram a frente da criação da Associação por uma Taxação das Transações Financeiras para Ajuda aos Cidadãos (Attac), que deliberadamente adotou esta sigla agressiva na defesa do Imposto Tobin, a proposta de incidência de um imposto sobre os movimentos financeiros especulativos transnacionais que desestabilizam e empobrecem muitos para enriquecer poucos. Foi esta uma das propostas mais ventiladas no Fórum, ao lado do cancelamento da dívida dos países pobres, que já a pagaram muitas vezes em juros, e do enquadramento dos paraísos fiscais.

Uma das propostas mais importantes do Fórum se centra no cancelamento das dívidas dos países pobres.

"UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL"

Sob o lema "Um outro mundo é possível", o Fórum foi cenário de 400 oficinas promovidas pelas mais diversas organizações sociais de dezenas de países; em seus 16 painéis (voltados para a produção de riquezas e sua reprodução social, a sustentabilidade, a afirmação da sociedade civil e a questão do poder político), o encontro abarcou um enorme espectro de temas e intervenções: produção de bens e serviços ao alcance de todos, comércio internacional, os sistemas financeiros e o desenvolvimento, o uso da terra, as conexões do desenvolvimento científico com o desenvolvimento humano, o controle social dos patrimônios comuns da humanidade, os direitos humanos, a viabilidade urbana, o fortalecimento da sociedade civil e da cidadania, o direito à informação e a preservação das identidades culturais face à mercantilização, as relações da democracia com o poder e sua mundialização, o futuro dos Estados-nações, a construção da paz.

Sem caráter deliberativo, o Fórum não concluiu com uma declaração única, que não poderia resumir a diversidade de idéias e propostas. Mas uma coalizão de 144 das organizações participantes - sindicatos, ONGs, movimentos sociais - divulgou uma proclamação mobilizadora. "Somos contra a hegemonia do capital, a destruição de nossas culturas, a monopolização do conhecimento e dos meios de comunicação de massas, a degradação da natureza e a deterioração da qualidade de vida através das mãos das corporações transnacionais e das políticas antidemocráticas", declaram, reafirmando "a supremacia dos direitos humanos, ecológicos e sociais sobre as exigências dos capitais e investidores."

A afirmação inequívoca de que nem tudo na vida e no convívio social pode ser comodificado e mercantilizado - de que nem todo valor pode ser reduzido a preço e transformado em mercadoria num mercado regido exclusivamente pelos imperativos econômicos - foi outra dominante. A água, as sementes agrícolas, o abastecimento essencial, a educação e a saúde, as identidades genéticas, a circulação de idéias e informações não devem ser considerados de interesse geral? Cabe, como vem acontecendo crescentemente, aceitar sua apropriação por interesses privados centrados na otimização de lucros? As disfunções e aberrações decorrentes dessa lógica foram amplamente expostas e criticadas. E se a ação de José Bové e de militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra contra experimentos com sementes transgênicas da multinacional Monsanto no Rio Grande do Sul chegou às manchetes, horrorizadas com a violência contra a propriedade privada e o direito à experimentação científica, não se deve esquecer a gravidade muito maior da violência praticada contra agricultores do mundo inteiro que se vêem privados de sementes por causa da apropriação de sua exploração e distribuição por grandes



Foto João Ripper

empresas transnacionais.

Outra frente importante dos debates foi a questão da democratização dos foros decisórios globais. O estabelecimento e a aplicação das políticas econômicas que afetam populações inteiras não podem continuar nas mãos de algumas centenas de tomadores de decisões, reunidos em instituições aristocráticas dominadas pelas grandes potências e os interesses do capital internacional, e obedecendo a parâmetros falidos - entre eles o de que a criação da riqueza é incompatível com sua distribuição simultânea mais justa.

E O PÓS PORTO ALEGRE?

O Fórum voltará a realizar-se em Porto Alegre em 2002, mas a tendência é para a disseminação de suas raízes por diferentes partes do mundo, em encontros setoriais paralelos, prevendo-se também a realização do encontro principal, a partir de 2003, em outros países, sempre coincidindo com o Fórum Econômico Mundial de Davos. Toda uma agenda de acompanhamento dos grandes temas e foros globais foi estabelecida: os militantes da causa dos direitos sociais estarão presentes no Fórum Econômico Mundial de Cancún (México) em 26-27 de fevereiro, na reunião sobre a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) em Buenos Aires (6-7 de abril) e no Québec (17-22 de abril), na reunião do Banco de Desenvolvimento Asiático em Honolulu em maio, na reunião de cúpula do G-7 em Gênova (15-22 de julho), na Assembléia Anual do Banco Mundial em Washington de 28 de setembro a 4 de outubro, na reunião da OMC em Qatar em 5-9 de novembro. Da constância e permanência dessa mobilização dependerá a consolidação de uma nova relação de forças no cenário do capitalismo neoliberal, cujas principais instâncias já identificam o problema gerado pela maneira selvagem como vem sendo imposto globalmente - o que ficou claro na disposição para o diálogo, ainda que de fachada, evidenciada na teleconferência Davos-Porto Alegre, com a participação do megaespeculador George Soros. As diferentes etapas de luta serão permanentemente divulgadas nas páginas de internet do Fórum (www.forum social mundial.org.br). ●

A proclamação divulgada no Fórum defendeu a supremacia dos direitos humanos, ecológicos e sociais sobre as exigências dos capitais e investidores.

1 "La pensée unique", Le Monde Diplomatique, janeiro de 1995.

Foro Social Mundial

Clóvis Marques
Periodista - Río de Janeiro/Brasil



Foto João Ripper

El Foro Social Mundial, que se celebró en Porto Alegre del 25 al 30 de enero, se inició, piensan algunos, como un «anti-Davos» promovido por adversarios de la globalización y sus baluartes, que anualmente se reúnen en esa ciudad suiza. En su trascurso, el Foro rectificó esa imagen, tratando de entablar un diálogo con los financistas, directivos, instituciones y transnacionales que dictan al mundo sus rumbos - no para negar la mundialización, sino para corregirle la orientación, que debe apuntar hacia la prevalencia de los intereses humanos sobre los del capital.

Este Foro señala el momento en el que se consolidó el nacimiento de un verdadero interlocutor para el neoliberalismo imperial de las últimas décadas. Además de la infinidad de iniciativas y frentes de lucha cuya coordinación habrá propiciado la reunión, como polo permanente de atracción e irradiación, el principal logro de Porto Alegre consiste en el surgimiento de otra voz en un mundo en el que el «pensamiento único» no es una paranoia de izquierdistas o destructores de logros del progreso, sino una realidad que se constata en el cotidiano de pueblos enteros.

LOS ORIGENES DEL FORO SOCIAL

Es importante tener un recordatorio de cómo surgió la iniciativa. A partir de la década de los 80, la dinámica del capitalismo internacional adquiere la cara de una creciente organización decisoria en foros transnacionales bajo el control de las principales potencias y los intereses del gran capital: Fondo Monetario Internacional (FMI), Banco Mundial (BM), Organización Mundial del Comercio (OMC), Grupo de los 7 (G-7), Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE).

Organizaciones No Gubernamentales (ONG), movimientos de ciudadanía y grupos de presión empezaron a contestar más activamente la adopción, bajo presión, por parte de los gobiernos nacionales de las políticas que diseñan dichos foros, a menudo en detrimento del pueblo (y no sólo en los países pobres). Protestas como las de Seattle (1999), que impidieron que se encauzaran nuevas metas neoliberales en la «Ronda del Milenio», se repitieron con ocasión de una serie de otras reuniones que se celebraron en Praga, Melbourne o Niza en el transcurso del 2000. La publicación mensual francesa *Le Monde Diplomatique*, dirigida por Bernard Cassen e Ignacio Ramonet, pasó entonces, muy lógicamente, del ejercicio del pensamiento crítico a la acción concreta, lanzando la idea del Foro. Su objetivo era capitalizar el descontento que ponían de manifiesto dichas protestas, transformándolo en movilización organizada. Así, pues, no menos lógicamente, se eligió como lugar para el encuentro a Porto Alegre, capital de un estado brasileño en donde la política del «presupuesto participativo» que adoptaron los gobiernos del Partido de los Trabajadores, servía de ejemplo de que es posible una intervención democrática en los procesos globales.

Este ejemplo concreto de paso a la praxis y de confianza en la fuerza del afrontamiento de ideas y las acciones organizadas para revertir una situación antidemocrática es, indudablemente, otra enseñanza del Foro, en una época en la que la democratización de la información y lo que ello conlleva para la acción concreta de los hombres reemplazan las fuentes materiales de energía como motor principal del crecimiento. El concepto de pensamiento único lo planteó Ignacio Ramonet en una nota de 1995 en la que, refiriéndose a la ortodoxia del sistema y la ideología (y las prácticas) que produce, definía «a este moderno dogmatismo» como «la traducción, en términos ideológicos con pretensión universal, de los intereses de un conjunto de fuerzas económicas, especialmente las del capital internacional» (1). La nota amerita una relectura en virtud de la brillante síntesis que brinda respecto de las fuerzas en acción (las ya mencionadas, y más las academias, universidades, fundaciones, medios de comunicación, a menudo propriedad de grandes grupos industriales y financieros) y los dogmas que repiten e inculcan: preeminencia de lo económico sobre lo político y lo social, idolatría al mercado supuestamente capaz de autocorregirse, competencia y libre comercio como solución a todos los problemas en la generación de riqueza y el desarrollo, moneda como valor supremo que debe preservarse, fuerza de trabajo como masa de maniobra en coyunturas económico-financieras.

Este Foro señala el momento en el que se consolidó el nacimiento de un verdadero interlocutor para el neoliberalismo imperial de las últimas décadas.

También en las páginas de *Le Monde Diplomatique* se originó, en 1998, uno de los principales focos de resistencia al intento, por parte de los países industrializados, de negociar secretamente en la OCDE un Acuerdo Multilateral de Inversiones (AMI), que vendría a ser una especie de carta de derechos de las multinacionales, en conflicto con los intereses y legislaciones nacionales en lo que atañe a la defensa de los derechos laborales, sociales, ambientales o culturales. El proyecto fracasó debido a la oposición de múltiples organizaciones y a la defección del gobierno de Francia. Bernard Cassen, que en la misma publicación denunció la aberración que hubiera sido el AMI, fue uno de los que tomaron el frente en la creación de la Asociación por una Tasación de las Transacciones Financieras para Ayudar



Foto Antonio Escurra Sandoval

a los Ciudadanos (Attac), que adoptó con deliberada intención su sigla agresiva en la defensa de la Tasa Tobin - la propuesta de imponer un gravamen sobre los movimientos financieros especulativos transnacionales que desestabilizan y empobrecen a muchos para enriquecer a unos pocos-. Esta fue una de las propuestas más discutidas en el Foro, a la par de la condonación de la deuda de los países pobres, que ya la pagaron varias veces en concepto de intereses, y el control de las actividades de los paraísos fiscales.

"OTRO MUNDO ES POSIBLE"

Bajo la consigna «Otro mundo es posible», el Foro acogió a 400 talleres que organizaron las más variadas organizaciones sociales de docenas de países. En sus 16 paneles (que se volcaron sobre temas tales como la producción de riquezas y su reproducción social, la sustentabilidad, la afirmación de la sociedad civil y el poder político), el encuentro abarcó un amplio abanico de temas y ponencias: producción de bienes y servicios al alcance de todos, comercio internacional, sistemas financieros y desarrollo, uso de la tierra, nexos entre el desarrollo científico y el desarrollo humano, control social del patrimonio común de la humanidad, derechos humanos, factibilidad de lo urbano, fortalecimiento de la sociedad civil y la ciudadanía, derecho a la información y la preservación de las identidades culturales ante la mercantilización, relaciones de la democracia con el poder y su globalización, futuro de los Estados-naciones, construcción de la paz.

Al no ser de índole deliberativo, el Foro no culminó en una declaración única, que no podría resumir la diversidad de ideas y propuestas. Sin embargo, una coalición de 144 de las organizaciones participantes - sindicatos, ONGs, movimientos sociales – difundió una declaración movilizadora. Tras puntualizar que «Estamos en contra de la hegemonía del capital, la destrucción de nuestras culturas, la monopolización del conocimiento y los medios masivos de comunicación, la degradación de la naturaleza y el deterioro de la calidad de vida que derivan de las actividades de las corporaciones transnacionales y las políticas antidemocráticas», las organizaciones reafirman «la supremacía de los derechos humanos, ecológicos y sociales sobre las exigencias de los capitales e inversores».

Otra nota dominante fue la afirmación inequívoca de que no todo en la vida y la convivencia social puede *comodificarse* y mercantilizarse, de que no todos los valores puden reducirse a precio y trasformarse en mercancía (*commodity*) en un mercado regido exclusivamente por imperativos económicos. El agua, las semillas agrícolas, el abastecimiento esencial, la educación y la salud, las identidades genéticas, la circulación de ideas e informaciones, ¿acaso no deben ser considerados de interés general? ¿Acaso



Foto João Ripper

La declaración divulgada en el Foro defendio la supremacía de los derechos humanos, ecológicos y sociales sobre las exigencias de los capitales e inversores.

cabe, como cada vez más ocurre, aceptar su apropiación por parte de intereses privados orientados a la optimización de utilidades? Se expusieron y criticaron ampliamente las disfunciones y aberraciones que conlleva dicha lógica. La acción de José Bové y militantes del Movimiento de los Trabajadores Sin Tierra en contra de experimentos con semillas transgénicas que lleva a cabo la multinacional Monsanto en Rio Grande del Sul llegó a la primera plana de los periódicos, horrorizados con la violencia contra la propriedad privada y el derecho a la experimentación científica, pero es menester no olvidarse la violencia mucho más grave que sufren agricultores de todo el mundo, que se ven privados de semillas como consecuencia de la apropiación de su exploración y distribución por parte de grandes empresas transnacionales.

Otro frente importante de debates fue el tema de la democratización de los foros decisorios globales. El diseño y la implementación de las políticas económicas que afectan a pueblos enteros no pueden permanecer en manos de algunos centenares de decisores, que se encuentran reunidos en instituciones aristocráticas dominadas por las grandes potencias y los intereses del capital internacional y se rigen por

parámetros fracasados - entre éstos, el de que la creación de riquezas es incompatible con su simultánea distribución más justa.

¿Y DESPUES DE PORTO ALEGRE...?

El Foro volverá a reunirse en Porto Alegre en 2002, pero la tendencia es que se extiendan sus raíces a diferentes partes del mundo mediante encuentros sectoriales paralelos. Además, también está prevista la realización del encuentro principal en otros países a partir del 2003, siempre en las mismas fechas del Foro Económico Mundial de Davos. Se estableció toda una agenda para el seguimiento de los grandes temas y foros globales: los militantes de los derechos sociales asistirán al Foro Económico Mundial de Cancún (México) los días 26-27 de febrero, a la reunión sobre el Área de Libre Comercio de las Américas (Alca) en Buenos Aires (6-7 de abril) y en Québec (17-22 de abril), a la reunión del Banco Asiático de Desarrollo en Honolulu en mayo, a la cumbre del G-7 en Génova (15-22 de julio), a la Asamblea Anual del Banco Mundial en Washington del 28 de septiembre al 4 de octubre, a la reunión de la OMC en Qatar los días 5 a 9 de noviembre. De la constancia y permanencia de esa movilización dependerá la consolidación de una nueva relación de fuerzas en el escenario del capitalismo neoliberal, cuyos principales ámbitos ya se dan cuenta del problema que genera la manera salvaje como el régimen ha sido impuesto a nivel global, lo que se puso de manifiesto en la disposición de sus representantes al diálogo, aunque fue de fachada, en la teleconferencia Davos-Porto Alegre, con la participación del megaespeculador George Soros. Las distintas etapas de lucha se difunden permanentemente en las páginas del Foro en Internet (www.forumsocial mundial.org.br). ●

1 *RAMONET, Ignacio, «La pensée unique», Le Monde Diplomatique, enero de 1995.*

GLOBALIZAÇÃO

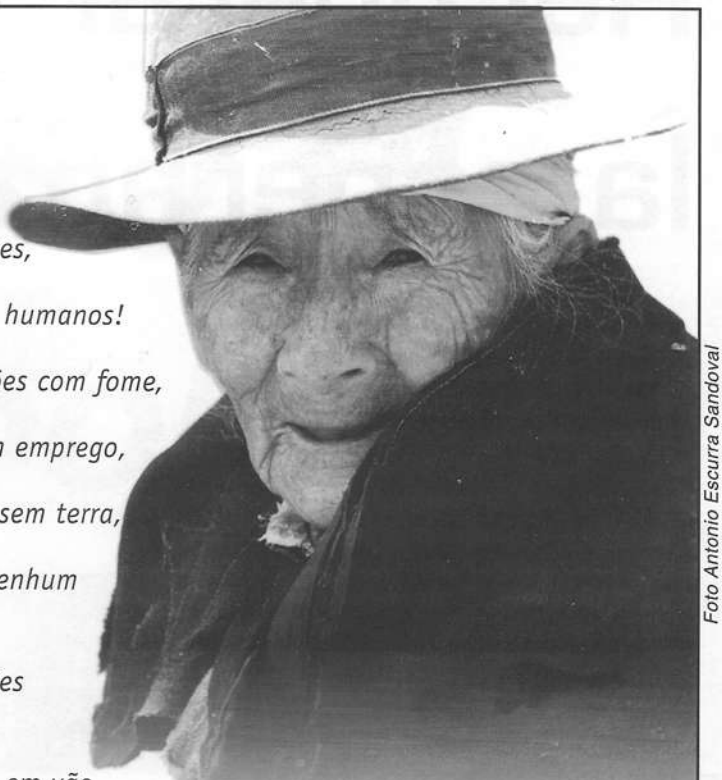


Foto Antonio Escurra Sandoval

Global-izar,
Global azar!
Somos seis bilhões,
Nem todos seres humanos!
Oitocentos milhões com fome,
Cem milhões sem emprego,
Mais os milhões sem terra,
Sem teto, sem nenhum direito,
Afinal, são bilhões de sem nome,
Cuja vida parece em vão,
Pois sendo, não têm,
E não tendo, não são.
O global azar
Liberaliza o tal
Do capital
E escraviza,
Mercantiliza,
Brutaliza
Quem só tem seu trabalhar.
Afinal,
Há um caminho diferente,
Capaz de transformar em gente
Os sujeitos à opressão mortal,
Capaz de mudar a regra
Da competição fatal,
De combater a violência,
Radicalmente:
Global-solidarizar,
Global-cooperar,
Recuperar a vocação profunda
Do Universo inteiro
E da Gente:
GLOBAL-AMAR!

Marcos Arruda - Lugano, 16/12/00

Recuperar la esperanza lavando banderas



Ismael Vega Diaz
Investigador del CAAAP - Perú

Venha conhecer, nestas páginas, a reflexão de Ismael Vega Díaz acerca da sociedade peruana, sua ameaçada democracia e a importância que adquirem as ações que a sociedade civil vem empreendendo para caminhar rumo à verdadeira cidadania.

Durante los últimos diez años, el Perú fue tomado por un abominable y violento poder oculto que estuvo a punto de convencernos no sólo de la inviabilidad de la democracia sino también de su inutilidad como sistema de gobierno y forma de convivencia. Un sector muy importante de la ciudadanía llegó a pensar que la democracia era un detalle innecesario.

Las acciones de un individuo por ambicioso y vesánico que sea, se producen en circunstancias históricas precisas, pero también es verdad que la bomba más poderosa no estalla sin participación activa o pasiva de otros. Sin la terrible crisis sociopolítica y económica, sin la tradición autoritaria del Perú, Montesinos y Fujimori no hubieran llegado tan lejos.

Lo que ha sucedido durante estos diez años, muestra la fragilidad con que suceden y se traman los hechos humanos, lo fácil que es que ocurra el desastre y que prevalezca el cálculo perverso y la imbecilidad moral sobre la ética y la inteligencia. La historia no es el resultado de leyes objetivas o de fuerzas ocultas sino de los actos de personas con nombre y rostros que en determinadas circunstancias, pueden elegir entre lo bueno y lo inmoral, entre el sentido común y el delirio.



Foto arquivo Novamerica

Todos somos, de alguna manera, responsables por lo que ha pasado, porque como han afirmado muchos científicos sociales (Baró: 1976; Lechner: 1987) la evidencia del triunfo del opresor es hacernos creer, primero, que la opresión y la corrupción son inevitables y luego, que son naturales y por lo tanto también inevitables.

En los últimos meses, una mezcla de desconcierto y desesperanza aprendida se estaba apoderando del país. En ese contexto, en abril del 2000, un ataud cargado por un grupo de personas vestidas de negro fue desplazado frente a la ONPE (Organismo Nacional de Procesos Electorales) en una ciudad de duelo y en furia. La democracia había sido herida de muerte, pero había nacido el Colectivo Sociedad Civil, verdadero protagonista de una resistencia inagotable y creativa que logró canalizar una importante y adormecida reserva moral que fue creciendo y que contribuyó de un modo importante a derrumbar el régimen de Fujimori y Montesinos.

"Lavar la bandera" fue la acción que más expectativa y más difusión logró. Poco a poco la ciudadanía sintió que lavar la bandera era la mejor manera de recuperar un símbolo que había sido secuestrado e infectado por un gobierno mafioso. Sin embargo, todos sabemos que hay que mantener la vigilancia ciudadana, porque la pelea aún no ha terminado y, sobre todo, porque la herencia de la corrupción todavía seguirá teniendo manifestaciones sociales,

Lavar la bandera fue una forma de recuperar un símbolo que había sido tomado por intereses antidemocráticos.

políticas, económicas y culturales.

"Lavar la bandera", "poner la basura en la basura" y otras acciones nos han demostrado que a pesar de nuestra responsabilidad en el crecimiento de la corrupción, todavía teníamos la posibilidad de ponerle fin a un gobierno que estuvo a punto de acabar con nuestra esperanza. Bobbio decía que el enemigo se hace mucho más peligroso cuando está dentro de los límites del Estado, es decir, dentro de lo que la sociedad tiene como referente permanente para lograr el desarrollo. Con el "lavado de la bandera", el Colectivo Sociedad Civil, siguiendo a Bobbio, no desistió y contribuyó de una manera importante a sacar a los corruptos de la cueva que habían construido dentro del Estado.

Ahora los peruanos cerramos con un respiro angustiado los periódicos, preguntándonos qué azares, qué ambiciones y necedades se conjuran para que la corrupción haya llegado a ser un acontecimiento habitual en la vida de la sociedad peruana. Pero ya hemos aprendido que "lavar la bandera", el acto más emblemático del Colectivo Sociedad Civil, puede evitar que nos convirtamos en ciudadanos resignados a vivir en un país inundado por la desconfianza y dominado por corruptos. ●

EL EJÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL MARCHA A LA CIUDAD DE MÉXICO

El EZLN marchó a la ciudad de México el pasado mes de febrero (desde el 25 hasta el 11 de marzo) con el fin de dialogar con el Congreso de la Unión sobre la llamada "Iniciativa de Ley Cocopa", elaborada por un grupo de legisladores de la Comisión de Concordia y Pacificación en diciembre de 1996, y desde entonces llamada "Ley Cocopa". Esta iniciativa de ley, en lo sustancial, recoge lo pactado por el gobierno federal y el EZLN en la primera mesa de diálogo de San Andrés y contiene -según el propio grupo- la mejor propuesta de reconocimiento constitucional de los derechos y la cultura indígenas.

La marcha por el reconocimiento de los pueblos indígenas y sus derechos, que pasó por 12 estados de la federación mexicana, no fue sólo del EZLN sino que convocó a unirse y participar a todos los pueblos indios de México y a todas las personas que, en el país y en el resto del mundo, demandan terminar de una vez con una situación injusta y aberrante, como es la marginación indígena.

Esta marcha es parte del camino de diálogo de paz entre el gobierno mexicano y el EZLN. Al entrar en funciones el nuevo gobierno de Vicente Fox al final del año pasado, el EZLN le pidió tres señales que indicaran el compromiso del nuevo gobierno con el diálogo y la negociación. Estas señales son las respuestas a tres preguntas:

- *¿El gobierno va a comprometerse con la vía del diálogo y la negociación? Si la respuesta es positiva, se le pide el retiro de 7 posiciones militares del ejército federal en la llamada "zona de conflicto" (dos ya se retiraron, pero aún faltan cinco por retirarse);*
- *¿reconoce el gobierno a los zapatistas como parte del diálogo y la negociación? Si la respuesta es afirmativa, se pide la liberación de todos los zapatistas presos (sólo han sido liberados 17 y faltan casi 100 más);*
- *¿están dispuestos a reconocer a los indígenas como mexicanos y como indígenas? Si la respuesta es sí, la Carta Magna debe reconocer los derechos y la cultura indígenas de acuerdo con la iniciativa de la ley Cocopa.*

La llamada "Ley Cocopa" ya se encuentra en el Congreso para lograr su aprobación, el EZLN realizó su marcha a México con el fin de dialogar con los legisladores federales.

Según una carta del EZLN del mes de febrero, ellos declaraban: "los zapatistas quieren que el diálogo se dé y que tenga éxito para así terminar con la guerra, con las causas que la originaron y poder hacer política como cualquier ciudadano mexicano."

En el año en el que se celebrará la Conferencia Mundial contra el Racismo y la Discriminación, convocada por la ONU en el próximo mes de agosto en Africa del Sur, no sólo es válido afirmar sino que esperamos que se haga realidad en los diversos lugares y continentes, el deseo de los propios zapatistas de** "que en la historia encuentren al fin lugar los que la hacen." **Y la participación en los Movimientos Sociales es un camino para ello.

Susana Sacavino

Referencias: www.ezln.org

Tinkunakama

La organizacion de las mujeres en el Valle Alto de Cochabamba

Esther Balboa Bustamante*
Cochabamba, Bolivia.



Foto Rina López

* *Psicóloga, Doctora en Ciencias Humanas y Biológicas, docente de la Universidad Católica Boliviana,*

Warmi pura tinkuna significa "encuentro de mujeres entre sí", no idioma quechua do Vale Alto de Cochabamba. Mas, que tipo de encontro? Que relações são tecidas nas reuniões? Com que pretendem romper estas mulheres? Como se organizam os encontros? A partir da leitura deste texto, você vai poder penetrar no cotidiano de um grupo de mulheres desta região boliviana - *Tinkunakama*.

TINKU O EL ENCUENTRO

En idioma quechua hay dos formas de significar la palabra *tinku*. Según Fray Domingo de Santo Tomás (1560) en dialecto Chincha significa "encontrar a otro"; según Gonzales Holguin (1608) en dialecto del Cusco significaría "reunir para trabar pelea", o también "encontrarse, topar, darse una cosa con otra". Esta significación coincide con el idioma aymara, donde Bertonio (1612) reporta que *tincutha* estaría expresando "encontrarse los ejércitos o bandos contrarios en la guerra; juegos; venir a la batalla, comenzar la pelea y cosas semejantes". En quechua Kolla según Herbas Sandoval (1998) significaría "encuentro, contacto, entrevista. Presentación personal de dos o más personas". Pero también "unión" y especialmente "torneo". Así mismo, reporta que regiones del Perú y Ecuador llevan *Tinku* por toponimio.

En el dialecto quechua del Valle Alto de Cochabamba, *tinkuy* se entiende fundamentalmente como "encuentro entre dos o más personas"; también, como la convergencia en un punto de por lo menos dos elementos que sean cualitativamente semejantes, por ejemplo dos líneas, dos ríos, etc; y *tinkuna* es el hecho mismo de

encontrarse, "el encuentro".

En Tarata, Punata, Cliza, Arani y Mizque: el Valle Alto cochabambino, hay diversos tipos de encuentros. En esta oportunidad me referiré al *warmi pura tinkuna* "encuentro de mujeres entre sí".

LA ORGANIZACIÓN DEL ENCUENTRO

Cuando las mujeres quechuas del Valle Alto se encuentran lo hacen a partir de una ruptura con su cotidianidad.

La orografía y sobretodo la hidrografía del Valle Alto, no permite que se consoliden poblaciones numerosas. Aparte de los pueblos -eufemísticamente llamados "ciudades intermedias" como Punata- los pobladores del Valle Alto se mantienen organizados en comunidades que constan de 40 a 50 familias. El principal elemento aglutinador es el agua. Allí donde hay vertientes, donde hay río, donde hay lagunas, donde hay pozos, allí se desarrolla la vida cotidiana; alrededor de la agricultura como estructura productiva, satisfactora de las necesidades básicas.

En esta sociedad agraria la vida cotidiana de las mujeres transcurre en su mayor parte en la región del trabajo. La atención de la familia demanda también mucha inversión de tiempo y energía. El tiempo libre se reduce a las fiestas religiosas marcadas por el calendario gregoriano de la Iglesia Católica y el ciclo agrícola.

Por eso, organizar un encuentro de mujeres es romper con lo cotidiano del Valle Alto. Para ellas es difícil identificar dónde está la ruptura, porque como toda crítica a lo cotidiano, ocaciona crisis. De esta manera las mujeres se enfrentan a la perplejidad de los varones acostumbrados a organizarse en diferentes grupos desde equipos de futbol, pasando por sindicatos y organizaciones productivas hasta partidos políticos. Los varones son el reflejo de esta crisis, que se expresa primero en burla, después en oposición, finalmente en aceptación condicionada. Ellos dicen: "Veremos hasta cuando pueden llevar la organización, ya se van a cansar, nadie les va ayudar, ojalá tengan cabeza para marchar bien".

Muchas organizaciones han desaparecido, tal como predijeron los varones, pero algunas sobreviven gracias a la lucha de una o dos mujeres.

Las organizaciones de mujeres ganan estas maldiciones porque en su mayoría no fueron producto de su propio desarrollo social, sino que emergieron en condiciones histórico-sociales donde el Estado boliviano acepta la presión de países donantes de alimentos secos; quienes exigen que sea el binomio madre-niño el receptor directo de vacunas y alimentos. De esta manera se organizan los llamados "Clubes de Madres" en la década de los 80. Como es conocido, estos abarcan a mujeres que viven en la periferia de las ciudades y en la periferia de los pueblos, pero nunca a todas las mujeres bolivianas. Las mujeres somos discriminadas en estos programas por capacidad reproductiva, por clase y raza. Primero, solamente las que tengan hijos, luego que se reconozcan y demuestren ser pobres, finalmente las que sean indias.

En el Valle Alto se formaron algunos "Clubes de Madres", pero después "Centros de Mujeres", "Cooperativas productivas de mujeres", "Tiendas Comunales", y otro tipo de grupos, de acuerdo a la capacidad de las Organizaciones No Gubernamentales (ONGs) de donar alimentos por trabajo, máquinas y elementos de costura, conejos de indias o cuyes, pagar por tejer chompas de lana de alpaca, molienda de granos y otros. Todos estos grupos estan aglutinados en torno a necesidades básicas de alimento y vestido. Más tarde se formaron los "Sindicatos de mujeres campesinas", hasta culminar en la "Federación de Mujeres Campesinas de Cochabamba" (1991), liderizada hoy por Florinda Fernandez de Arani. El propósito de los sindicatos es político, porque cuestionam las estructuras de poder vigentes respecto a la clase campesina en general y respecto a las mujeres en particular.

Muchas de estas organizaciones han desaparecido tal y como lo predijeron los varones. Algunas sobreviven gracias al empecinamiento de una o dos mujeres que continuan buscando donativos y unas pocas resurgen cada vez que la Federación las convoca. La organización del encuentro es importante, sin embargo, todavía no es vital. Esto sucede porque las demandas de necesidades básicas aún no se han convertido en demandas políticas.

EL ESPACIO COMO ORGANIZADOR DEL TINKUNA

Todo *tinku* o encuentro supone la existencia física de un espacio. Luego, el concepto de espacio se convierte en relevante para la comprensión de las organizaciones.

Todos o casi todas las organizaciones de mujeres en el Valle Alto han construido su sede. Un espacio físico real, grande o pequeño, pero un espacio donde es posible reunirse. Al principio fue bajo un árbol, pero después se compró terreno, se transportaron piedras, se hizo adobes (ladrillos de tierra mezclada con paja y secados al sol) y al fin se techó la sede de las mujeres. Muchas permanecen cerradas y el tiempo está encargándose de destruirlas, pese a que las burlas y a

las risitas mal disimuladas de los varones que expresan: "yo lo dije siempre, va fracasar" permanecen como un símbolo de la presencia de las mujeres.

Para que este espacio exista no es necesario que haya un proyecto externo al grupo. Todo es considerado "nuestro proyecto", así dure un par de reuniones; lo importante es mantener la continuidad, la percepción de la presencia del Otro.

Toda organización tiene sus límites impuestos por el "Cuaderno de Actas". En él se hallan escritos y firmados los acuerdos realizados, las obras cumplidas y la implacable lista de asistencia. El "Cuaderno de Actas" también representa la sincronía de los encuentros.

El espacio no sólo es productor sino también es producido. Cuando las organizaciones de mujeres tienen un espacio propio es importante que tenga



Foto Rina López

candado con llave. "Poseer la llave" es un signo de poder. Su poseedora es respetada, buscada y parlamentada aunque no se quiera. Muchos varones critican diciendo "hace tanto tiempo que está cerrado el club de madres, las mujeres no hacen nada, pero no nos quieren entregar la llave".

Toda la comunidad es testigo de estas circunstancias y de las relaciones que se han implantado a partir de poseer un espacio, una sede de las mujeres; por tanto también es un lugar que instituye verdaderas lecciones sin que haya intencionalidad explícita de enseñar.

En principio, este espacio asegura la recurrencia de las interacciones entre, para y con mujeres. Ya no importa que sean pobres o pudientes, con o sin hijos, india, chola (mestiza) o chota (india que se viste a la manera occidental); la sede como espacio asegura los vínculos y todas las redes que se han tejido en torno a ella.

Es así que simbólicamente asegura la realización de procesos de acuerdo a las características de sus integrantes: como son mujeres, es un espacio femenino. Esto no quiere decir que sea libre de varones, ellos pueden estar dentro en tanto comprendan y adopten actitudes femeninas, tales como hablar con discreción, cocer, bordar, tejer, cuidar del bebé, cantar, contar cuentos, hacer adivinanzas y chistes.

En la otra cara de la medalla, observamos que el espacio concretiza la forma de actuar de las mujeres. Los asientos, las piedras o simplemente sus aguayos (mantas indígenas tejidas en colores fuertes) son colocados en círculo, esta circularidad del espacio nos muestra la concepción del aquí y del ahora: la igualdad en la participación. En este tipo de espacio no hay prescripciones, ni proscripciones; una vez abierta la puerta no hay restricciones para la acción ni el pensamiento.

En este sentido, los roles no estan definidos. Aunque hay una serie de cargos asumidos bajo juramento, en lo que se denomina "Mesa Directiva", la mayoría de las veces son cumplidos parcialmente, siendo asumidos por cualquiera que en esos momentos se atreva a ejercerlo, lo importante es no transgredir la tradición organizacional de las mujeres.

En resúmen, este espacio tiene un valor propio, una característica de funcionamiento, y una historia.

EL TINKUNA EXPERIMENTADO COMO TIEMPO LIBRE

El encuentro en sí, o *tinkuna* es de por sí diferente a otras áreas de la vida cotidiana de las mujeres del Valle Alto. Entonces ¿qué representan las organizaciones de mujeres?, ¿trabajo?, ¿intercambio familiar?, ¿pasatiempo?

Se puede decir que un tiempo excento de trabajo existió en todas las culturas. En sociedades agrarias el tiempo libre se caracteriza porque no es un tiempo individualmente disponible; los ritos y las fiestas son comunitarios determinados por el santoral y la época de lluvias. Las organizaciones de mujeres quiebran este tipo de organización cotidiana y se atreven a re-conocer un tiempo privado para ellas.

El trabajo del campo y con los animales; así como el cuidado de las necesidades de la familia implican fatiga, costo psíquico y físico, de allí emerge la necesidad de encuentro, de libertad, de juego.

Por eso las organizaciones de mujeres son primeramente resolutoras

El cuidado de la familia y el trabajo en el campo implican fatiga, costo psíquico y físico, de allí emerge la necesidad de encuentro, de libertad, de juego.

de la problemática de la identidad: "somos mujeres campesinas". Por otro lado, en este tiempo libre de trabajo y de familia se recupera el cuerpo: "me sentaré a descansar, chukurikusajj", "jaku, pujllarikuna, ¡vamos a jugar!", "tusurikuna, ¡bailaremos!"

En este tipo de organizaciones las expectativas son grandes, tanto dentro como fuera del grupo; por tanto, hay menor tolerancia a la frustración. Un chisme o el incumplimiento de horarios, pueden acabar con la organización.

Muchas de sus actividades se atraviezan con el trabajo, cuando se trata de organizaciones productivas; y con la vida familiar cuando se trata exclusivamente de organizaciones de madres e hijos pequeños. En estos casos, el elemento lúdico queda sometido a la actividad transformadora del material y la consiguiente venta de mano de obra; o a la responsabilidad y obligación de continuar ejerciendo el rol de madre. Curiosamente son estas organizaciones las que acaban por deshacerse más rápidamente cuando el proyecto se ha terminado.

La formación de organizaciones campesinas está profundamente ligada al juego. El juego para el adulto es un espacio permisivo, con reglas que no son constricciones en tanto establecidas y pactadas voluntariamente, que también pueden abandonar libremente. Casi todas las fiestas y rituales concluyen con juegos. Por ejemplo en el Carnaval, en Santa Vera Cruz, en Todos Santos, etc. Estos juegos son cíclicos y tradicionales; en cambio la organización de mujeres es un tiempo libre de trabajo a cada ocho días y las posibilidades de jugar dependen solamente de la imaginación.

En este tiempo la necesidad de creatividad se acentúa, se buscan soluciones para problemas de la vida cotidiana,



Foto Rina López

Las reuniones se transforman en tiempos de pertenencia, de encuentro, de autonomia, de cratividad.

como jugar pasanaku para comprar materiales educativos o harina para amasar para los muertos. Es un tiempo de autonomía, donde se toman decisiones para sí mismas, como comprar tela y cocer sus propios vestidos o comprar lana para tejer sus propias mantas.

Es un tiempo de encuentro, porque las viviendas alejadas una de la otra y el trabajo cotidiano no permiten encontrarse.

Es un tiempo de pertenencia, porque cada una se pertenece y cada una pertenece a la organización. Este tiempo es intenso, es pasional.

Este también es un tiempo de aprendizaje dialéctico entre las contradicciones que surgen en la interioridad de cada participante y en la relación de nosotras con el contexto que rodea a cada comunidad campesina en su especificidad.

Al despedirse las mujeres del Valle Alto dicen: *tinkunakama* "hasta el proximo encuentro"; y allí, en un tiempo y en un espacio determinado, se re-editarán las experiencias de aprendizaje.

Todo nuevo aprendizaje implica una ruptura: ruptura con lo anterior, con lo viejo, pero también incorporación de nuevos elementos; así, a partir de lo que es rescatable de lo viejo y ante la incorporación de nuevos elementos las mujeres tienen la posibilidad de cambiar las organizaciones sociales. *Runayasanku* "están creciendo, están madurando". ●

Honrar la Vida

¡No....! Permanecer y transcurrir
no es perdurar, no es existir,
ni honrar la vida!
Hay tantas maneras de no ser
tanta conciencia sin saber,
adormecida....
Merecer la vida, no es callar
y consentir
tantas injusticias repetidas.....
Es una virtud, es dignidad
y es la actitud de identidad
más definida!
Eso de durar y transcurrir
no nos dá el derecho a presumir,
porque no es lo mismo que vivir
honrar la vida!

¡No....! Permanecer y transcurrir
no siempre quiere sugerir
honrar la vida!
Hay tanta pequeña vanidad
en nuestra tanta humanidad
enceguecida.
Merecer la vida es erguirse vertical
más allá del mal, de las caídas...
Es igual que darle a la verdad
y a nuestra propia libertad
la bienvenida!
Eso de durar y transcurrir
no nos dá derecho a presumir
porque no es lo mismo que vivir
honrar la vida!

Eladia Blazquez

EM DEBATE


NO NOS RECONCILIAMOS
NI OLVIDAMOS NO PERDONAMOS
NI UN PASO ATRAS
24 DE MARZO
PZA DE MAYO
VIVIR COMBATIENDO

Movimientos sociales y el futuro político

Elena Picasso
Abogada, trabaja en la Fundación Servicio Jurídico Solidario y como asesora jurídica de Endepa. Argentina



Foto João Ripper

A partir de instigantes perguntas, a argentina Elena Picasso abre o debate acerca do presente e futuro dos partidos políticos. Chama nossa atenção, também, para os movimentos sociais, constitutivos de uma nova trama sócio-organizativa no desenvolvimento da sociedade.

Mirando el Escenario Político-Económico-Socio-Cultural, podemos preguntarnos: ¿Hacia dónde están orientadas las fuerzas de poder? ¿De qué manera podemos acompañar e incidir? ¿Cuál es el camino?

- ¿Nuevas fuerzas políticas que se generan desde los movimientos sociales?
- ¿Nuevos partidos políticos que generen una real democracia participativa?
- ¿Dónde encontrar el poder de la ciudadanía con inclusión de todos?
- ¿Será viable una salida desde los reclamos inmediatos y cortes de ruta hacia nuevos modos de convivencia y de poder compartido desde todos? ¿Posible? ¿Imposible? ¿Dónde nos colocamos?

En este artículo señalaremos dos estrategias que se proponen como posibles salidas alternativas de cambio y transformación social y hacia las que se orientan búsquedas y tanteos.

Desde la "utopia" y también desde la mirada sociológica de la realidad circundante, se percibe el crecimiento de los movimientos sociales y todo lo que

generan por debajo en la sociedad: toda la vida que crece y surge, en debilidad y oscuridad, en medio de profundas contradicciones y reafirmaciones.

Por un lado, se vislumbra la conformación de nuevas formas políticas dentro de un nuevo sistema que facilite la representatividad, donde el poder político pueda estar canalizado a través de líderes diversos y de nuevos acuerdos que representen efectivamente la realidad circundante.

Otra alternativa es la renovación del sistema de partidos que en la actualidad -con votaciones cada cuatro o seis años, sin consultas intermedias y con votaciones de listas completas- se diluyen aún más en su representación.

Teniendo en cuenta una realidad disgregada y excluyente, el presente nos convoca para discutir la intencionalidad y proyección de los movimientos sociales en esta nueva década en América Latina.

Existe en ella una diversidad de movimientos sociales con canalizaciones múltiples de la demanda pública.

Apostamos y creemos que se irá dando gradualmente un progresivo avance en la dirección que sustituirá progresivamente a los partidos políticos en su representatividad, afianzando la democracia real: aquí se encuentra la cuestión central.

¿Cuáles serán los nuevos modos y mecanismos que alternativamente se van planteando para sustituir a los partidos políticos en la conciencia de que éstos, "no van mas", están perimidos y no logran canalizar la opinión pública ni encauzar los derechos humanos en la diversidad de la concepción de país?

Podríamos preguntarnos ante esta nueva sensibilidad y apertura, ¿por dónde se vislumbra el futuro en esta construcción de modos diferentes de conducción, según los escenarios políticos actuales y desde la incidencia de todos los actores? Y esto, a su vez, en un marco de relaciones y negociaciones, lleva a cuestionar, ¿desde dónde progresivamente se van convocando y aglutinando las distintas fuerzas que juegan como poderes contrapuestos?

El presente nos convoca para discutir la intencionalidad y proyección de los movimientos sociales en esta nueva década en América Latina

LOS MOVIMIENTOS SOCIALES AVANZAN EN CONCRECIONES Y LIDERAZGOS

Al hacer referencia a los movimientos sociales se pueden señalar aquellas fuerzas de poder que representan lo contra-hegemónico, reclamos de derechos, presión en la construcción de alternativas frente a la búsqueda de una sociedad diferente.

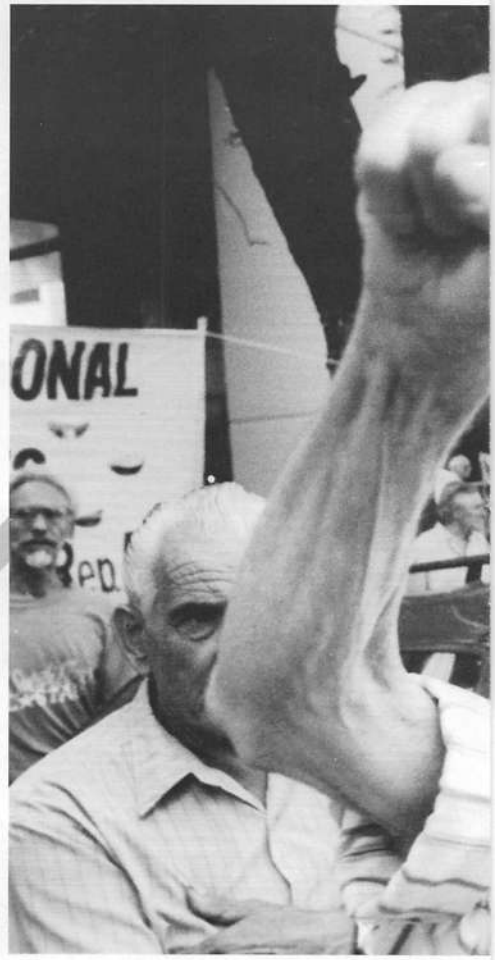
Esto en oposición a otras corrientes que manifiestan que la época de los movimientos sociales pasó, ya que hoy -argumentan- están debilitados y desintegrados.

Su rol en la trayectoria histórica de los años 80 y 90 de cara a las nuevas décadas, como hacia el futuro, nos conduce a mirar cuáles son los signos, las consecuencias, los contrastes de estos juegos de poder, relacionados con sus afirmaciones y contradicciones.

Es múltiple la diversidad de los movimientos sociales y su papel en la interinfluencia y relación con los partidos políticos.

Por un lado, el Movimiento de los Sin Tierra en Brasil, los movimientos que se generan en torno a reclamos concretos, los Movimientos de Mujeres para la igualdad y libertad con tanta repercusión en pocos años, los Movimientos Indígenas en sus afirmaciones como Pueblos en la concreción de los derechos reconocidos en las Constituciones Latinoamericanas... Por otro, los Movimientos políticos de antaño, que se canalizaron en la estructura política del poder representativo, como por ejemplo, el peronismo en la Argentina. ¿Qué nos dicen hoy? ¿En qué aspectos nos afirman en esta estrategia o qué dudas nos ofrecen?

En relación a todo esto, podríamos hacer un listado sobre las razones que afianzan o cuestionan uno u otro camino, podríamos preguntarnos,



también, si los partidos políticos podrían integrar algunos aspectos o "cambiar otros" desde nuevas relaciones de poder; así como los movimientos sociales abren nuevas perspectivas de futuro en la dirección de una acción política mas cercana, constructiva e integradora.

¿Cómo se manifiestan los movimientos sociales? ¿Es sólo algo coyuntural? ¿O se trata de algo más permanente? Ya en las situaciones mencionadas arriba podríamos discernirlo:

- Los camioneros que paralizan el país.
- Los reclamos que se canalizan mediante cortes de rutas de variedad notable, pero a su vez de corto impulso, y de objetivos inmediatos.
- El Movimiento Social de Mujeres en su lucha reivindicativa que permanece, aglutina y se extiende.
- El Movimiento Docente que parece más estable en ciertos sectores y mas inestable en otros, con apoyo de otras fuerzas políticas.

Observamos, en conjunto, todos los movimientos sociales y sindicales unidos, que van readquiriendo espacios desde las pocas fuerzas organizadas en lo sindical, pero con una gran resignificación.

- El Movimiento de los Sin Tierra de Brasil por ejemplo, como movimiento fuerte y especifico de reforma agraria con un proyecto social determinado, con tanta muerte y a su vez presencia que en la lucha se impone.
- Los Movimientos Indígenas de distinto tipo y modalidad
- El peronismo, que como otros movimientos históricos latinoamericanos, aparece debilitado al pasar a funcionar como partido político.



Foto João Ripper

La diversidad de los movimientos sociales y su relación con los partidos políticos es múltiple

LOS MOVIMIENTOS Y EL PODER POLÍTICO DIRECTO

En su mayor parte, el desarrollo actual de los movimientos sociales pareciera no aspirar al poder político directo, al poder político nacido y surgido del voto en la estructura partidaria en el libre juego de la democracia representativa vigente, sino que se mueven con expectativas diferentes. Apuntan a adquirir su personalidad y su peso de poder real en el juego de la sociedad y desde allí, negociar, reestructurarse, pararse con fuerza nueva, diferente y diferenciadora.

Todo esto en medio de un sistema neoliberal capitalista que se considera único, que genera dependencia, que a su vez se fortalece, aplasta y aparece como "monstruo" que aparentemente crece sin límites produciendo desgaste y angustia, provocando hastío, indiferencia y cansancio frente a un sistema de crecientes exclusiones, que avanza y destroza, que deja afuera a todo el que no se ajuste a sus requisitos, sus condiciones y sus esquemas.

LOS PARTIDOS POLITICOS EN CRISIS

Los partidos políticos forman parte de un sistema de poder que ya no



Foto arquivo Novamerica Argentina

satisface ni es efectivo. Provienen históricamente de una época y de un sistema homogeneizador que surge a finales del siglo XIX.

En lo referente al poder, se desarrollan mediante sistemas de votaciones que respondían a la legitimidad y a las expectativas de información, consulta y movilidad que hoy, con los medios de comunicación, chocan frente a un dinamismo nuevo.

Este sistema político, junto con el educativo y de salud, fueron configurando a lo largo del proceso del siglo XX, un desenvolvimiento de muchas transformaciones sociales hasta el pleno empleo y sistemas de trabajo y previsión en líneas sociales y solidarias.

En los últimos años, y desde sus diferentes pedestales, los partidos políticos fueron tornándose más formales en sus modalidades o estilos y, en algunos aspectos, no responden a esta democracia real que se construye con todos en movimiento inclusivo de votaciones y de mejora de condiciones de vida.

En la actual situación de desenvolvimiento social, se requieren nuevos mecanismos de participación directa en el ejercicio del poder. Pareciera que cada vez más se añora la "polis griega" con las consultas directas o los grupos, los foros, los encuentros, las convenciones; ámbitos que requieren mayor competencia para sellar acuerdos y convenir normas, decisiones y regulaciones acordes a la movilidad actual, sensibles a los profundos cambios de escenario y relaciones de poder, como a las modificaciones de la concepción y enfoque de una Nación Argentina plurietnica y multicultural.

Esto supone cambios profundos y por tanto mecanismos adecuados que permitan la expresión de las diversidades culturales y los nuevos panoramas productivos, los "sistemas productivos", laborales y previsionales, a fin de que puedan desarrollar sus propias estructuras, acorde a las nuevas relaciones de poder, de trabajo y de previsión.

No se trata de pasar como partidos políticos o a su sombra generar conducción con las limitaciones estructurales vigentes, ya que el andamiaje burocrático administrativo, aumenta su maraña de complicaciones y complejidades, de oscuridades y siniestras resoluciones que provocan injusticia permanente.

Se requiere generar, desde nuevos contratos, renovados acuerdos de acceso y funcionamiento, donde todos entren, donde los distintos movimientos y representatividades se autodefinan y reconozcan desde su heterogeneidad y pluriformidad.

Entre luces y sombras miramos el panorama desde abajo, desde el juego de poder que desarrollan los movimientos, vemos nuevas configuraciones, que apenas se vislumbran coincidiendo entre miedos, violencia, imposiciones, discursos, pretensiones de un sistema de poder que aumenta la dependencia.

Estos movimientos sociales desde órbitas, espacio y poderes diversos buscan reubicar su rol y crear y recrearse desde nuevos mecanismos de poder político que canalicen efectivamente tanta vida y representatividad que queda fuera del sistema democrático en el mecanismo de partidos. Encarnan desde su conjunto con cuotas de más organicidad, una democracia real hacia la que "aspiramos construir con más fuerza desde todos".

Asimismo se vislumbran mediante nuevas modalidades y acuerdos, desde nuevas plataformas, nuevas formas organizativas y normativas, que respondan, se acomoden y permitan progresivamente orientarse hacia un "contrato social" diferente, con expresiones propias y concretas, de un poder político de futuro que recoja lo que existe y lo valorice en sentido incluyente.

Si sólo acentuamos lo coyuntural de los movimientos sociales: el caso de los camioneros, de reclamaciones que se generan en algunos cortes de ruta y que tienen pronta resolución con salidas inmediatas; podríamos desde allí, preguntarnos cómo y desde dónde se pueden desprender y generar: de lo inmediato, lo mediato, de lo urgente, lo mas perdurable, de las presiones de los cortes con violencia la conformación arquitectónica de una política diferente, que consolide, fortalezca y haga posible nuevas estructuras del poder político y nuevas relaciones, nuevos compromisos y nuevas formas políticas de representación desde los poderes reales existentes hoy en las sociedades, y que no encuentran referencias ni canales reales de desarrollo en las comunidades y los pueblos. ●

Partido político: uma espécie em extinção?

Chico Alencar
Professor de História e deputado estadual (PT/RJ) - Brasil



Foto João Ripper

El concepto de partido político a lo largo del siglo XX; provocaciones acerca de nuevos "sujetos" que llegan a asumir su lugar en la actualidad; sugestiones y desafíos acerca del *deber ser* de un partido político para que contribuya con la emancipación de los oprimidos y explorados. Estos son algunos de los temas que encontrará en el interior de estas páginas interesantes.

O "GUIA GENIAL DOS POVOS"

Foi no século passado, especialmente a partir da vitória dos bolcheviques na Revolução Russa de 1917, que o conceito de partido político ganhou força e expressão social. Refiro-me, obviamente, ao partido político como organizador das massas populares no movimento de superação do capitalismo pelo socialismo. Partido como sujeito político específico e decisivo na disputa pelo poder estatal, a partir de proposições públicas que buscam a transformação da sociedade.

Foi nesse mesmo século XX que os estudos e experimentos da esquerda no que se refere ao partido mais avançaram. Marx e Engels não tiveram tempo (e talvez vivência ou vontade) para ir além das generalidades sobre a Liga Comunista e o internacionalismo. Viveram tempos de alta ebulição e, de alguma maneira, ficaram prisioneiros do economicismo reinante. Coube a Vladimir Lênin, Josef Stálin, Léon Trostsky, Mao Tsé-Tung, Rosa Luxemburgo, Antonio Gramsci e outros menos conhecidos tentar formular algo mais alentado sobre partido político na perspectiva da luta pelo socialismo.



Foto João Ripper

Todos foram condicionados pelo contexto sócio-político-cultural em que militaram. Cada um, inclusive os da finada União Soviética, acabou por entender e, sobretudo, vivenciar o partido de uma maneira. Mas ficou uma herança básica, fundamental, que pode iluminar nossas reflexões de aurora milenar sobre o partido político e sua importância atual.

A herança merece ser inventariada, afastado o interesse pelos partidos da ordem, que são mera organização de quadrilha para o continuado (e bem sucedido) assalto ao poder. Os partidos burgueses, de raiz oligárquica ou "moderna", são coronelistas e clientelistas. Como lembrava Antonio Gramsci, "o regime burguês é um regime de tutela: o princípio da autoridade é sua base fundamental e a autoridade detesta o controle, odeia a discussão". Não estamos aqui, portanto, nos referindo aos partidos fisiológicos, eleitoralistas, que se revigoram à medida que o vírus da despolitização, inoculado pelo ideário neoliberal consumista e imediatista, se espalha como epidemia. A ideologia do fim da história é o corolário da desconstituição da cidadania ativa, da entronização do cliente e do freguês no lugar do ser político e da própria despolitização da política, transformada em "assunto para entendidos" e, portanto, clube de poucos. Ao povo é oferecido o "direito" de delegar aos chefes e caciques. A população já não deve querer nem mesmo representantes – figura da democracia formal e burguesa – mas substitutos...

Para nós, conta gastar fosfato com o partido político entendido como organização doutrinária, de assumido sentido ideológico, com projeto de sociedade e de poder, numa dimensão utópica, isto é, de construção de um "outro lugar" coletivo, onde não haja exploração, manipulação, decisões verticais e autoritárias.

A herança marxista tem problemas: o conceito de ditadura do proletariado e de partido único caminharam juntos, e criaram uma cultura fechada na esquerda. Durante décadas, ela atribuiu o dom da infalibilidade a quem defendesse a boa causa. Eram absolutamente corriqueiros os documentos partidários que começavam com a dogmática afirmação de que "mais uma vez a realidade objetiva da luta de classes correspondeu às análises que fazíamos". Apesar disso, sobretudo em *nuestra*

America, a luta revolucionária dirigida por partidos e organizações de esquerda, ao longo do século, não logrou os êxitos pretendidos. O propalado "papel dirigente" do partido, "vanguarda do proletariado", não poucas vezes foi praticado de tal maneira que o distanciamento da "massa" tornou-se irreversível, e a "mensagem libertadora" do partido... incompreensível para os maiores beneficiários da libertação.

Além do dogmatismo das verdades absolutas – esquecidos de Bertolt Brech, que, com a sensibilidade do artista, sempre afirmou que "não somos melhores do que ninguém, melhor é a nossa causa" – o conceito e o cotidiano dos partidos de esquerda descendentes do marxismo-leninismo tinham outra característica: o centralismo. Nem sempre suficientemente democrático. Sem dúvida, as agruras da intermitente clandestinidade dificultaram o processo de discussão na base, isto é, nas células. Mas o exercício vertical da decisão entortou a boca de muitos heróicos e estóicos líderes, venerados quase como santos no altar na revolução popular. Os mausoléus de Lênin e Mao, em Moscou e Pequim, estão lá, hieráticos, solenes, a atestar a grandeza (historicamente inegável, humanamente enganosa) do "grande timoneiro" ou do "guia genial dos povos".

Quantas injustiças e crimes foram cometidos em nome do proletariado!

O dogma da infalibilidade partidária era assumido também por Trotsky: "a dominação revolucionária do proletariado supõe no próprio proletariado a dominação de um partido (...) os comunistas exprimem os interesses fundamentais da classe operária e a representam, em sua totalidade" (Leon Trotsky, "Terrorismo e Comunismo"). Esta prática acabou por comprometer a democracia interna nos partidos de esquerda, especialmente quando chegaram ao poder estatal. Quantas injustiças e crimes foram cometidos em nome do proletariado! A foice e o martelo, símbolos do labor camponês-operário, deram lugar à picareta com que o poder stalinista eliminou, com frieza siberiana, seu principal dissidente, na cidade do México.

Nem tudo, porém, são manchas de sangue e necessária revisão auto-crítica. A insistência na organização consciente dos trabalhadores e na sua consciência de classe, compreendendo seus interesses coletivos dentro da sociedade capitalista, também são marcas congênitas da noção de partido de esquerda. Células, núcleos, organização de base; ativos, coletivos, conferências e encontros: todos são espaços de estruturação igualitária da militância, sempre considerada "nervo e vida" da organização partidária.

O entendimento geral era de que não haveria transformação social sem um partido liderando, dirigindo, cimentando a "unidade da vontade e de ação rumo à ditadura de uma classe" (Trotsky). Partido organizador das massas, "despertador da latência revolucionária da classe operária". Vanguarda propulsora das greves e inssurreições, partido estruturador do assalto ao poder, para torná-lo popular. A tomada do Palácio de Inverno e os dez dias que abalaram o mundo, da gloriosa Revolução de Outubro, eram nossos paradigmas.



Foto João Ripper

CAINDO NA REAL (OU NO VIRTUAL)

Joel Rufino e Muniz Sodré são brasileiros, negros, politizados e professores da UFRJ. Ambos, quando terminarem sua existência, terão vivido a maior parte de suas vidas na segunda metade do século XX. Ambos, agudos observadores da realidade contemporânea e com um compromisso político que se confunde com suas próprias vidas, alertam para o fato do grande partido político de hoje ser a... televisão. "Ela faz a agenda, seleciona o que é impor-

tante ou não, e nos pauta. Em torno dela se reúnem, diariamente, pelo menos 80 milhões de brasileiros", lembra Joel. "A mídia é o intelectual coletivo das classes dirigentes", continua Muniz. "Ela produz um novo tipo de sociabilidade, ajustada aos imperativos do mercado e do capital. É um setor estratégico da nova ordem social".

Esta constatação, trágica mas também desafiadora, revela o esvaziamento do partido político como estruturador e galvanizador dos interesses e do imaginário popular. A crise é geral na esquerda: crise de projeto de sociedade, após a queda do Muro de Berlim, crise de militância – apertada pelas agruras da sobrevivência cada vez mais difícil–, crise teórica, de clareza quanto a categorias de análise social, crise da própria forma "partido político".

Não conseguiremos entender essa crise (sempre positiva ao cobrar superação) se não percebermos que as transformações do capital, sobretudo nas últimas três décadas do século XX, foram intensas. A "modernização globalitária" implica na superação do modelo taylorista-fordista, com a perda da centralidade da classe operária industrial tradicional e a precarização das relações de trabalho (opondo, muitas vezes, setores assalariados integrados na economia formal e setores excluídos – os *sem*, que se constituem, hoje em dia, como os pólos mais combativos nas suas lutas radicais por direitos elementares à terra, ao trabalho e ao pão). A nova ordem capitalista neoliberal está fundada na financeirização da economia, na tecnologização da acumulação, na globalização dos mercados e na hegemonia da publicidade e da propaganda midiáticas (que reduz o povo a público, como profetizara o escritor brasileiro Lima Barreto, no início do século).

Esta dinâmica de dispersão social dos explorados e embaralhamento de seus interesses acabou por erigir novos atores na cena social e, em decorrência, novos protagonistas políticos. Como escreve Tarso Genro, prefeito petista de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no Brasil, "as velhas categorias da esquerda, que refletiam no plano da política uma etapa histórica da luta de classes, baseavam-se principalmente numa "demarcação" que confrontava classes definidas e organicamente estruturadas de forma visível, inclusive internalizadas nos espaços nacionais concretos. Hoje, esta mera demarcação não tem mais capacidade de operar politicamente – seduzir as pessoas – contra reformas que são exigidas para a fluidez econômica da nova ordem" (in "Esquerda e a Terceira Via: um dilema teórico e político em curso", Revista Filosofia Política, UFRGS).

A demanda social é por um partido político que apóie e estimule os movimentos sociais, associativos, culturais e sindicais.

A classe operária não foi ao paraíso: segue a caminho, talvez sem perguntar mais "onde vai dar a estrada". As classes trabalhadoras (o plural é mais fiel à realidade poli-social e multicultural das classes não-proprietárias dos grandes meios de produção) seguem na estrada da história com contingentes diferenciados internamente, com nova roupagem, nova linguagem e nova cabeça, o que implica em novos padrões de percepção das relações interpessoais, políticas e de lazer. Essas classes, potencialmente interessadas num "outro mundo" possível, justo e fraterno, perderam o endereço do sindicato e do partido político? Ou partidos e sindicatos é que perderam a sintonia com suas aspirações?

PARTIDO-MOVIMENTO

Um partido político do nosso tempo não será um fim em si mesmo, uma "entidade fim", mas instrumento de organização popular para a transformação da sociedade rumo ao socialismo. Este partido não se pode pretender o único representante dos interesses das classes trabalhadoras. Mas ainda joga, como ator político específico, um papel insubstituível e, por isso, singular no processo que percorre todas as formações sociais contemporâneas, do Burundi ao México, da Guatemala ao Sri-Lanka (cf. Marcos Rolim in "PT, Partido de Interlocução", publicação ALERS, 1992).



Partido político mudancista precisa ter horizonte utópico radical, que funcione com um acicate sobre sua rotina e sobre a prática de seus militantes e dirigentes. Anticapitalista por definição, este partido deve propor uma sociedade onde as relações sociais sejam de cooperação, onde o interesse público prevaleça sobre

os do mercado, onde a diversidade se afirme sobre a uniformização consumista (inclusive do pensamento), onde a relação com a natureza seja de integração, onde o trabalho seja direito de todos à realização pessoal e social e a informação e a participação política estejam capilarizadas. Um partido só é socialista se defende e pratica a cidadania horizontal e condena todas as desigualdades: de classe, de gênero, de etnia, de posição social. Um partido igualitarista, libertário, crítico e criativo.



Foto João Ripper

Um partido que, como "intelectual orgânico", dissemine a idéia, o debate e a disputa política concreta em torno do "reformismo revolucionário", isto é, do processo de reformas profundas, muitas delas em contradição com a ordem capitalista excludente, que modifiquem a estrutura social e já sejam, na verdade, os primeiros passos da construção de uma sociedade socialista. Urge superar a visão "etapista" (e "utopista ingênua") de uma certa esquerda que imagina a implantação do socialismo apenas num determinado momento, em meados do século XXI, digamos. Tudo – ações de massa, medidas de governo, construção de imaginário – que entre em choque com a lógica do capital e seus valores culturais já é água fazendo girar o moinho do socialismo. O cientista político Carlos Nelson Coutinho costuma lembrar que Marx, ao discursar em 1863 num congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, disse que o recém-conquistado limite diário da jornada de trabalho já era a primeira vitória da economia política do trabalho sobre a do capital, isto é, do socialismo sobre o capitalismo.

A demanda social é por um partido político que apóie e estimule os movimentos sociais, associativos, culturais e sindicais, e que não os intrumentalize. Um partido que se considere ator entre outros atores, com diferentes papéis e um só texto a ser encenado – em diversos cenários – no teatro social: o da construção de um novo sistema.

Um partido independente, que não "dirige" os movimentos, presunçosamente, mas que não deixa de propor rumos e alternativas a estes mesmos movimentos, reconhecidos com sua fisionomia pública autônoma e sua capacidade de autodireção. Um partido-movimento que, ao não tornar a dinâmica social organizada uma mera "correia de transmissão" dos seus objetivos, deixa-se fecundar pelas lutas e proposições desses movimentos. E que também é referencial político e produtor de uma reflexão mais abrangente, absolutamente necessária aos que atuam nos movimentos, tantas vezes limitados espacial ou corporativamente.

Um partido que reconhece a crise de participação e mobilização – da qual também é vítima – e busca, solidariamente com todas as outras formas organizativas da sociedade, inclusive as não tradicionais, ligadas às artes e religiões – modos e meios de superar a apatia e o desinteresse pelos rumos da sociedade.

Um partido de interlocução com todos os movimentos, mas também pedagógico e de luta. Pedagógico porque fala às massas, interage com elas, conversa cotidianamente com o povo, cuja dispersão e ignorância é projeto eficaz das classes e dos partidos dominantes. Partido pedagógico porque reelabora sua linguagem e, desburocratizado, dá significado coletivista e potência política às inquietações e anseios populares, que estão no coração e nos poros de cada militante. Partido educador, que se reeduca permanentemente na relação com a população, inclusive a não organizada.

Um partido de luta porque está sempre na linha de frente dos embates sociais, na defesa dos marginalizados, dos sem voz e prestígio, dos maiores interessados num outro tipo de organização social, que não virá "natural e inevitavelmente" por força das contradições sociais. Partido que, nesse contexto, tem imprescindível contribuição a dar no processo emancipatório dos oprimidos e explorados. ●

idéias em rede

Ideas en red



La autora conduce la reflexión acerca de los movimientos sociales destacando su carácter formador "en" y "para" la ciudadanía, desmitificando, paralelamente, el lugar que tradicionalmente ocupa la escuela en la formación de los ciudadanos. ¡No deje de leer estas provocativas páginas!

Movimentos Sociais:

locus de uma educação para a cidadania e para a democracia

Janett Ramírez
Novamerica - Rio de Janeiro/Brasil





Foto João Ripper

Cristiano, um dos Sem Terrinha, de 9 anos, foi participar de um encontro nacional em Brasília[1]. Ao voltar para casa *"uma das primeiras coisas que contou para sua mãe foi sobre os mendigos que viu na Estação da Rodoviária da cidade, e de como eram sujos, feios e tristes... enquanto contava sobre estes mendigos, as lágrimas corriam de seus olhos, o que ele ainda tentava esconder, constrangido diante de seu próprio sentimento. Ele não conseguia se conformar como em uma cidade onde mora o Presidente da República, e tem tantas casas bonitas, podia ter também tantas pessoas passando fome e morando na rua..."* (Caldart, 2000:213).

Esta vivência de Cristiano resulta mais do que um simples fato suscita algumas perguntas: onde aprendeu a *"olhar"* a realidade de uma outra maneira para além do seu mundo de criança? Como explicar sua sensibilidade para *"se deixar afetar"* pelo sofrimento do *"outro"* num mundo que cultiva o individualismo exacerbado? Será que sua forma de pensar, sentir e inclusive de agir está sendo cultivada e modificada pelo fato de pertencer a uma das famílias do Movimento Sem Terra - MST?

Experiências como a de Cristiano, podem nos convidar a pensar nas sementes de *"esperança"* de uma outra geração de futuros jovens, de futuros adultos com um jeito de *ser mais humano*, ou seja, que além de ter a capacidade de sonhar, de aspirar e de esperar tenham também o vigor novo de querer mudar e recusar tudo o que é desumano.

É dentro deste contexto que queremos trazer a experiência educativa dos movimentos sociais como locus onde se desencadeiam processos formativos a partir de uma *educação na ação* e se gesta um *"sujeito coletivo"* que luta por uma cidadania coletiva e uma democracia como estilo de vida. Assim como alguns desafios que os movimentos enfrentam.

EDUCAÇÃO NA AÇÃO: O DESAFIO DE TRANSFORMAR-SE, TRANSFORMANDO

Segundo Gohn (1992), o caráter educativo dos movimentos sociais caracteriza-se por promover uma educação autoconstruída através do próprio processo que os movimentos realizam no exercício da cidadania participando ativamente como organizações da sociedade civil. Os movimentos geram processos educativos quando entram em

1 *Cristiano (membro de uma das famílias do Movimento Sem Terra - MST) foi premiado no Concurso Nacional de Redações e Desenhos, promovido pelo Setor de Educação do MST, em 1998.*

relação com diferentes instâncias de poder político e aprendem por experiência o que isso significa. Aprendem a conhecer as gestões burocráticas e, em muitos casos, sua ineficácia. Constatam as diferenças existentes no tratamento das demandas dos diferentes grupos sociais. Aprendem assim que não é fácil atingir os objetivos que perseguem. Por isso mesmo, procuram assessorias, parcerias, aprendem que unir forças com outros pode ser fonte de melhores resultados. Por último, a dismitificação da autoridade e do conhecimento formal lhes ajuda a reconhecer e valorizar a força do grupo e o conhecimento que gera sua própria prática. Os movimentos sociais passaram a enfatizar a transformação da sociedade civil e seus processos de democratização. Procuram contribuir para uma democracia que ultrapassasse as instâncias do poder institucionalizado e favorecem uma cultura política e social mais democrática.

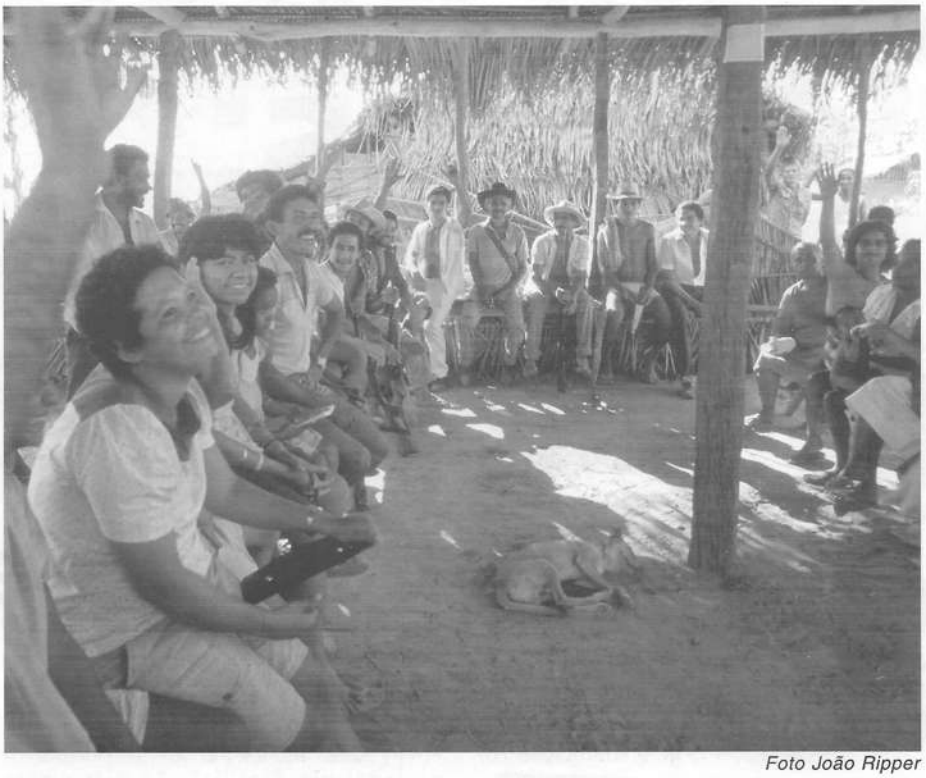


Foto João Ripper

Apesar das limitações encontradas, os movimentos sociais têm vivenciado nas suas lutas processos democráticos. Estas experiências constituíram verdadeiros processos educativos. Elas têm ajudado *"a repensar as limitações e contradições da democracia que nos foi legada pela história dominada pelas oligarquias"* (Poletto: 1993, p. 31). As experiências democráticas dos movimentos sociais criticam e rejeitam as práticas políticas tradicionais e ampliam o conceito de política a outras instâncias da vida, visando construir uma cultura política democrática com novas formas de fazer política. Os movimentos sociais são, portanto, interlocutores da sociedade civil frente ao Estado, construindo um espaço autônomo e democrático de organização, de formação de identidades e relações de solidariedade (Avritzer 1993).

"Ser do movimento é estar em movimento", "O Movimento é um processo" são expressões comuns que os membros de diferentes movimentos sociais utilizam para expressar que o "mundo está sendo" (Freire, 1997: p. 85), que a história é uma possibilidade e não está pré-determinada, que nada está acabado, que tudo esta se fazendo e refazendo. Que mudar o ritmo perverso dos acontecimentos é possível se as pessoas são capazes de intervir na realidade não para adaptar-se, mas sim para transformá-la. Esta convicção que surge da prática do dia a dia conduz permanentemente para a ação transformadora. Desta forma, os movimentos descobrem a partir de sua prática um dos sentidos originais da palavra *"ação"* em sua acepção do verbo latino *agere* que significa *"pôr em movimento"*, e que a história levou a priorizar outros significados tais como: governar, liderar, realizar (Arendt, 1993).

"As experiências vivenciadas pelos movimentos sociais nas suas lutas constituíram verdadeiros processos democráticos."

UMA *"CIDADANIA COLETIVA E UMA DEMOCRACIA PARA TODOS OS MOMENTOS"*: NOS BASTIDORES DOS MOVIMENTOS COMO SUJEITOS COLETIVOS

Na busca de adequar a noção de cidadania aos desafios do momento presente, a experiência dos movimentos sociais, nas últimas décadas, tem dado uma contribuição importante para repensar a cidadania a partir de uma noção de *cidadania coletiva*. Esta cidadania está presente nos movimentos sociais não só porque eles reivindicam seus direitos tendo por base interesses de diferente natureza, mas principal-

mente porque eles mesmos se constituem em sujeitos sociais que fazem e refazem a história. Trata-se de um sujeito coletivo que é social e descentralizado, em cujo interior seus membros passam a definir-se, a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto. Para eles o cotidiano torna-se lugar político de atuação e cria-se uma prática nova a partir da consciência de interesses e vontades próprias.

É na prática que se aprende a ser cidadão. É na prática que se constrói esse caráter educativo. Daí que pode se afirmar que o espaço em que se desenvolvem os movimentos sociais constituiu-se numa *"escola da cidadania"* e que *"a educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que é, em si mesmo, um movimento educativo. A cidadania... constrói-se como um processo interno, no interior da prática social em desenvolvimento, como fruto do acúmulo das experiências construídas. A cidadania coletiva é constituidora de novos sujeitos históricos... A cidadania coletiva se constrói no cotidiano através do processo de identidade político-cultural que as lutas cotidianas geram"*(Gohn, 1992: p. 16-17).

Esta concepção de cidadania busca acentuar o valor da solidariedade como vínculo de união dos grupos sociais e a conquista de uma cidadania que seja plena para todos na qual os cidadãos sejam conscientes do poder que eles têm, tanto por ser 'sujeitos de direitos', como pelo exercício de suas responsabilidades como cidadãos de uma democracia participativa. Esta concepção de cidadania incorpora também as diferenças dos grupos sociais e perpassa a cotidianidade da vida: "trata-se de pensar, sentir, agir, no sentido de que a democracia se constrói a todo instante, nas relações sociais de que fazemos parte" (Covre: 1993, p. 11).

ALGUNS DESAFIOS

Na tarefa de se repensar na relação educação-movimentos sociais é necessário rever o conceito de educação. Tradicionalmente tem se valorizado a educação formal ou escolarizada como a única capaz de formar cidadãos. A capacidade para participar e agir na sociedade estava fundamentalmente referida ao domínio do saber sistematizado e socialmente reconhecido, transmitido pela escola.

"É na prática que se aprende a ser cidadão. É na prática que se constrói o caráter educativo dos movimentos sociais."

Segundo Arroyo (1986) a cidadania não se constrói através de intervenções externas, de programas e agentes que outorgam e preparam para o exercício da cidadania. Pelo contrário, ela se constrói como um processo que se dá no interior da prática social e política dos grupos sociais. Neste sentido, os movimentos sociais são verdadeiros agentes de uma prática educativa que conduz ao aprendizado de ser cidadão: *"as ações (dos movimentos sociais), que vêm se repetindo tão freqüentemente, são expressão de uma cidadania popular que vem sendo construída. O povo vai construindo a cidadania e aprendendo a ser cidadão nesse processo de construção. O povo é agente de sua constituição como sujeito histórico"* (Arroyo, 1986: p, 75), ou, como afirma Palma (1993), os sujeitos sociais constituem-se, basicamente, a partir da prática.

É inerente à vida cotidiana das organizações, uma dimensão educativa pois este é o espaço onde se favorece a constituição de sujeitos democráticos. Nesse sentido, é importante assinalar que *"um dos erros constantemente cometidos pelos grupos progressistas em política têm sido o de propor uma sociedade superior -solidária, livre, participativa, democrática- às pessoas que na vida cotidiana operam com valores machistas, autoritários, individualistas e basicamente competitivos. Então a proposta de construir e aprofundar na democracia... carece de chão adequado... é na vida cotidiana que se pode começar a constituir sujeitos democráticos"*(Palma: 1993, p. 93).

A experiência dos movimentos sociais tem evidenciado que o fato de favorecerem a organização, de buscarem canais de participação, de favorecerem as lutas pela conquista de direitos, de abrirem espaços democráticos e de transformação social supõe a mobilização de processos de educação na cidadania orientados à transformação social e à construção de um projeto alternativo de sociedade. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVRITZER, L. Além da dicotomia Estado/Mercado: Habermas, Cohen e Arato. *Novos Estudos*, n.36, julho 1993.

CALDART, R. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COVRE, M. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GOHN, M.G. *Movimentos Sociais e Educação*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janerio: 1997.

ARENDT, H. *A Dignidade da Política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará 1993.

ARROYO, M. Educação e exclusão da cidadania; in: Arroyo, M. e vários. *Educação e Cidadania: Quem Educa o Cidadão?* São Paulo: Cortez, 1986.

PALMA, D. *La construcción de Prometeo. Educación para una democracia latinoamericana*. Lima: CEAAL-Tarea, 1993.

POLETTO, I. Democracia: Uma Construção Popular. *CEAS*, n. 148, nov/dez, 1993.

A partir das práticas de diferentes atores sociais no âmbito do Continente, Helio Gallardo nos esclarece a respeito das diferenças encontradas em conceitos como ação, mobilização e movimento social, levando-nos a pensar acerca de possíveis utopias, necessárias para a construção de uma nova humanidade.



Aunque la expresión 'acción social' tiene historia en el discurso sociológico, aquí la empleamos en su sentido amplio de esfuerzo por cambiar las instituciones económico/sociales y político/culturales. La clave de esta descripción reside en la noción de *incidencia*. Una acción es social por su incidencia, o sea porque llega, toca o cae sobre una situación, institución o lógica social (estructura) y contribuye a su transformación. Un acto de un individuo, por ejemplo una huelga de hambre, puede constituir una *acción social* si contribuye a detener o transformar el curso de otras iniciativas sociales gestadas desde posiciones de poder, como el trámite de una ley, el reclutamiento obligatorio o el incumplimiento de una promesa electoral. Una acción social tiene carácter *popular* cuando su incidencia busca una *transformación liberadora*.

Además de su relación central con la noción de 'incidencia', la acción social supone algún tipo, mínimo o avanzado, de *organización*. La organización es necesaria para alcanzar la incidencia buscada, pero también para maximizar (obtener el mayor provecho) el empleo de recursos y, sobre todo, cuando se trata de una acción popular, para asegurar la coherencia entre medios y fines. La organización de la acción social puede tener como protagonista a un solo individuo, como en el caso de la huelga de hambre o de una objeción de conciencia, pero su incidencia depende del concurso de otros actores. Si la huelga de hambre es silenciada por los medios masivos e ignorada en los círculos políticos o no es potenciada por las acciones de otros sectores (marchas, bloqueos, paros, agitación, etc.) no pasará de ser un esfuerzo individual. La organización puede derivarse, por tanto, del protagonista de la acción o de la acción complementaria de otros actores directa o indirectamente interesados en la transformación de una situación, institución o lógica social.

La acción social popular es *liberadora* porque se orienta contra una *lógica de dominación*, no sólo contra una situación que se estima negativa o impropia. En esta transición entre

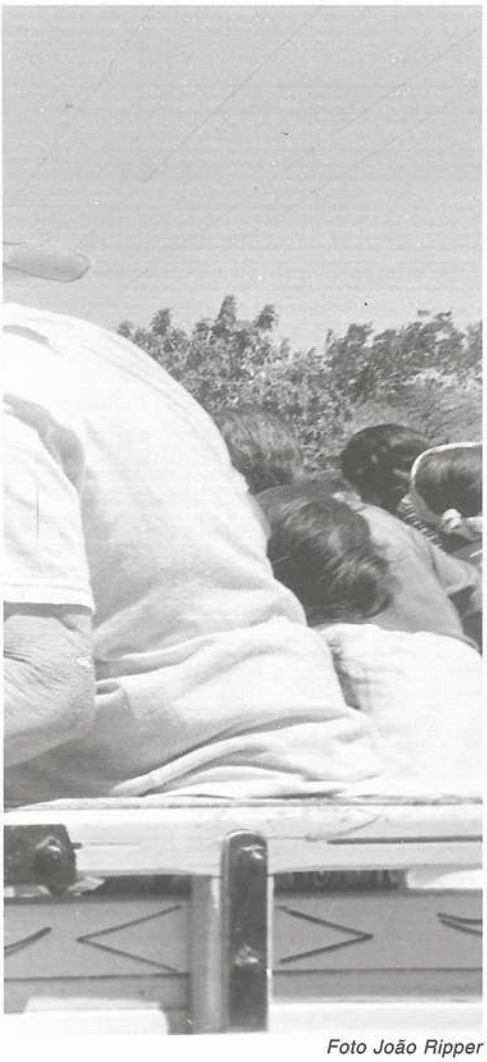


Foto João Ripper

Acción social, movimientos sociales, lucha popular

Helio Gallardo
Costa Rica

siglos, por ejemplo, se han reavivado acciones en muchos países latinoamericanos contra el pago de la *deuda externa*. Esta demanda no se limita a denunciar el carácter materialmente impagable de la deuda (con sus intereses) y la exacerbación de las injusticias sociales y dependencia que su obligación de pago implica, sino que procura tanto la anulación, o al menos una moratoria, de la deuda como la transformación de las condiciones estructurales del intercambio internacional que llevan a las sociedades/economías latinoamericanas y caribeñas a endeudarse. De lo que se trata es no sólo de sacarse la deuda de encima (porque, literalmente, mata), sino de quebrar la lógica que produce las situaciones de endeudamiento impagable y, con ello, el sometimiento de los deudores a los acreedores.

Luego, ante el endeudamiento externo una acción social puede orientarse a demandar la anulación total o parcial de la deuda (o su moratoria) sin tocar las lógicas económicas y políticas que han conducido a la situación que se denuncia. La acción podría tener éxito y la deuda ser condonada, pero las estructuras que conducen al endeudamiento no serían alteradas y la situación de deuda y subordinación volvería, después de un tiempo, a producirse.

Una acción social *popular* contra la deuda se orientaría no sólo para exigir su anulación, sino para transformar las estructuras económicas[1] que hicieron posible esa deuda y las estructuras e instituciones políticas[2] que potencian y sancionan su reproducción. Una acción social popular es, por ello, inevitablemente *política*.

La acción social popular contra el pago (imposible) de la deuda no puede limitarse a ser únicamente un evento o suceso. Contiene, porque intenta alterar estructuras y lógicas de dominio, la tendencia a transformarse en una movilización social. Un Movimiento Social contra el Pago (imposible) de la Deuda se expresa mediante acciones sociales con incidencia (agitación, propaganda, jornadas de reflexión, marchas, bloqueos, etc.), pero no se agota en ellas. Un movimiento social es más

Un movimiento social se caracteriza por la *continuidad*, que se expresa como memoria de lucha, acumulación e identidad propia.

se trata de 'convocar' y 'acumular' es preciso alcanzar un discernimiento respecto de a quiénes (y con qué y en qué circunstancias) es posible convocar y a quienes no es posible ni convocar ni sumar. Un movimiento social debe identificar, por consiguiente, con la mayor precisión posible, qué estructuras y lógicas de dominación golpea, qué situaciones las representan y qué sectores las personifican en una sociedad caracterizada por el conflicto de intereses y posiciones. Para llevar a cabo estas identificaciones, un movimiento social debe aprender a pensar su realidad social y asumir que esta realidad contiene su propia movilización (sus acciones) como uno de sus factores de cambio.

(o construyendo) su identidad social. Los movimientos sociales populares deben ir autoconstituyendo su identidad en su movilización de lucha porque parte de ésta consiste en rechazar radicalmente la identificación que el sistema les ha asignado. En el ejemplo anterior, el sistema económico/político determina a la gente como deudora eterna, es decir por culpable sometida eternamente a la presión usurera internacional y nacional. La gente que se mueve contra el pago de la deuda lucha, entonces, para ser, económica, política y culturalmente, seres humanos libres y ciudadanos autónomos (responsables y participativos). Como se advierte, un Movimiento contra el Pago (imposible) de la Deuda no se agota en



Foto João Ripper

que sus acciones sociales, aunque su incidencia se derive de ellas. ¿Qué es 'lo más' que contiene un movimiento social respecto de sus acciones? Lo más obvio es su continuidad, es decir su permanencia relativa. Esto quiere decir que la movilización social propia de un movimiento busca no sólo incidir con sus acciones, sino convocar y acumular fuerzas de modo de poseer cada vez una mayor capacidad de incidencia. Cuando

Un movimiento social popular es impensable sin reflexión propia. Esta reflexión le significa desafíos organizacionales. Debe no sólo realizar acciones (moverse) con incidencia, sino que estas acciones deben permitirle acumular fuerzas al mismo tiempo que golpean situaciones (corto plazo) y estructuras y lógicas sociales (alcance estratégico). En ese despliegue complejo el movimiento debe ir ganando

acciones contra ese pago.

Enfatizando el punto de la *autoconstitución de identidad*, propio de los movimientos sociales populares, es posible ilustrar esta exigencia con otras movilizaciones en curso:

• las *luchas* (acciones) *de mujeres con teoría de género* (feminismo de la diferencia) rechazan la identificación que les procuran las lógicas de dominio masculino y patriarcal y buscan cons-

tituir y apropiarse de una identidad de género (proceso) que van obteniendo con su resistencia y lucha;

• las *luchas de los pueblos originarios de América* por autonomía, territorialidad, reconocimiento y acompañamiento social y humano, rechazan la identificación etnocéntrica y racista que les entrega el sistema y también su legalización bajo la forma de una 'ciudadanía igual' que invisibiliza las dominaciones y discriminaciones de que son objeto;

• las *luchas de los pequeños campesinos* rechazan la identificación con que el mercado de las grandes corporaciones tecnocráticas los segrega y disuelve como "productores ineficientes" e "irracionales" en el mismo proceso que reivindican la producción campesina como un procedimiento culturalmente (humanamente) eficiente y ambientalmente sostenible;

• las *resistencias de los creyentes religiosos antiidolátricos* rechazan la identificación que les proporcionan tanto el sistema social (la expresión de fe como una experiencia 'privada') como sus instituciones eclesiales que los remiten a ser 'laicos' (o sea *legos*, es decir ignorantes y sin poder) y no seres humanos con fe religiosa, o sea capaces de convocar, mediante sus acciones creadoras y libres, la presencia de Dios en las instituciones sociales y religiosas.

Parte de la fuerza de los movimientos sociales populares reside precisamente en este proceso de *rechazo de la identificación asignada* y en su *búsqueda* y *autoconstitución de identidad* mediante la *lucha contestataria* y *transformadora*. En estos despliegues se realiza el sentido (carácter, alcance) de los movimientos populares.

También en este período, y con antecedentes principalmente brasileños, se organiza en América Latina el Grito (latinoamericano) de los Excluidos. La referencia inicial es a los 'socioeconómicamente más empobrecidos', es decir a quienes la lógica del mercado capitalista segrega del consumo dejándolos

"Una acción social tiene carácter popular cuando su incidencia busca una transformación liberadora."

en sus últimos circuitos (el mercado de los harapos desechados, de la búsqueda del sustento en los basureros, de la mendicidad e informalidad miserables, de la pauperización rural, etc.). El Grito... puede ser entendido como un suceso que hace presente la existencia de gente condenada a la miseria, que denuncia la injusticia inherente a esa existencia y que reclama el final de la exclusión. Si es así, la campaña del Grito... conduce a acciones sociales determinadas por una incidencia puntual y no estructural. Pero el Grito de los Excluidos puede ser asumido, también, como una movilización social popular contra las estructuras de exclusión, lucha que incorpora, asimismo, las situaciones de objetivación e inferiorización socioeconómica, pero las articula con otras formas de exclusión. Aquí, la movilización se hace para crear las condiciones en que todos, cualesquiera sea su posición social (anciano, niño, mujer, indígena, obrero, empresario, profesionista, campesino, etc.), tengan la capacidad y necesidad de expresarse como sujetos. Una movilización de este tipo no puede agotarse en un suceso o evento porque, entre otras cosas, implica una vigilancia permanente para resguardar los logros (y empujar por más) que se vayan obteniendo en las estructuras educativas, de género, socioeconómicas, políticas, culturales, etc. Por definición, el Grito de los Excluidos debería tener la forma de una movilización social permanente. Y, aunque el término esté desgastado y desacreditado, hasta el punto de excitar la burla, revolucionaria.

Ahora, una movilización social puede contener diversos movimientos populares (y, ocasionalmente, no populares) y dar pie a muy variadas acciones sociales que se orientan a incidir en planos distintos, aunque no estancos, de la realidad: circuitos municipales, estatales, nacionales e internacionales (geopolíticos), pero también los planos de la pareja, de la familia, del barrio o de la colonia, de las iglesias, de los medios masivos, etc. Y el punto en el que cada acción (o movimiento) busca incidir, puede ser también variado: la exclusión en la familia, en la relación de pareja, en la iglesia, en los empleos asalariados e informales, en la política, en la cultura, en la división social del trabajo, en la administración de la economía libidinal, en la geopolítica, etc. Como se advierte, existe mucha distancia entre entender el *Grito de los Excluidos* como evento que se materializa en una denuncia (que puede tomar la forma de un conglomerado festivo) o como una *movilización social* que incorpora y articula *movimientos sociales* con sus reivindicaciones particulares y específicas en una lucha por transformar todas las formas de la discriminación y el autoritarismo que gestan las situaciones de exclusión.

Tal vez convenga aquí recapitular lo avanzado añadiendo algunas notas nuevas:

a) hemos distinguido entre acción social, movimiento social y movilización social; la última puede contener diversos movimientos (de mujeres, de pueblos originarios, de homosexuales, de jóvenes, de creyentes religiosos antiidolátricos, etc.) y dar pie a muchas y diversas acciones sociales. La existencia posible de varios movimientos sociales y de muchas acciones eventuales, privilegia aquí la noción de 'articulación'. Una movilización social, como la del Grito de los Excluidos o por el No pago de la Deuda, es articulada, no unificada. Pretender la unidad de

una movilización social implica hacerle perder la fuerza y constancia de su pluralismo específico al mismo tiempo que se ofrece la oportunidad para hegemonías, liderazgos y coordinaciones (burocráticas) sin base efectiva. En el otro polo, participar en una movilización social sin articulación, reduce y debilita el movimiento a acciones aisladas (destruyendo la noción de proceso), con incidencia puntual o efímera. La articulación propia de una movilización social exige un vigoroso esfuerzo organizativo;

b) hemos caracterizado la acción *popular* (y, con ello, el movimiento y movilización populares) por su sentido *liberador*; esto significa que las acciones populares se orientan contra diversas estructuras, lógicas y situaciones de *imperio* o *dominación* y buscan configurar situaciones animadas por lógicas en las que el sujeto humano sea posible. Ahora, una acción que se desea liberadora puede fracasar: quienes se oponen a ella pueden ser más y estar mejor armados; o, realizada con éxito la acción, se encuentra con que no conduce a las situaciones de liberación esperadas porque ella conlleva efectos no deseados que fortalecen nuevas (y a veces peores) dominaciones que tienden a anular la meta pretendida[3]. Lo que distingue a una acción popular, entonces, *no es su éxito inmediato*. No existe una marcha o sentido progresivo de la historia que asegure que las luchas populares triunfarán finalmente porque son liberadoras y humanizantes. Por ello, el éxito *inmediato* de una lucha popular (acción, movimiento o movilización) no está dado por el logro efectivo de la meta, sino por los *rasgos del proceso* (testimonio) *de lucha*. Esto quiere decir que el testimonio de lucha, el despliegue del combate mismo, debe permitir la constitución de autonomía y autoestima entre quienes combaten, autonomía (libertad) y autoestima (disfrute, goce, identidad) que se expresan al interior de una *cultura del acompañamiento y reconocimiento social y humano* gestada por la participación *efectiva* de todos los que luchan. No se malentienda: no se trata de no desear el logro de la meta y de no hacer el mayor esfuerzo para alcanzarla. Pero el triunfo se nutre más del testimonio socio/humano de lucha que de la mera victoria. Todo triunfo popular avisa, por su testimonio, por su coherencia entre lo que se desea, se dice y se hace, una *nueva cultura*, un nuevo sentido para lo humano.

Sintetizando el ultimo párrafo: una acción social *popular* tiene carácter *liberador* en un doble sentido: porque golpea y transforma lógicas e instituciones que generan y reproducen sometimiento, y porque se configura mediante un proceso (organización, testimonio) de *conversión* hacia la producción de autonomía (libertad) y autoestima (goce, identidad) propios del sujeto humano. Este esfuerzo de conversión es decisivo para conformar una acción, movimiento o movilización populares.



Foto arquivo Novamerica

La movilización social puede contener diversos movimientos y posibilitar diversas acciones sociales.

Conviene, quizás, dedicar todavía un espacio a los *movimientos sociales*. ¿Qué decíamos es 'lo más' que poseen los movimientos sociales populares respecto de la acción social? Lo más obvio, contestábamos, es la *continuidad*. La continuidad se expresa como *memoria de lucha*, como *acumulación* y como *autoproducción de identidad*. La memoria de lucha es una forma de

lectura de las *raíces* (lugares sociales) que posee todo movimiento social. Las raíces son los lugares sociales estructurales forjados por la dominación y desde los que se gesta, como irritación, protesta y resistencia, el movimiento contestatario. Para el obrero urbano su raíz social se configura mediante el *conflicto* objetivo y subjetivo *de clases*. ¿Qué es lo que le impide, en cuanto obrero, ser sujeto – o sea autónomo y libre – y darse autoestima (gratificarse) en el proceso de trabajo? Para la mujer, en cuanto mujer, es la *discriminación de género*, masculina y patriarcal, cuya matriz es la *economía libidinal* (administración social del goce). La pregunta es siempre la misma: ¿qué es lo que le impide, que relacionalidad la bloquea para ser persona autónoma, completa, en cuanto mujer? Los jóvenes encuentran su raíz social en la *dominación adultocéntrica*, expresión también de la administración libidinal. Los creyentes religiosos en el Dios de la Vida tienen su raíz social en las *lógicas y estructuras idolátricas* (sociales y eclesiales) mediante las cuales se fetichiza, somete, ensimisma y ritualiza su experiencia de fe. Los pueblos originarios de América encuentran sus raíces en la *discriminación socio/cultural y racial etnocéntrica*, en la *división social del trabajo* y en las *formas jurídicas de la dominación* que los relegan a ser rurales empobrecidos, despreciadas singularidades urbanas y, en el mejor de los casos, ciudadanos de segunda o tercera clase. No intentamos abarcar aquí todas las raíces sociales populares.

'Leer las raíces' significa dar contenido a una *memoria de lucha*. La raíz no es un dato, sino una lectura hecha desde las necesidades del combate. Las raíces cambian de sentido de acuerdo al despliegue (desidentificación, autoproducción de identidad) del movimiento social. Puesto que las raíces sociales populares son plurales, plurales también son los destacamentos o movimientos populares. De aquí la inconveniencia de tratar de unificarlos. En este caso, la unión hace la debilidad, porque se pone en peligro la lectura particular de la raíz social. La articulación, en cambio, hace la fuerza, porque respeta esa lectura particular y específica que es la memoria de lucha.

Para un movimiento social, campesino, por ejemplo, la necesidad de la acumulación de fuerza se sigue de su voluntad de incidir. La capacidad popular de incidencia no se deriva mecánicamente de un mayor número, sino de la *calidad popular* de los convocados y movilizados. Esta calidad es función de la lectura apropiada de raíces, de la coherencia entre lo que se dice y se hace, de la capacidad organizativa para hacer que cada quien dé su aporte a las acciones y procesos y del discernimiento y sabiduría respecto de contra qué estructuras y lógicas y personificaciones se lucha hoy y cuál es la relación entre el combate del día, el que vendrá mañana, el horizonte estratégico del movimiento y su *utopía*. Todo movimiento social popular construye una utopía que es la expresión imaginaria de lo que más desea, aunque no pueda realizarlo. *La utopía anima porque es la expresión imaginaria de las raíces*. La organización materializa y maximiza el rendimiento de ese *ánimo* (temple) de luchar hasta el fin.

En la literatura sociológica (Weber, Parsons, Touraine), suele asociarse fuertemente la acción social con la *comunidad de valores*. Para los movimientos contestatarios, como son los movimientos populares, los valores 'comunes' son tanto el resultado de descubrimientos (develamientos) sociales como de logros personales en la pugna por la desidentificación. Los valores populares son relacionalidades ligadas con procesos de búsqueda (desencuentro/encuentro) y no pueden ser proclamados independientemente de las relacionalidades de lucha. Los valores, como proceso, surgen del combate mismo. Dicho sumariamente: los movimientos sociales populares constituyen su propio espacio *epistémico* (de producción de conocimiento útil), *moral* (de comportamiento legítimo) y *estético* (de construcción y apropiación de belleza). Es en este sentido que se autoproducen responsables (autónomos, libres) y signos de una nueva cultura (nueva manera de producir humanidad). ● *Jalapa, abril, 2000*

Hinkelammert, F.J.: "¿Hay una salida al problema de la deuda externa?", en El Huracán de la Globalización**, DEI, San José de Costa Rica, 1999.**

Touraine, Alain: Producción de la Sociedad**, Instituto de Investigaciones Sociales UNAM/Instituto Francés de América Latina, México, 1995.**

1 Habría que reconfigurar, por lo menos, el intercambio internacional desigual que castiga a las economías exportadoras de materias primas y productos agrícolas, liquidar el mito del 'comercio libre' que incluye la desregulación para las economías de la periferia y el proteccionismo para las economías centrales, recaracterizar y regular la 'inversión' extranjera directa en las economías de la periferia, reglamentar las transferencias de capital/dinero desde estas últimas a los centros por concepto de ganancias e intereses y suprimir el control monopólico y oligopólico de la tecnología, del acceso a la prospección y explotación de recursos, y de la administración y mercadeos internacionales. En síntesis, habría que configurar un nuevo orden económico internacional en donde el crédito no pueda ser políticamente transformado en una relación de sometimiento.

2 Básicamente se debería recaracterizar la geopolítica entendida hasta hoy como la capacidad de los Estados/economías poderosos para imponer condiciones a los Estados/economías débiles y refuncionalizar, en el mismo sentido, los organismos internacionales (Naciones Unidas, FMI, BM, BID, OMC) tornándolos democráticos y transparentes de modo que puedan expresar y servir efectivamente a las necesidades de la población mundial, incluyendo en ellas las derivadas de la reproducción del ambiente natural. La recaracterización de la geopolítica conduciría a un efectivo nuevo orden político internacional y mundial.

3 Existen suficientes movilizaciones populares fracasadas en América Latina que deben ser asumidas como momentos en un camino que no necesariamente conduce a la victoria final. Chile se dio electoralmente un Gobierno popular en 1970. La experiencia fue brutalmente colapsada en 1973. El pueblo de Nicaragua se dio un gobierno popular mediante un proceso revolucionario armado cuya primera fase culminó en 1979. La conspiración imperial, internacional y local, frustró ese proyecto. Esos y otros procesos constituirían derrotas absolutas si no fuesen críticamente incorporadas a la memoria de lucha de los pueblos y a su imaginario de victoria.

idéias em rede
ideas en red

Los movimientos sociales constituyen hoy un importante factor de transformación del orden mundial. Pero, ¿qué se entiende, básicamente, por movimientos sociales? Si le interesa saber cómo se constituyen, sus propuestas básicas, sus principales áreas de actuación y el objetivo de sus luchas, ¡no deje de leer el artículo que nos presenta Sonia de Camargo!

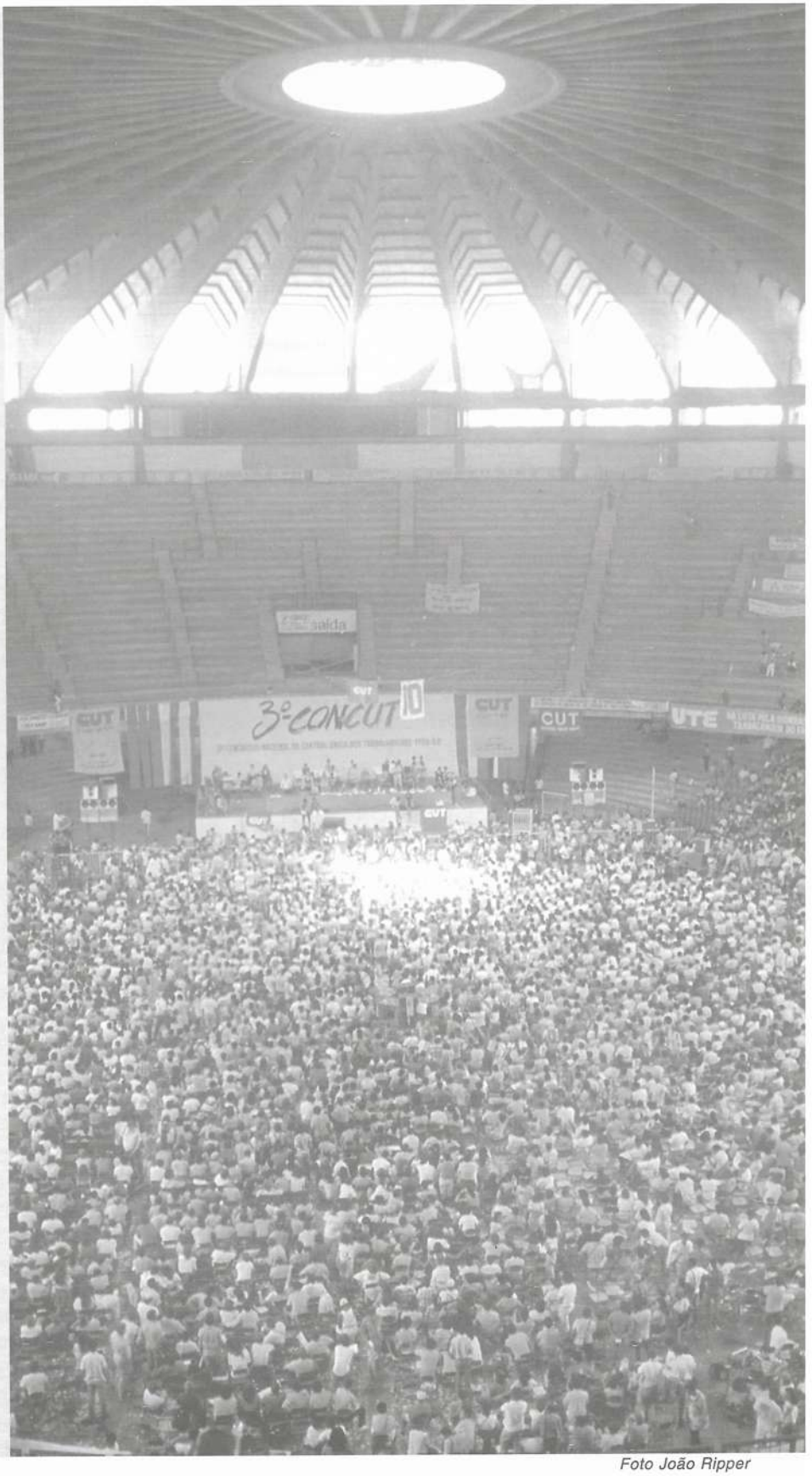


Foto João Ripper

Movimentos sociais na esfera global

Sonia de Camargo
Rio de Janeiro – Brasil

O Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro de 2001, assim como a proliferação de ações e atividades desenvolvidas por diferentes movimentos sociais em diferentes momentos e em diferentes partes de mundo - como a ação realizada em Seattle como forma de contestação à reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio, em novembro de 1999 - nos mostram a atualidade e relevância de examinarmos e discutirmos a presença destes novos atores que se propõem a influir no processo de transformação da presente ordem mundial.

O Fórum Social Mundial 2001 é, certamente, um bom exemplo do dinamismo e da amplitude de objetivos destes movimentos, na medida em que sua preparação contou com mais de cem organizações não governamentais, nacionais e internacionais e, reuniu em torno de três mil pessoas, em que se incluem representantes de partidos de esquerda, sindicatos e ONGs de várias partes do mundo, indo desde partidos e movimentos sociais da América Latina até agricultores franceses protecionistas. Seu caráter de contestação revela-se no fato de que o encontro ocorreu na mesma época do Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suiça, pretendendo ser um contraponto às teses da elite econômica mundial. Concretamente, levaram, como plataforma, o combate às idéias econômicas neoliberais, e como proposta, políticas alternativas de desenvolvimento econômico e de inclusão social.

Dando prioridade, neste texto, à discussão sobre movimentos sociais conduzidos por organizações não governamentais, podemos dizer que, em sua acepção mais geral, constituem conjuntos de atores que, partindo de determinados interesses e objetivos comuns, operam no âmbito da sociedade civil, propondo-se a agir sobre a ordem econômica e política de que são parte, transformando-a, ou contestando um ou outro de seus aspectos particulares. Diferenciando-se das elites estatais, na medida em que não utilizam o poder coercitivo e institucionalizado do Estado, dos partidos políticos, já que não se propõem a tomar o poder e das elites econômicas, uma vez que não se apóiam no jogo do capital, sua força de influência sobre os detentores do poder político e econômico resulta, essencialmente, da mobilização popular aglutinada em torno de temas que abrangem uma vasta gama de reivindicações da sociedade.

Se particularizarmos essa definição e nos referirmos a movimentos sociais globais, estamos falando de atividades realizadas por atores não-governamentais que operam, não apenas no interior das fronteiras nacionais de um determinado estado, mas também através ou por cima delas. Esse tipo de atividade, que cada dia ocupa um lugar mais amplo no cenário mundial, ainda não tem uma classificação definida, empregando-se vários termos para descrevê-la. De um modo geral, são atividades que se desenvolvem paralelamente nos planos local, nacional, internacional e transnacional, constituindo uma área de interação não limitada por barreiras de tempo e espaço. Com esse mesmo sentido, o termo global é transposto para a sociedade civil, no âmbito da qual são gerados os movimentos sociais acima referidos.

A formação de uma sociedade civil global, mesmo sendo ela ainda embrionária e de legitimidade contestada, e a presença de movimentos sociais glo-

bais, mesmo que não alcancem os resultados para os quais foram criados, constituem um fator de transformação da ordem mundial, atingindo o próprio cerne de suas unidades constitutivas, os Estados nacionais, em sua soberania e em sua condição de atores únicos do sistema internacional. Quais as razões que poderiam explicar esse poder de transformação, ou melhor, esse deslocamento de atores e processos que tradicionalmente operavam na esfera doméstica, para esferas mais amplas e diversificadas? Quais os parâmetros e o alcance dessa nova comunidade política que abrigaria uma sociedade civil que se propõe a agir coletivamente na defesa de valores, objetivos e interesses que seriam comuns a toda a humanidade ou a uma parte dela? Como ela seria administrada em sua complexidade, abrangência e em sua multiplicidade de movimentos, atividades e objetivos? Todas são perguntas de difícil resposta, levando-se em conta a natureza historicamente recente de todo esse processo e as características próprias de que se reveste.

De qualquer maneira, algumas coisas podem ser ditas. É inegável que o processo de globalização, cuja base de sustentação se situa, preponderantemente, na esfera econômico-financeira e no sistema de comunicações e informação, está trazendo profundas modificações na percepção das sociedades nacionais, que passam a não estar mais insuladas em seus próprios territórios. Na realidade, essas sociedades estão tomando consciência de que são atingidas, crescentemente, por movimentos transnacionais de capitais e por idéias, crenças, valores e acontecimentos produzidos em uma esfera mais ampla e que escapam a seu controle. Em outras palavras, sentem que a humanidade vive uma era em que parte crescente da vida social é fortemente influenciada por processos globais, nos quais as economias, as culturas, as políticas e as fronteiras nacionais estão sendo transpostas.

A esse tipo de percepção, em que a separação entre uma esfera doméstica e uma esfera interestatal estaria perdendo sentido, se acrescenta outra, a de que as formas de ordenamento do sistema internacional criadas no pós-guerra não respondem mais à pluralidade de questões que se estendem pelo atual cenário internacional e cujo alcance atinge toda ou grande parte da humanidade. Como decorrência, o multilateralismo, em sua forma mais clássica, em que instituições e organizações internacionais cobrem com suas regras, normas, diretrizes, grande parte das atividades que se desenvolvem na esfera mundial, têm gerado, como contraponto, formas de contestação dos mais variados tipos e procedências. Com efeito, as duas últimas décadas do século XX foram marcadas por uma crescente oposição, especialmente por parte de países em desenvolvimento e de alguns setores de suas sociedades às operações das organizações multilaterais, especialmente as de caráter econômico-financeiro, oposição alimentada pelo fato de que são vistas por centenas de milhões de pessoas como exercendo um forte impacto negativo sobre suas vidas.

Um dos principais argumentos erguidos pelos movimentos sociais contra a presente ordem mundial e contra as formas de multilateralismo que a sustentam é que geram uma maior polarização entre estados ricos e pobres, poderosos e destituídos de poder e entre as sociedades que deles fazem parte. Como expressão desse fenômeno estaria se dando, no âmbito do sistema internacional, o fortalecimento de uma concentração hierárquica na forma de um ápice formado por poucos Estados poderosos e uma base formada por um crescente número de Estados pequenos com poucos instrumentos operacionais e decisórios para assegurar condições econômicas, políticas e sociais adequadas para suas populações.

Uma outra modalidade de divisão que tem sido apontada por pesquisadores e militantes de movimentos sociais globais é a que se dá entre os indivíduos e grupos sociais que estão incluídos na economia neoliberal globalizada e os que dela estão excluídos, sendo que, neste caso, a divisão atravessaria as próprias sociedades nacionais. Ou, em outras palavras, o sistema capitalista de acumulação mundial estaria, no presente, produzindo uma divisão entre uma classe dominante transnacional situada no cume da economia global que, em conjunto com grupos sociais subordinados e a ela fun-



Foto João Ripper

"Os movimentos sociais levam, como plataforma, o combate às idéias econômicas neoliberais, e como proposta, políticas alternativas de desenvolvimento econômico e de inclusão social."

cionalmente ligados, constituiriam o que Robert Cox chama de "formação globalizada". E, grupos e setores que, situados na base e nas margens do sistema, estariam ligados seja às economias nacionais, seja a um tipo de produção puramente local, como a populações rurais de alguns países e regiões periféricas.

Além das clivagens acima apontadas, outros temas considerados universais e que fazem parte do comportamento ético e social do dia a dia das populações, e em relação aos quais o neoliberalismo tem pouco a dizer, exceto quando se trata de colocar o "homo economicus" no centro do mundo, alimentam igualmente os movimentos sociais. Na realidade, é justamente no contexto da resistência a esse tipo de concepção que novas formas globais de atividade política não-estatal, – a sociedade civil global – estão sendo construídas. Dentre esses temas, a questão dos direitos humanos e do meio ambiente são aqueles em que a sociedade civil aparece com maior visibilidade, aglutinando redes transnacionais orientadas, respectivamente, para estratégias e objetivos comuns com forte conotação ética. Em relação ao Estado, há bastante diversidade, alguns movimentos sendo conscientemente anti-Estado, outras orientadas para a reforma do Estado, outras simplesmente não o levando em conta, podendo tanto operar em nível regional como internacional.

No que se refere às redes ligadas ao meio ambiente, elas estão se voltando, cada vez mais, para a questão do desenvolvimento, especialmente nos países pobres ou emergentes em que um número crescente de organizações de pequena escala, independentes do estado, estão comprometidas com o oferecimento de serviços às populações carentes. Na maior parte das vezes fazem parte de alianças transnacionais estabelecidas com outras organizações nos países centrais. Quanto aos direitos humanos, um extenso número de organizações foram se formando, gradualmente, ao longo destas últimas décadas como resposta à institucionalização mundial de normas e regras, tendo suas redes atingido seu maior ímpeto a partir da assinatura dos Acordos de Helsinki, em 1975. Um fenômeno interessante é a ligação crescente entre grupos de direitos humanos e organizações ambientalistas. A lógica presente nesse tipo de associação é a preocupação com projetos de larga escala que sendo fortemente destrutivos do meio ambiente, deslocam grande parte das populações pobres e desprotegidas, cujo direito à terra é absolutamente ignorado. Na medida em que saúde e bem-estar são crescentemente percebidos como direitos humanos, o impacto negativo da degradação ambiental sobre eles é a base do trabalho conjunto.

Dessa maneira, a proliferação crescente de movimentos sociais globais, sendo eles, em grande parte, essencialmente críticos e contestadores, deixa claro que o assim chamado pensamento único em que o mercado aberto, em suas várias dimensões, teria trazido o fim dos conflitos e com ele o fim da história, de acordo com a tese de Fukiyama, não seria tão único como acredita ser. Na realidade, esses movimentos não apenas questionam os resultados negativos da globalização e das organizações multilaterais que a sustentam, mas o próprio modelo que rege essas entidades e os conteúdos e objetivos de suas políticas. Por outro lado, apresentam respostas concretas de resolução de questões que, mesmo quando geradas em espaços nacionais ou locais, são de alcance universal. O que estas respostas nos lembram, mais uma vez, ao apresentar discursos alternativos e propostas sociais contra-hegemônicas, é a natureza dialética da transformação histórica, em que dualismos e diversidade não constituem necessariamente formas de exclusão e sim diferentes aspectos de uma realidade que interage através das contradições e da multiplicidade. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEETHAM, David. (1998) "Human Rights as a Model for Cosmopolitan Democracy"in *Reimagining political Community*, D.Archibugi. D.Held, M.Kohler (eds) Stanford University Press, Stanford, California.

CAMARGO, Sonia (1997) "Economia e Política na Ordem Mundial Contemporânea". *Contexto Internacional*, vol 19, no. 1, janeiro/junho

COX, Robert W. (1997): "Reconsiderations"in R.W.Cox (ed) *The New Realism, Perspectives on Multilateralism and World Order*. New York, St. Martin Press.

FUKUYAMA, Francis. (1992) *The End of History and the Last Man*. London, Penguin Books.

HIRST, Paul e THOMPSON, Grahame. (1996) *Globalization in question. The International Economy and the Possibilities of Governance*.Cambridge, Polity Press.

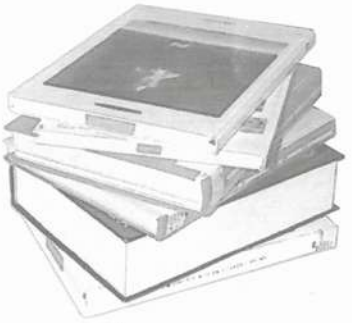
ROSENAU, James N. (1998) "Governance and Democracy in a Globalising World", in *Reimagining Political Community*, D.Archibugi, D.Held, M.Kohler (eds) Stanford University Press, Stanford, California.

GILL, Stephen. (1997) "Global Structural Changes and Multilateralism" in *Globalization, Democratization and Multilateralism*, S. Gill, (ed) United Nations University Press

YOUNG, Oran. (1994) *International Governance; Protecting the Evvironment in a Stateless Society*. Ithaca, Cornell University Press.

MOSAICO

livros/libros



Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latinos-Americanos: novas leituras. Sonia E. Alvarez, Evelina Dagnino e Arturo Escobar (organizadores). Editora UFMG. Brasil, 2000.

Traduzido do inglês para o português, o livro é resultado de um processo de discussão entre intelectuais norte-americanos, europeus e latino-americanos espalhados por vários lugares das Américas e do mundo. A obra chama a atenção para o modo como os movimentos sociais atuam na interface entre cultura e política, oferecendo ao leitor um panorama do desenvolvimento das teorias dos movimentos sociais, da sociedade civil e de novas perspectivas sobre a cidadania no final do século XX, na América Latina. Entre os temas discutidos, destacam-se "Democracia e Estado: Relações entre Cultura e Política" e "Etnicidade, Raça e Gênero: Cultura e Política nos Discursos e Práticas dos Movimentos Sociais".

Sociedade Brasileira: Uma história através dos movimentos sociais. Rubim Santos Leão de Aquino, Fernando Antonio da Costa Vieira, Carlos Gilberto Werneck Agostino e Hiran Roedel. Editora Record. Brasil, 1999.

Todos os brasileiros se lembram do Grito do Ipiranga, da abolição da escravatura ou da proclamação da República. Mas quem se recorda da Revolta da Cachaça, do Reino Encantado, da Revolta do Ronco da Abelha e do Motim da Carne sem Osso? O objetivo deste livro é realizar um levantamento histórico de diversos movimentos sociais, sempre cuidando para evitar a tradicional divisão da História do Brasil em Colônia, Império e República. Outra preocupação dos autores foi mostrar que os verdadeiros heróis da história brasileira não são marechais, princesas, imperadores ou políticos. O objetivo do livro é passar a idéia de que o herói da história do Brasil é o povo, destacando o papel das forças sociais, além de jogarem um foco de luz em episódios esquecidos da História do Brasil.

Cidadania Sem Fronteiras: Ações Coletivas na Era da Globalização Ilse Scherer-Warren. Editora Hucitec. Brasil, 1999.

No cenário do mundo em globalização, a autora define distintos cenários societários e analisa os respectivos atores estratégicos quanto à questão da ampliação da cidadania, destacando o papel que as organizações não governamentais têm assumido nesse contexto. O livro é composto por seis capítulos: "Metodologia de Redes no Estudo de Ações Coletivas e Movimentos Sociais"; "ONGs: Elos de uma Rede"; "ONGs Latino-americanas Construindo Redes Cidadãs"; "Cidadania e Participação em Políticas Sociais"; "Redes Ecologistas Conectando o Local e o Global"; e "ONGs: Os Novos Atores do Globalismo".

Ilse Scherer-Warren é doutora em sociologia, com pós-doutorado em Sociologia pela University of London, e professora do Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (CFH-UFSC). Escreveu "Democratização em Florianópolis: resgatando a memória dos movimentos sociais" (Ed. Diálogo, 1999) e "A democratização inacabável: as memórias do futuro" (Ed. Vozes, 2000).

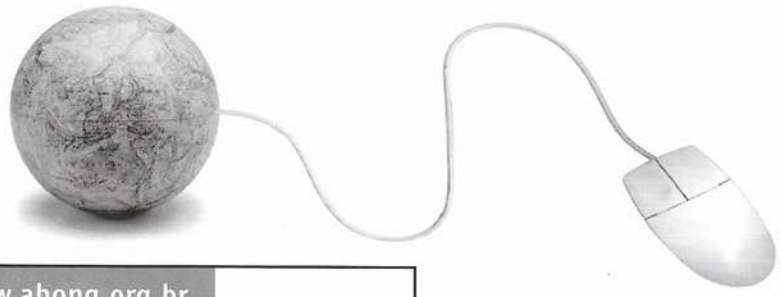
Del desarrollo integral localizado a la complejidad. José Bernardo Toro. Editora Fundación Social. Colombia, 1996.

Um dos temas centrais do livro é a mobilização social, que muitos confundem equivocadamente com manifestações públicas e passeatas. Na realidade, a mobilização ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, com dedicação contínua, produzir quotidianamente resultados esperados por todos. Segundo Bernardo Toro, "mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados". Participar de um processo de mobilização social é um ato de escolha, pressupondo uma convicção coletiva de relevância, orientada para a construção de um projeto futuro. Bernardo Toro também discute o tema mobilização social em livros como "La Construccion de la Nacion y la Formacion de Educadores en Servicio" (Fundacion Social, 1994), "7 Aprendizajes Básicos para la Educación en la Convivencia Social" (Fundacion Social, 1993) e "Decisiones para el éxito escolar: lo que enseña la experiencia y la investigación en educación" (Fundacion Social, 1993).

Andenes y Desarrollo Sustentable. Efraín Gonzales de Olarte, Carolina Trivelli. Instituto de Estudios Peruanos (IEP). Consorcio para el Desarrollo Sostenible de la Ecorregión Andina (CONDESAN). Lima, Perú,1999, 219 p.

Este livro é o resultado da preocupação dos autores em contribuir de alguma maneira para gerar no campo igualdade de oportunidades para o desenvolvimento Ao mesmo tempo, constitui em um esforço para mostrar as possibilidades e todas as limitações dos seus projetos.

sites



www.clacso.org

Página do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), sediado na Argentina. Um dos pontos fortes é a "Sala de Leitura", uma biblioteca virtual com textos da Argentina, Bolívia, Brasil, Cuba, Equador, Guatemala, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Os movimentos sindicais, religiosos, rurais, femininos e étnicos são alguns dos temas abordados. Em espanhol e português.

www.forumsocialmundial.org.br

Trata-se de um espaço criado pelo Fórum Social Mundial voltado para a formulação de alternativas, troca de experiências e construção de táticas e estratégias, em níveis local e mundial. É o resultado da integração de ONGs, movimentos sociais, sindicatos, associações e entidades religiosas. Destaque para a "Biblioteca das Alternativas", com dezenas de textos disponíveis. Em português, espanhol, inglês e francês.

www.rits.org.br

Página da Rede de Informações do Terceiro Setor (Brasil), uma organização sem fins lucrativos que oferece informações sobre o terceiro setor e acesso democrático à tecnologia de comunicação e gerência do conhecimento. Disponibiliza serviços, textos variados, publicações e informações sobre entidades relacionadas ao terceiro setor, segmento que congrega organizações da sociedade civil e movimentos sociais. Trata-se de uma das páginas mais completas sobre o tema.

www.vertebra.com.mx

A Vertebra une mais de 300 organizações, sendo um espaço de encontro da sociedade civil organizada para coordenar estratégias e ações que contribuam para impulsionar a democracia. É composto por fundações, instituições de assistência privada, associações civis, ONGs, sindicatos, centros empresariais e universidades, entre outros. A página conta com links para outras ONGs, notícias e textos sobre a instituição.

www.abong.org.br

Página da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG), entidade criada para representar e promover o intercâmbio entre as ONGs empenhadas no fortalecimento da cidadania, na conquista e expansão dos direitos sociais e da democracia, representando coletivamente as ONGs junto ao Estado e aos demais atores da sociedade civil. A ABONG tem 250 associadas com atuação em áreas como direitos humanos, políticas públicas, questões agrárias e agrícolas, questões urbanas, desenvolvimento regional, meio ambiente e ecologia. O principal destaque são as informações detalhadas sobre as ONGs associadas, mas a página apresenta ainda textos e publicações.

www.anc.org.pe

Página da Asociacion Nacional de Centros de Investigación, Promoción Social y Desarrollo (ANC), que trabalha em variados aspectos da construção da democracia, com afiliados em todas regiões do Peru. A ANC atua nas áreas urbana e rural, em nível local e nacional, com o objetivo de contribuir para incrementar a capacidade dos atores sociais, especialmente dos mais pobres e vulneráveis, no que se refere a seus direitos econômicos, sociais e políticos. Também se trabalha a construção e reforço das organizações sociais, com ênfase na solidariedade. A página apresenta links para diversas organizações membros, além de textos, publicações e notícias.

www.ccong.org.co

A Confederación Colombiana de Organizaciones No Gubernamentales (CCONG) une ONGs e associações departamentais que trabalham em diferentes setores de desenvolvimento social. Sua missão é facilitar processos de diálogo e negociação entre ONGs, setor público, privado, organizações internacionais, movimentos sociais e outras expressões da sociedade civil, com o objetivo de gerar modelos de cooperação para o desenvolvimento humano sustentável. A página disponibiliza entre outros, links para várias ONGs da Colômbia e serviços de informação e divulgação.



cine

COMO LA AURORA
(Documentário)

Direção: Omar Perez

Vídeo - 27' 1999 – Cuba

Reflete como é a vida dos camponeses que decidiram se agrupar em cooperativas para cultivar a terra e como seus sonhos se converteram em realidade, graças a um projeto muito mais humano.

SUSCRIPCION ANUAL

Brasil: R$30,00

Otros Países Latinoamericanos y África: U$15,00

Europa, Asia y Estados Unidos: U$30,00

Suscripción de ayuda: U$50,00

Cada número: R$8,00/U$6,00

Las suscripciones podrán hacerse directamente a Nuevamerica (Brasil), con tarjeta de crédito: Visa, Diners Club International, Master-Card/Credicard, Maestro.

Pagos de suscripciones en España por depósito bancario: Caja España - Cta. Corriente nº 2096 0106 95 2041969804 - Titular: Maria del Carmen López

PUEDE SUSCRIBIRSE O ADQUIRIRLA EN:

Argentina: *Elena Picasso*
Moreno 935 3560 - Reconquista - Santa Fe Tel: 03482-421794
E-mail: elenapicasso@ciudad.com.ar

Bolívia: *Rina López*
Calle Aureleo Meléan 753, Calilla 2419
Cochabamba Tel/Fax: /4/231851
E-mail:rilov@supernet.com.bo

Brasil: *Giovanina Pedroza*
Rua 19 de Fevereiro, 160, Botafogo
Rio de Janeiro - RJ Cep: 22.280-030
Tel/Fax: 021 295-8033/542-6244
E-mail: novamerica@ax.apc.org

Chile: *Maria Paz Sanches y Antonia Altuna*
Vergara 174, Santiago 3
Tel: /2/6966880 Fax: /2/6988844
E-mail: poveda@interaccess.cl

Colombia: *Consuelo Vélez*
Avda. Caracas 41-44 Apto.503
Santafe de Bogotá - Colombia
Tel: /1/ 2327179
E-mail: ccaro@multiphone.net.co

Europa, Ásia África y Estados Unidos: *Maria Isabel Ruiz*
Calle Francisco Silvela, 52, 8º B
28009 - Madrid Tel: /34/9 1/ 573-3539

Maria del Carmen López
Calle Regalado, nº 13, piso 10 47002 Valladolid
E-mail: mcarlopez@terra.es

Guatemala: Maria del Carmen Aguilar
6ª Calle 2-42 zona 1 Colonia El
01001 Guatemala
Tel: /502/232 3388 Fax: 323 5261
E-mail: itguat@terra.com.gt

México: *Mara Anguiano*
E-mail: maraang@utopia.com

Perú: *Carmela Zumarán*
Islas Canarias 164, Lima 21
Tel: /1/ 4632252
E-mail: acogida@terra.com.pe

República Dominicana: *Irene Veras*
Juan Pablo Pina 14, Santo Domingo,
Fax: /809/ 6899276.

Centro Cultural Poveda
Pina 210 A - Ciudad Nueva
Santo Domingo D.N.
Fone: /809/6895689 - 6854635
E-mail: ctro.poveda@codetel.net.do

Uruguay: *Maria Camino Trapero*
Pascual Costa 3265 ap. 810
Parque Posadas 11.700 - Montevideo
Tel/Fax: /2/ 5083395
E-mail: ctrapero@adinet.com.uy

Marisa Salum - Bartolomé Mitre 1510
Apto. 201, Montevideo

Silvia Rivero - Vizconde de Maria 669
Paysandú, Tel: /72/25897

Rosario Alves - Lindoro Forteza 2496
Casilla 15250, 11400 - Montevideo
Tel: /73/32823
E-mail: rosal2@adinet.com.uy

Venezuela: *Maria Isabel Martínez Mercado*
De Platanal a Desamparados,
Edif. Platanal 37, Piso 1º, Apto 1ª
La Candelaria, 1001, Caracas 1011
Tel: /2/ 5624248
E-mail: misabel2000@yahoo.com

REVISTA NOVAMERICA
NUEVAMERICA

Diretora
Susana Beatriz Sacavino

Conselho Editorial
Argentina - Elena Picasso
Bolívia - Rina López
Brasil - M.ª Guadalupe Pedrero
Chile - María Inés Wuth
Peru - Carmela Zumarán
Uruguai - Rosario Alves
Mexico - Cecília Villalva

Comitê Técnico
Ana Waleska P. Mendonça
Janett Ramírez
Susana Beatriz Sacavino
Vera Maria F. Candau

Coordenação Editorial e Supervisão Gráfica
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff

Revisão
Adélia M.ª Nehme Simão e Koff
Sílvia Alicia Martínez

Colaboração
Yonne Maria Polli

Secretária
Giovanina Pedroza

Administração
Jayme da Silva Corrêa Filho

Projeto Gráfico e Programação Visual
Rodolpho Oliva

NOVAMERICA
Rua 19 de Fevereiro, 160,
Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil
CEP: 22280 -030
Tel./Fax: (021) 542-6244/295-8033
E-mail: novamerica@ax.apc.org
www.ibase.org.br/~novamerica

A direção da revista não se responsabiliza pelas opiniões disseminadas nos artigos.

Publicação indexada em CLASE

Apoio

Espanha

GRUPO EDITORIAL SM

Brasil

I·N·T·E·R cultural

Los movimientos sociales de tendencias transnacionales y sociedades civiles globales



VIRGINIA VARGAS

Presidente del Centro de la Mujer Peruana Flora Tristán

Muchas expresiones de los movimientos sociales, que actúan en las sociedades civiles nacionales, han comenzado a actuar activamente en el ámbito global. La globalización ha implicado, según Waterman, una creciente centralidad del nivel supraterritorial o no territorial, de instituciones e instancias globales y, por lo tanto, la posibilidad y necesidad de desarrollar sociedades civiles globales. Esta esfera no es por sí misma democrática, ni todos los movimientos sociales actuando en esta esfera son de signo democrático. Las mismas fuerzas que expresan localismos autoritarios, identidades cerradas, actúan también activamente en esos espacios.

La sociedad civil global no es un paraíso no territorial de libertad, igualdad, solidaridad, cuidado ecológico y tolerancia política, dice Wateman. Pero sí puede ser un espacio privilegiado para la superación de estructuras, procesos, ideologías capitalistas, estadísticas y tecnocracias. Por ello mismo, debe más bien ser concebida como un hábitat a ser continua y conjuntamente construido. En ese hábitat, los movimientos sociales globales expresan inevitablemente sus tensiones internas y externas, negocian, revelan e incluso reproducen rasgos y prácticas que buscan superar, lo que expresa una ambigüedad intrínseca en la práctica de los movimientos sociales (Waterman, 1998). Porque la sociedad civil global, así como las nacionales, no será una sociedad homogénea. Contendrá bolsones y tendencias autoritarias, racistas, sexistas, antidemocráticas, así como tendencias democratizadoras. Hago énfasis, sin embargo, en la acción de aquellos movimientos de signo democrático cuyas dinámicas representan también un "terreno de disputa" no sólo frente a las lógicas excluyentes de los espacios globales oficiales sino también frente a los rasgos excluyentes y autoritarios de la sociedad civil global en formación.

Es un espacio conflictivo, donde el ideal no es, según Waterman, el establecer consensos o consentimientos públicos, sino más bien su valor está en la misma existencia de lo público y, por lo tanto, la posibilidad de disensos, escepticismos políticos, criticismos. Sin embargo, desde estas dinámicas contradictorias y complejas, se están abriendo espacios no sólo para levantar alternativas frente a los grandes problemas que afectan hoy a toda la humanidad, no sólo para descubrir y consagrar nuevos derechos ciudadanos a nivel global, sino también para impulsar la posibilidad real de ser un foro de defensa de derechos ciudadanos en las diferentes regiones y en los diferentes países de cada región.

Os movimentos sociais de tendências transnacionais e sociedades civis globais



VIRGINIA VARGAS
Presidente do Centro da Mulher Peruana Flora Tristán

Muitas expressões dos movimentos sociais que atuam nas sociedades civis nacionais começaram a atuar ativamente no âmbito global. Segundo Waterman, a globalização implicou uma crescente centralidade do nível supraterritorial ou não territorial, de instituições e instâncias globais e, portanto, a possibilidade e necessidade de desenvolver sociedades civis globais. Esta esfera não é democrática em si mesma, nem todos os movimentos sociais que nela atuam são de cunho democrático. As próprias forças que expressan localismos autoritários, identidades fechadas, também atuam ativamente nesses espaços.

A sociedade civil global não é um paraíso não territorial de liberdade, igualdade, solidariedade, cuidado ecológico e tolerância política, diz Wateman. Mas pode, isto sim, ser um espaço privilegiado para a superação de estruturas, processos, ideologias capitalistas, estatísticas e tecnocracias. Por isto mesmo, deve ser concebida antes como um habitat a ser contínua e conjuntamente construído. Nesse habitat, os movimentos sociais globais expressam inevitavelmente as suas tensões internas e externas, negociam, revelam e inclusive reproduzem traços e práticas que visam a superar, o que exprime a ambigüidade intrínseca da prática dos movimentos sociais (Waterman, 1998). Porque a sociedade civil global, assim como as nacionais, não será uma sociedade homogênea. Conterá bolsões e tendências autoritárias, racistas, sexitas, antidemocráticas, bem como tendências democratizadoras. Enfatizo, contudo, a ação dos movimentos de tipo democrático, cujas dinâmicas também representam um "terreno de disputa" não apenas frente às lógicas excludentes dos espaços globais oficiais, mas também em relação aos trasços excludentes e autoritários da sociedade civil global em formação.

É um espaço conflitivo, onde o ideal não é, segundo Waterman, estabelecer consensos ou consentimentos públicos. O seu valor está, antes, na própria existência do público e, portanto, da possibilidade de dissensos, ceticismos políticos, críticas. No entanto, a partir destas dinâmicas contraditórias e complexas estão sendo abertos espaços não só para levantar alternativas diante dos grandes problemas que hoje afetam toda a humanidade, não só para descobrir e consagrar novos direitos cidadãos no plano global, mas também para impulsionar a possibilidade real de ser um fórum de defesa de direitos cidadãos nas diferentes regiões e nos diferentes países de cada região.

NOVAMERICA

NOVAMERICA - Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo
CEP: 22280-030 - Tel/Fax: (55) (021) 542-6244
E-mail: novamerica@ax.apc.org - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Nº 89 - ISSN 0325-6960